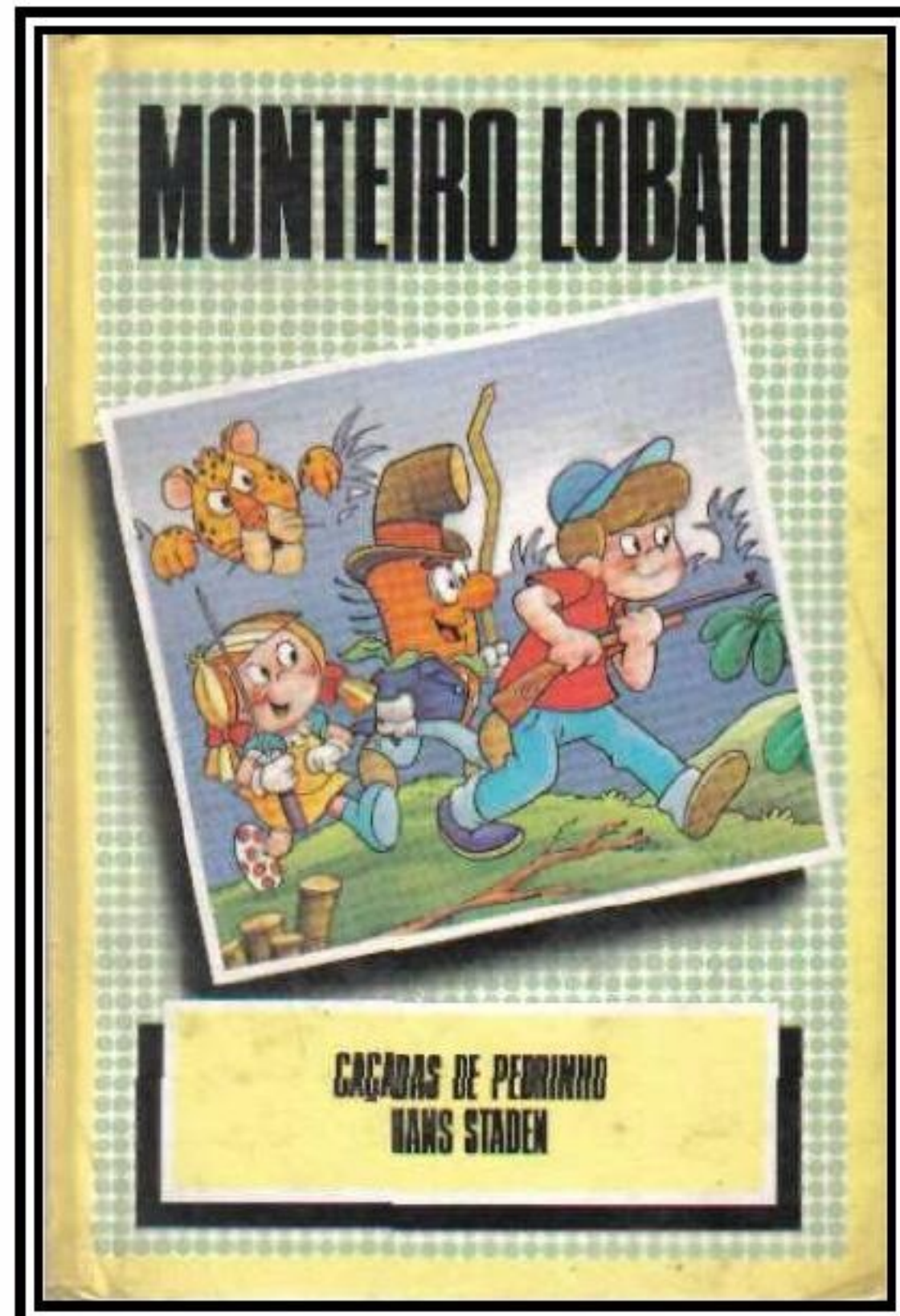


Monteiro Lobato

O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO



CAÇADAS DE PEDRINHO HANS STADEN

Vol. III

Edição Integral e Ilustrada

Digitalização e Revisão

Arlindo_San

CAÇADAS DE PEDRINHO

I

E era onça mesmo!



Dos moradores do sítio de Dona Benta o mais andejo era o Marquês de Rabicó. Conhecia todas as florestas, inclusive o capoeirão dos Taquaruçus, mato muito cerrado onde Dona Benta não deixava que os meninos fossem passear. Certo dia em que Rabicó se aventurou nesse mato em procura das orelhas-de-pau que crescem nos troncos podres, parece que as coisas não lhe correram muito bem, pois voltou na volada.

— Que aconteceu? — perguntou Pedrinho, ao vê-lo chegar todo arrepiado e com os olhos cheios de susto. — Está com cara de Marquês que viu onça...

— Não vi, mas quase vi! — respondeu Rabicó, tomando fôlego. — Ouvi um miado esquisito e dei com uns rastos mais esquisitos ainda. Não conheço onça, que dizem ser um gato assim do tamanho dum bezerro. Ora, o miado que ouvi era de gato, mas muito mais forte, e os rastos também eram de gato, mas muito maiores. Logo, era onça.

Pedrinho refletiu sobre o caso e achou que bem podia ser verdade. Correu em procura de Narizinho.

— Sabe? Rabicó descobriu que anda uma onça no capoeirão dos Taquaruçus!...

— Uma onça? Não me diga! Vou já avisar vovó...

— Não caia nessa — advertiu o menino. — Medrosa como ela é, vovó ou morre de medo ou trata de nos levar hoje mesmo para a cidade. Muito melhor ficarmos quietos e caçarmos a onça.

A menina arregalou os olhos.

— Está louco, Pedrinho? Não sabe que onça é um bicho feroz que come gente?

— Sei, sim, como também sei que gente mata onça.

— Isso é gente grande, bobo!

— Gente grande!... — repetiu o menino, com ar de pouco-caso. — Vovó e Tia Nastácia são gente grande e, no entanto, correm até de barata. O que vale não é ser gente grande, é ser gente de coragem, e eu...

— Bem sei que você é valente como um galo garnisé, mas olhe que onça é onça. Com um tapa derruba qualquer caçador, diz Tia Nastácia.

O menino bateu no peito com arrogância.

— Pois quero ver isso! Vou organizar a caçada e juro que hei de trazer essa onça aqui para o terreiro, arrastada pelas orelhas. Se você e os outros não tiverem coragem de me acompanhar, irei sozinho.

A menina arrepiou-se de entusiasmo diante de tamanha bravura e não quis ficar atrás.

— Pois vou também! — gritou. — Uma menina de nariz arrebitado não tem medo de coisa nenhuma. Vamos convidar os outros.

Saíram os dois em busca dos demais companheiros. O primeiro encontrado foi o Marquês de Rabicó, que estava na porta da cozinha, ocupadíssimo em devorar umas cascas de abóbora.

— Apronte-se, Marquês, para tomar parte na expedição que vai caçar a onça aparecida lá na mata.

Aquela notícia fez o leitão engasgar com a casca de abóbora que tinha na boca.

— Caçar a onça? Eu? Deus me livre!...

Pedrinho impôs energicamente:

— Vai, sim, ainda que seja para servir de isca, está ouvindo, seu covarde?

Rabicó tremia que nem geléia fora do copo.

— Um fidalgo! — prosseguiu Pedrinho, em tom de desprezo. — Um filho do grande Visconde de Sabugosa a tremer assim de medo! Que vergonha...

Rabicó não replicou. Bebeu um gole d'água para acalmar os nervos e voltou às suas cascas de abóbora com esta idéia na cabeça: “No momento hei de dar um jeito qualquer. Não tem perigo que eu me deixe comer cru pela onça”.

O luxo dos leitões é serem comidos assados ao forno, com rodela de limão em redor e um ovo cozido na boca...

O segundo convidado foi o Visconde de Sabugosa, o qual aceitou a proposta com aquela dignidade e nobreza que marcavam todos os seus atos de fidalgo dos legítimos. Iria para vencer ou morrer. Viscondes da sua marca mostram o que valem justamente nos momentos perigosos.

Depois convidaram Emília, que recebeu a idéia com palmas.

— Ora, graças! — exclamou. — Vamos ter enfim uma aventura importante. A vida aqui no sítio anda tão vazia que até me sinto embolorada por dentro. Irei, sim, e juro que quem vai matar a onça sou eu...

Esse dia e o outro foram passados em preparativos. Pedrinho levaria uma espingarda que ele mesmo tinha fabricado escondido de Dona Benta, com cano de guarda-chuva e gatilho puxado a elástico. Estava carregada com a pólvora duns pistolões sobrados da última festa de São Pedro.

A arma que Narizinho escolheu foi a faca de cortar pão, instrumento mestiço de faca e serrote.

O Visconde recebeu um sabre feito de arco de barril, bastante pontudo, mas danado para entortar. Em vista da sua importância e do seu título, também recebeu o comando da expedição.

— E você, Emília, que arma leva? — perguntou Narizinho.

— Levo o espeto de assar frangos. Tenho mais fé naquele espeto do que nas armas de vocês todos.

Restava o Marquês. Como fosse um grande medroso, em vez de arma Pedrinho deu-lhe arreios. Rabicó iria puxando um canhãozinho feito dum velho tubo de chaminé, que o menino havia montado sobre as rodas do seu carrinho de cabrito. Para carregar o canhãozinho foi necessário empregar a pólvora de três pistolões. Servia de bala uma pedra bem redondinha, encontrada nos pedregulhos do rio. Indo atrelado ao canhão, o grande Marquês ficaria impedido de fugir.

No dia marcado tomaram o café com farinha de milho da manhã e saíram na ponta dos pés, para que as duas velhas nada percebessem. Passaram a porteira do pasto, atravessaram a mata dos Tucanos Vermelhos e de lá seguiram rumo ao capoeirão da onça.

Rabicó não havia mentido. Os rastos da onça estavam impressos na terra úmida. Ao fazerem tal descoberta o coração dos cinco heróis bateu mais apressado. Dos cinco, não; dos quatro, porque, como todos sabem, Emília não tinha coração.

— Que é isso, Pedrinho — disse a boneca, notando a palidez do chefe. — Será medo?

— Não é medo não, Emília. É...

— É... receio, eu sei — caçoou a terrível bonequinha.

— Não brinque comigo, Emília! — gritou Pedrinho, avermelhando de raiva. — Você e toda gente sabe que só tenho medo duma coisa neste mundo — maribondo. De mais nada, hem?

O Visconde, que havia trazido a tiracolo o binóculo de Dona Benta, ajustou-o aos olhos para examinar “detetivamente” os rastos.

— É de onça, sim, e de onça-pintada — disse ele.

— Como sabe?

— Estou vendo no chão dois pêlos, um amarelo e outro preto.

Aquela confirmação de que era onça mesmo, e das grandes, desanimou profundamente Rabicó. Gotas de suor frio começaram a pingar da sua testa. Teve ímpetos de soltar-se do canhãozinho e disparar para casa; só não o fez de medo que Pedrinho lhe despejasse no lombo a carga de chumbo destinada à onça. E resignou-se ao que desse e viesse.

Orientados pelos rastos da onça, os caçadores não podiam errar. Era seguir na direção deles, que fatalmente dariam com a bicha.

— Avante, Sabóia! — gritou Pedrinho, espichando no ar a espingarda como se fosse espada.

— Avante! — repetiram todos os outros, menos Rabicó, que estava sem fala.

E com o maior entusiasmo os heroizinhos foram caminhando durante meia hora.

Súbito, o Visconde, que ia na frente, de binóculo apontado, gritou com voz firme:

— A onça...

— Onde? — indagaram todos, ansiosos.

— Lá longe, naquela moita — lá, lá... Realmente, alguma coisa se mexia na moita indicada e não tardou que uma enorme cara de onça aparecesse por entre as folhas, espiando para o lado dos cinco heróis.

Pedrinho dispôs tudo para o ataque. Assestou na direção da moita o canhãozinho e ordenou ao artilheiro Rabicó, enquanto o desatrelava:

— Fique nesta posição. Quando ouvir a voz de “Fogo!” risque um fósforo, acenda a mecha e dispare.

— Disparo para casa? — perguntou o artilheiro, mais trêmulo do que uma fatia de manjar branco.

— Dispare o canhão, idiota! — berrou Pedrinho. Enquanto isso, a onça deixava a moita e com o andar manhoso dos gatos dirigia-se, agachada, para o lado deles. Era o momento. O Visconde ergueu a espada e com voz grossa de comandante superior deu um berro de comando:

— Fogo!

Rabicó, todo treme-treme, não conseguiu nem riscar o fósforo. Foi preciso que Pedrinho viesse ajudá-lo. Por fim riscou-o e deitou fogo à mecha. Ouviu-se um chiado e logo depois um tiro soou — *Pum!* Mas um tiro chocho que não valeu nada. A bala de pedra rolou a dois passos de distância, imaginem: Havia falhado a artilharia, na qual eles depositavam tantas esperanças.

Pedrinho então disparou a sua espingardinha. Outro tiro chocho que nada valeu e só serviu para irritar a fera. Viram-na arreganhar os dentes e apressar a marcha na direção dos atacantes.

A situação tornava-se muito séria e Pedrinho, desapontado com o nenhum efeito das armas de fogo, berrou a plenos pulmões:

— Salve-se quem puder!

Foi uma debandada. Cada qual tratou de si e, como se houvessem virado macacos, todos procuraram a salvação nas árvores. Felizmente havia ali um pé de grumixama que dava para abrigar o grupo inteiro. Nele treparam, sem dificuldade, Pedrinho, Narizinho e Emília. Já o velho Visconde embaraçou as pernas na bainha da espada e com toda a sua importância estendeu-se no chão, ao comprido. Foi preciso que o menino o pescasse com o gancho dum galho seco.

Rabicó fez coisa de que ninguém nunca o julgaria capaz: botou-se à árvore que nem gato e conseguiu enganchar-se na forquilha do primeiro tronco. Pedrinho e Narizinho, que estavam no galho acima, puderam agarrá-lo pela orelha e içá-lo fora do alcance da onça. Quando a fera chegou, estavam já todos muito bem empoleirados e livres dos seus botes.

A onça, desapontadíssima, ali permaneceu, sentada sobre as patas de trás, com os olhos fixos nos caçadores que a tinham logrado. Parece que sua intenção era ficar de guarda até que eles descessem.

— Espera que te curo — disse Pedrinho, lembrando-se que trazia no bolso um pouco da pólvora dos pistolões. Tomou um punhado e, ajeitando-se no galho que ficava bem a prumo sobre a onça, derramou-lhe a pólvora em cima dos olhos.

A idéia valeu. Completamente cega pela pólvora, a onça pôs-se a corcovear que nem doida, enquanto esfregava os olhos com as munhecas, como se quisesse arrancá-los.

— É hora! Avança, macacada! — gritou Pedrinho, escorregando pela árvore abaixo.

Todos o imitaram. Apanharam as armas e se arrojaram contra a fera com verdadeira fúria. Narizinho esfregou-lhe a faca no lombo, como se a onça fosse pão e ela quisesse tirar uma fatia. O Visconde conseguiu, depois de várias tentativas, enterrar-lhe no peito o seu sabre de arco de barril. Emília fez o mesmo com o espeto de assar frango. Pedrinho macetou-lhe o crânio com a coronha da sua espingarda. Até Rabicó perdeu o medo e, depois de carregar de novo. o canhão, deu-lhe um bom tiro à queima-roupa.

Assim atacada de todos os lados, a onça não teve remédio senão morrer. Estrebuchou e foi morrendo. Quando deu o último suspiro, Pedrinho, no maior entusiasmo de sua vida, entoou um canto de guerra:

— Ale guá, guá, guá...

E todos responderam em coro:

— Hurra! Hurra! Pica-Pau Amarelo!...

II

A volta para casa



Foi um delírio de contentamento. Os caçadores rodearam a onça morta, discutindo as peripécias da formidável aventura. Emília reclamou logo todas as honras para si.

— Se não fosse a minha espetada com o espeto de assar frango, queria ver...

— O que decidiu tudo foram as facadas que eu dei — alegou Narizinho.

— Qual nada! Juro que foi o meu tiro de canhão — disse Rabicó.

— Pexote! — berrou Pedrinho. — A bala de canhão nem arranhou a pele da onça, não está vendo?

Como daquela disputa pudesse sair briga, o Visconde ponderou gravemente:

— Todos ajudaram a matar a onça e todos merecem louvores. Mas se não fosse a pólvora de Pedrinho, estaríamos perdidos; de maneira que a Pedrinho cabe a melhor parte da vitória. Depois de cegar a onça, tudo ficou mais fácil e cada qual fez o que pôde. Basta de discussões. Em vez disso, tratemos mas é de levá-la para casa.

Os heróis concordaram com o sensatíssimo Visconde e Pedrinho afundou no mato para tirar cipós, visto não terem trazido corda. Logo depois reapareceu com um rolo de cipó ao ombro.

— Segure aqui! Puxe lá! Força! Vamos!...

Pedrinho conduziu o trabalho da amarração da onça ajudado por todos, menos Emília, que se afastara dali e estava numa grande prosa com dois besouros que tinham vindo assistir à cena. Bem amarrada que foi a onça, era preciso conduzi-la até a casa. Foi o que mais custou. Em certo ponto do caminho, Rabicó, que suava em bicas, parou para tomar fôlego.

— Francamente — disse ele — prefiro matar dez onças a puxar uma só! Estou que não posso mais...

Pararam todos para um bem merecido descanso e sentaram-se em cima do pêlo macio da fera morta. Vendo que o sol já ia alto, Narizinho disse:

— Pobre vovó! Passa bem maus momentos por nossa causa. A estas horas deve estar aflitíssima a procurar-nos por toda parte...

— Mas vai consolar-se vendo a bichona que matamos — disse Pedrinho.

“Que matamos, uma ova!”, pensou, lá consigo, Rabicó. “Que eu matei com o meu tiro de canhão, isso sim.”

Pensou apenas. Não teve coragem de o dizer em voz alta, de medo do pontapé que Pedrinho fatalmente lhe pregaria.

Descansados que foram, prosseguiram na caminhada. Duas horas depois avistavam a casa, e viram Dona Benta e Tia Nastácia, muito aflitas, procurando-os pelo pomar. Pedrinho pôs na boca dois dedos e desferiu um célebre assobio que só ele sabia dar. As velhas voltaram-se na direção do som e Tia Nastácia, que tinha melhor vista, enxergou-os logo.

— Lá vêm vindo eles, sinhá! e vêm puxando uma coisa esquisita... Quer ver que caçaram alguma paca?

Aproximaram-se os heróis. Penetraram no terreiro. Narizinho, de longe, gritou:

— Adivinhe, vovó, o que matamos!

Dona Benta respondeu:

— Uns danadinhos como vocês são bem capazes de terem matado alguma paca...

A menina deu uma risada gostosa.

— Qual paca, nem pêra paca, vovó! Suba!

— Então, algum veado — lembrou a velha, começando a arregalar os olhos.

— Suba, vovó!

— Porco-do-mato, será possível?

— Suba, suba!

Dona Benta principiou a abrir a boca.

— Então foi capivara...

— Vá subindo, vovó!

A boa senhora não sabia como subir além duma capivara, que era o maior animal existente por ali. Narizinho, então, chegou-se para ela e disse, fazendo uma careta de apavorar:

— Uma onça, vovó!

O susto de Dona Benta foi o maior da sua vida — tão grande que caiu sentada, com sufocação, exclamando:

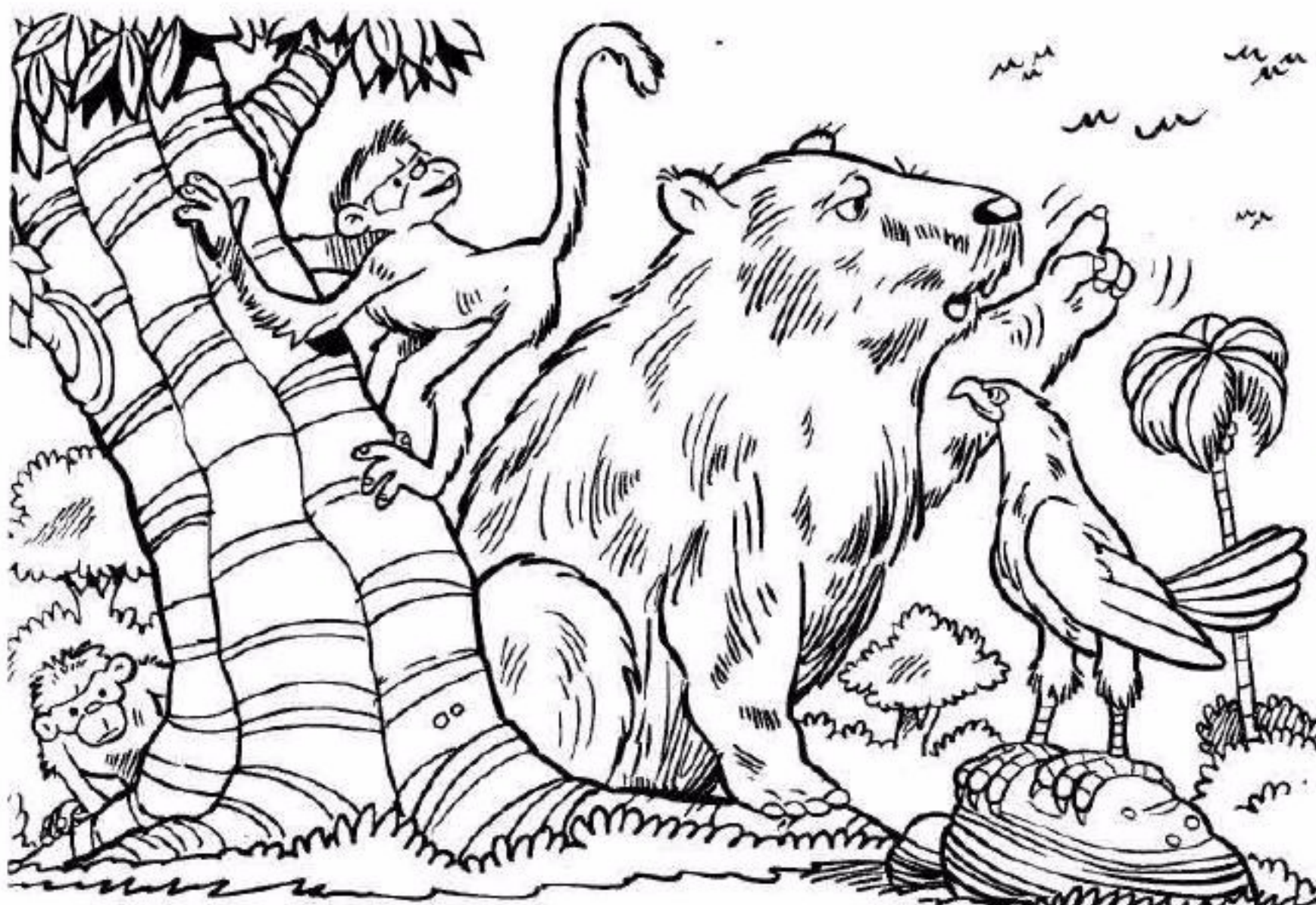
— Nossa Senhora da Aparecida! Esta criançada ainda me deixa louca...

Mais corajosa, a negra aproximou-se, viu que era mesmo onça e:

— O mundo está perdido, sinhá — murmurou, de mãos postas. — É onça mesmo...

III

Os habitantes da mata se assustam



As cenas da caçada da onça haviam sido presenciadas por muitos animaizinhos selvagens, entre eles um intrometidíssimo sagüi. Ficou tão admirado da proeza dos meninos que levou longo tempo a piscar muito depressa — sinal de que estava pensando alguma idéia de sagüi. Por fim resolveu-se e, pulando de galho em galho, foi em busca duma capivara que morava perto, na beira do rio.

— Sabe, Dona Capivara, o que aconteceu à onça da Toca Fria? Morreu... — disse ele, fazendo uma carinha muito assustada.

— Morreu de quê, sagüi? — indagou a capivara. — De morte morrida ou de morte matada?

— De morte matadíssima. Os meninos do sítio de Dona Benta mataram-na a tiros e facadas e espetadas, e depois a arrastaram com cipós até lá, ao terreiro.

E contou por miúdo toda a cena a que havia assistido. A capivara abriu a boca. Aquela onça era o terror de todos os bichos da redondeza, graças à sua força e ferocidade. Por várias vezes os caçadores das terras vizinhas haviam organizado batidas a fim de dar cabo dela, sem nenhum resultado. A onça escapava sempre. Como, então, fora vítima dos netos de Dona Benta, simples crianças? Era espantoso, não havia dúvida. E se essas crianças haviam matado a onça dominadora da mata, com muito maior facilidade matariam a qualquer outro filho das selvas, fosse veado, paca, tatu ou mesmo capivara.

— A situação é bastante grave — disse, por fim, o animalão, depois de muito pensar e repensar. — Vejo que esses meninos constituem um grande perigo para nós aqui. Vou reunir uma assembléia de todos os bichos, para discutirmos o caso e tomarmos as medidas necessárias à nossa segurança.

Ia passando pelo céu azul um gavião perseguindo dois bem-te-vis. A capivara chamou-os.

— Parem com essa eterna briga e venham ouvir o que tenho a dizer. A situação de todos os viventes da floresta é muito séria.

Quando a vida dos animais selvagens se vê ameaçada de perigo geral, as velhas rivalidades cessam. A jaguatirica deixa de perseguir as lebres. A lontra esquece a fome e pode até conversar amavelmente com os peixes de que se alimenta. O cachorro-do-mato passa perto do porco-espinho sem que este erice as agulhas. Assim, ao ouvirem as palavras da capivara, tanto o gavião como os bem-te-vis esqueceram a briga e vieram sentar-se diante dela, um ao lado do outro, como se nada tivesse havido entre eles.

— Os meninos de Dona Benta mataram a onça da Toca Fria — começou a capivara. — Ora, se mataram a onça, que era a rainha da floresta, o mesmo farão, com a maior facilidade, a qualquer outro bicho menos forte do que a onça. Estamos pois com as nossas vidas ameaçadas de grande perigo e temos de tomar providências. Por isso quero convocar uma reunião de todos os animais. Vocês, que voam, sejam meus mensageiros.

Voem sobre a mata e avisem a todos para que estejam aqui reunidos, amanhã à noite, debaixo da Figueira-Brava.

O gavião e os bem-te-vis obedeceram. Voaram de árvore em árvore, dando uns pios que significavam reunião geral na Figueira-Brava no dia seguinte.

Essa figueira parecia ter mil anos de idade. Era a maior árvore da zona. Em seu tronco o tempo abrira um enorme oco, no qual dez homens poderiam abrigar-se perfeitamente. Erva nenhuma crescia debaixo dela, porque as ervas não crescem onde não bate sol e ali havia séculos que não batia um raio de sol.

No dia seguinte, à tarde, os animais foram chegando. Vieram as pacas, tão medrosinhas; vieram os veados ariscos; as antas pesadonas; os quatis sempre alegres e brincalhões; os cachorros-do-mato e as irarás de olhar duro; as jaguatiricas de movimentos macios. Vieram os tatus encapotados em suas cascas rijas; as lontras embrulhadas em suas capas de pele macia como o veludo; as preás assustadinhas. Também vieram cobras — as jibóias enormes que engolem um bezerro taludo; as cascavéis de guizos na ponta da cauda; as lindas corais-vermelhas; as muçuranas que se alimentam de cobras venenosas sem que nada lhes aconteça. E sapos — desde o sapo-ferreiro, cujo coxo lembra marteladas em bigorna, até a pequenina perereca, que vive pererecando pelo mundo. E aves, desde o negro urubu fedorento, até essa jóia de asas que se chama beija-flor. E ainda insetos — borboletas de todos os desenhos e cores, besouros de todas as cascas, serra-paus de todas as serras. E joaninhas e louva-a-deus e carrapatos...

Os macacos empoleiraram-se nos galhos da figueira e no rebordo inferior do oco. Enquanto esperavam, divertiam-se fazendo cabriolas das mais complicadas, e caretas.

Logo que os viu reunidos, a capivara tomou a palavra e expôs a situação perigosa em que se achavam todos.

— Quem faz um cesto faz um cento — disse ela. — O fato de terem matado a onça vai encher de coragem esses meninos e fazê-los repetir suas entradas nesta floresta a fim de nos caçar a todos. O caso é bastante sério.

— Peço a palavra! — gritou o bugio, que estava de cabeça para baixo, seguro pelo rabo no seu galho. — Acho que o melhor meio de vocês escaparem à fúria desses meninos é fazerem como nós fazemos: morar em árvores. Quem mora em árvores está livre de todos os perigos do chão.

— Imbecil! — resmungou a capivara, furiosa de tamanha asneira. — Não é à toa que os macacos se parecem tanto com os homens. Só dizem bobagens. Esta reunião foi convocada para discutir-se a sério, visto que o caso é muito sério. Quem tiver uma idéia mais decente que a deste idiota pendurado, que tome a palavra e fale.

Um jabuti adiantou-se e disse:

— O meio que vejo é mudar-nos para outras terras

— Que terras? — replicou a capivara. — Não há mais terras habitáveis neste país. Os homens andam a destruir todas as matas, a queimá-las, a reduzi-las a pastagens para bois e vacas. No meu tempo de menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Agora, quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. Os homens estragaram este país. A idéia do jabuti não vale grande coisa. Impossível mudar-nos, porque não temos para onde ir.

— Amor com amor se paga — disse uma jaguatirica. Matando a nossa rainha esses meninos nos declararam guerra. Paguemos na mesma moeda. Declaremos guerra a eles. Reunamos todos os animais de dentes agudos e garras afiadas para um assalto ao sítio de Dona Benta.

A capivara ficou pensativa. Isso de assaltar um sítio era realmente coisa que só onças e jaguatiricas podiam fazer, porque são animais guerreiros.

— Sim — disse a capivara —, a idéia não me parece de todo má, mas semelhante guerra só poderá ser feita por vocês, onças, ajudadas pelos cachorros-do-mato e irarás. Eu, por exemplo, e também as pacas e veados e lontras e borboletas e serra-paus e carrapatos, não entendemos nada de guerra.

— Pois que fique a luta a nosso cargo — disse a jaguatirica. — Encarregar-me-ei de reunir todas as onças e jaguatiricas e cachorros-do-mato e irarás da floresta para um ataque ao sítio de Dona Benta. Havemos de vencer aqueles meninos e comer a todos da casa — inclusive as duas velhas.

A assembléia aprovou a lembrança. “Muito bem!”, pensaram os animais. As onças fariam a guerra. Se vencessem, a bicharia inteira das selvas estaria salva de novas incursões dos meninos. Se não vencessem, a vingança deles iria recair sobre as onças, não sobre os outros. Ótimo!

— Está aprovada a idéia — disse a capivara. — A Senhora Jaguatirica encarregar-se-á de falar com as suas companheiras, com as onças grandes, as irarás e cachorros-do-mato, combinando do melhor modo os planos estratégicos. E nós, animais pacíficos, comedores de ervas, ficaremos de lado, ajudando os guerreiros com as nossas “torcidas”.

A assembléia dissolveu-se. Cada qual foi para sua casa, enquanto a jaguatirica disparava em procura das companheiras a fim de combinar os meios de conduzir a guerra.

IV

Os espiões da Emília



Entre os animais da floresta que iam atacar o sítio de Dona Benta havia traidores. Eram os espiões da Emília. A terrível bonequinha fizera amizade com um casal de besouros cascudos, muito santarrões, que viviam fingindo estar a dormir mas que não perdiam coisa nenhuma do que se passava na floresta. Na reunião dos animais também eles estiveram presentes, vendo e ouvindo tudo lá do seu cantinho. Em seguida foram dar parte do acontecido à boneca.

— Eles vão atacar a casa e comer toda a gente do sítio — disse o besouro com voz cautelosa.

— Eles quem? — indagou Emília.

— As onças, as irarás e os cachorros-do-mato.

— Elas, então — disse Emília, que implicava muito com a regra de gramática que manda pôr pronome no masculino quando há diversos sujeitos de sexos diferentes. Elas vão atacar o sítio, não é? Pois que venham. Serão muito bem recebidas. Tenho lá um espeto próprio para espetar onça, irará, jaguatirica e cachorro-do-mato.

Mas os besouros contaram minuciosamente tudo quanto tinham ouvido na assembléia da capivara e a boneca viu que o caso não era de brincadeira. Resolveu lá consigo ir incontinenti avisar Pedrinho, mas para não dar a perceber os seus receios fez-se de valentona.

— Veremos! — disse aos besouros, muito admirados daquele sangue-frio. — Veremos! Nós matamos há pouco uma onça-pintada, a maior que existia por aqui, e faremos a mesma coisa até para leões e hipopótamos, se aparecerem. A bicharia há de convencer-se de que conosco ninguém brinca. Atacar o sítio! Desafortunados... E para quando é a guerra?

— O dia ainda não está marcado. A jaguatirica anda a correr a mata para reunir os atacantes.

— Muito bem — concluiu Emília, sem pestanejar. — Continuem espionando e avisando-me de tudo quanto souberem. Vou prevenir Pedrinho.

Emília voltou para casa de carreira e, já de longe, foi gritando pelo menino. Encontrou-o na varanda, a fazer uma arapuca de talos de folhas de embaúva para apanhar rolinhas.

— Largue disso — gritou Emília, ao galgar a escada. — Temos novidade grande. O sítio vai ser assaltado pelas onças, cachorros-do-mato e irarás.

Pedrinho olhou para ela com os olhos arregalados.

— Que bobagem está você dizendo, Emília? Assaltado, por quê? Como?

A boneca desfiou toda a conversa tida com os besouros e concluiu:

— Temos guerra, é isso. Matamos a onça e agora a onçada inteira quer a desforra.

Pedrinho refletiu por alguns instantes. Depois recomendou:

— Não diga nada a vovó, nem a Tia Nastácia, pois são capazes de morrer de medo. Vou estudar o caso e organizar a defesa. Vá depressa ver Narizinho e o Visconde. Diga-lhes que me esperem no pomar, debaixo da jabuticabeira grande. Aqui na varanda não podemos tratar disso. Vovó descobriria tudo.

Minutos depois realizava-se, debaixo da jabuticabeira grande, uma segunda assembléia, menos numerosa que a dos bichos. Compareceram todos, inclusive o Marquês de Rabicó. Pedrinho pediu à boneca que repetisse a sua conversa com os besouros espiões. Emília repetiu-a, terminando assim:

— É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém — nem Tia Nastácia, que tem carne preta. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena.

O Marquês de Rabicó sorriu. Se as onças iam devorar todos os bípedes, ele, na sua nobre qualidade de quadrúpede, estaria fora da matança. “Que felicidade ser quadrúpede!”, refletiu, lá consigo, o maroto.

Pedrinho começou a estudar a defesa.

— Sabem do que mais? — disse ele. — Vou abrir uma linha de trincheiras em redor da casa.

— Inútil isso, Pedrinho — objetou a menina. — As onças são umas danadas para saltar. Pulam qualquer trincheira.

Pedrinho achou razoável a observação e refletiu um pouco mais. Depois disse:

— Nesse caso, podemos rodear a fazenda duma cerca de paus-a-pique, bem pontudos. Construir uma estacada, como faziam os índios.

— Impossível — objetou outra vez Narizinho. — Para fazer semelhante estacada teríamos de contratar vários homens para cortar os paus e fincá-los — e vovó desconfiaria e viria a saber de tudo. Com estacada não vai. Temos de descobrir outro meio.

E, voltando-se para o Visconde que ainda não pronunciara uma só palavra:

— Qual a sua opinião, Visconde?

Como tivesse corpo de sabugo, o Visconde jamais mostrou o menor medo de onça, ou de qualquer outro animal carnívoro. Só tinha medo de vaca, bezerro, cavalo e outros animais comedores de sabugo. Por isso, caçoou:

— Ataque de onça! Ora, ora. Que valem onças? Se fosse um ataque de vacas, sim, compreendo que estivéssemos assustados. Mas de onças...

— E você, Rabicó, que acha? — perguntaram ao Marquês.

O Marquês nunca achava coisa nenhuma. Sua preocupação única era descobrir coisas de comer. Quando lhe pediam opinião sobre abóboras, chuchus, cascas de bananas ou mandioca, ele dava opiniões ótimas. Mas sobre onças...

— Eu acho que... que... que... — e engasgou.

— Quequereque... Para achar isso não valia a pena ter aberto a boca — disse Pedrinho. — Temos que achar qualquer coisa. Temos que resolver. O caso é dos mais sérios. Nossas vidas correm perigo, bem como as vidas de vovó e Tia Nastácia. Vamos! Venham idéias. Dêem tratos à bola e resolvam.

— Tenho uma idéia excelente! — gritou Narizinho, batendo palmas.

— Qual é? — exclamaram todos, voltando-se para ela.

— É deixarmos isto para amanhã. As grandes coisas devem ser bem pensadas e não podem ser decididas assim, do pé para a mão. A guerra não é para já, pois que a jaguatirica ainda anda a avisar as companheiras. Até que fale com todas e organizem o plano de ataque, passar-se-ão alguns dias. Para agora tenho uma coisa excelente a fazer. Uma surpresa...

Disse e ergueu-se, correndo para a margem do ribeirão, onde na véspera Tia Nastácia havia escondido qualquer coisa. Todos a seguiram, curiosos.

— Que é, que é, Narizinho? Que surpresa é essa?

Em vez de responder, a menina espalhou um montinho de folhas secas que havia junto às pedras do rio e revelou, aos olhos do bando, um lindo cacho de brejaúvas.

— Viva! Viva! — gritou Pedrinho, que se pelava por brejaúvas. — Como arranjou isto, Narizinho?-

— Foi o Antônio Carapina que nos mandou de presente ontem à noite. Tia Nastácia recebeu o cacho e veio escondê-lo aqui para que não acontecesse como da outra vez, que sujamos de cascas a varanda.

— E por que não me disse nada?

— Para fazer uma surpresa. Não acha que foi melhor assim?

Sentaram-se todos em redor do cacho de brejaúvas e começaram a partir os cocos sobre uma grande laje que havia ali.

— Ótimas! — exclamou o menino, comendo com gula a deliciosa polpa branca e macia daqueles cocos no ponto. — O Antônio Carapina tem as melhores lembranças do mundo. Prove, Emília, este pedacinho...

Minutos depois estava o chão coberto de cascas, por entre as quais passeava o focinho de Rabicó, lambiscando o que podia. Enquanto isso, as onças lá na mata marcavam o ataque ao sítio para o dia seguinte. Felizmente os dois besouros encapotados estiveram presentes à reunião e tudo ouviram dum galhinho seco.



— Eles mataram minha esposa! — clamava com voz trêmula de cólera um enorme onção (como dizia a Emília). — Estou viúvo da minha querida onça por artes daqueles meninos daninhos do sítio de Dona Benta. Mataram-na e levaram-na de arrasto, amarrada com cipós, até o terreiro da casinha onde moram. Tiraram-lhe a pele, que depois de esticada e seca ao sol está servindo de tapete na varanda. Ora, isto é crime que pede a mais completa vingança. Guerra, pois! Guerra de morte a essa ninhada de malfeitores.

— Guerra! Guerra! — exclamaram as jaguatiricas e suçuaranas e cachorros-do-mato e irarás ali reunidas (como queria a Emília).

O onção agradou-se daquele entusiasmo.

— Combinemos o seguinte — disse ele. — Amanhã de manhã cercaremos a casa de modo que ninguém escape. As irarás e cachorros-do-mato guardarão os lados e nós, onças, atacaremos pela frente.

— Bravos! Bravos! Assim o faremos! — gritaram, em coro, as feras.

— Assaltaremos a casa — prosseguiu o viúvo — e mataremos todos os seus moradores.

— Sim, matá-los-emos a todos! — repetiu o coro.

— E depois os comeremos um por um!

— Sim, sim, comê-los-emos a todos, um por um! — uivou a bicharia, com as línguas vermelhas a lamberem a beicaria feroz.

A assembléia dissolveu-se, indo cada qual para sua toca sem que nenhuma daquelas feras pensasse em caça naquele dia. Estavam a preparar uma fome especial para o almoço de carne humana que iam ter no dia seguinte.

Os besouros espiões tudo ouviram do seu galhinho e lá se foram, a zumbir, dar parte a Emília dos grandes acontecimentos. A boneca estava ansiosa por eles, visto como não os tinha visto na véspera.

— Então? — perguntou logo que os dois sonsos entraram na varanda como se fossem besouros à-toa, desses que se deixam atrair pela luz dos lampiões.

— É amanhã o ataque — responderam os dois besouros, que eram gêmeos e sempre falavam e agiam juntos. — As onças acabam de resolver isso numa reunião que tiveram debaixo da Figueira-Brava. Os cachorros-do-mato e as irarás guardarão os lados da casa, e as onças, guiadas pelo onço viúvo, darão o assalto. Também juraram matar e comer a todos.

Emília não empalideceu de susto, nem tremeu que nem vara verde, como aconteceria se ela fosse gente de verdade. Emília era a mais corajosa boneca que ainda existiu no mundo. Apenas disse:

— Isso de dizer que cerca e assalta e mata e devora é fácil. O difícil é cercar, assaltar, matar e devorar realmente. Nós saberemos defender-nos. Que venham as tais onças duma figa!

Os dois besouros não deixaram de admirar-se daquele espantoso sangue-frio.

— Mas de que armas dispõem vocês para lutar contra tantas feras raivosas? — perguntaram eles gemeamente, isto é, cada um dizendo uma palavra. O modo dos besouros conversarem com a boneca era esse. Um dizia as palavras pares e o outro dizia as palavras ímpares.

— Não sei — respondeu Emília. — Isso é com Pedrinho, o nosso generalíssimo. Ele está estudando o assunto — e eu também. Não sei ainda o que o General Pedrinho vai fazer, mas sei o que vou fazer. Pensei, pensei e repensei sobre o caso e já tenho cá uma idéia que vale ouro em pó.

— Qual — disse o primeiro besouro, é — disse o segundo, essa — continuou o primeiro, idéia? — concluiu o segundo.

— Não posso dizer em voz alta — respondeu Emília.

— Só ao ouvido — e chegando-se bem pertinho dos gêmeos cochichou-lhes ao ouvido a sua idéia pelo mesmo sistema, isto é, dizendo a palavra par ao besouro número 1 e a palavra ímpar ao besouro número 2.

Os besouros admiraram-se da esperteza da boneca e partiram — *zunn!* — a fim de cumprir as ordens recebidas.

Logo que os viu se sumirem no espaço, Emília foi correndo contar a Pedrinho o que acabava de ouvir dos seus espiões de casaca preta.

Pedrinho já havia resolvido o problema da defesa.

— Como não temos armas de fogo para enfrentar as onças — disse ele — lembrei-me do seguinte. Faço uma porção de pernas de pau bem compridas; um par de pernas para cada morador do sítio, inclusive o Marquês e as galinhas. Quando as onças nos atacarem, subiremos sobre essas pernas de pau, bem lá no alto — e quero ver!...

— E se as onças também subirem pelas pernas de pau acima? — perguntou a menina.

— Impossível — respondeu ele. — Além de serem pernas muito compridas e de bambu, que é liso, ainda serão enebadas. Cada uma corresponderá a um verdadeiro pau-de-sebo. Nem macaco será capaz de subir.

Foi considerada ótima a idéia e Pedrinho correu em busca da foice e do serrote. Com a foice cortou no bambuzal próximo meia dúzia de compridas varas de bambu, e com o serrote serrou-as do tamanho necessário. Depois, com um formão, abriu furos, nos quais fixou um estribo, isto é, uma travessinha em que um pé pudesse apoiar-se.

Prontas que foram as pernas de pau, tinham de exercitar-se um bocado. Nada mais fácil do que o equilíbrio sobre pernas de pau, mas mesmo assim não dispensa um pouco de prática. Quem começou foi Pedrinho, e como as pernas fossem muito altas teve de trepar a uma escada para colocar-se sobre elas. Assim fez, dando em seguida umas passadas tontas pelo terreiro, até acertar o equilíbrio. Em poucos minutos ficou tão hábil naquele pernilonguismo que até parecia ter anos de experiência.

Vendo a facilidade, Narizinho imitou-o. Trepou à escada e ajeitou-se sobre o par de pernas que lhe cabia. Também em minutos ficou adestrada a ponto de dar carreirinhas.

Emília e o Visconde não ficaram atrás. Eram jeitosos. Restava Rabicó.

— Vai começar a encrenca — disse Narizinho, quando chegou a hora do ilustre Marquês.

Assim aconteceu. A dificuldade principiou com aquele negócio de Rabicó ter quatro pernas, em vez de duas, como todas as criaturas decentes — os homens, as galinhas, as escadas. Rabicó tinha duas pernas mais que os outros, inutilíssimas pernas, porque se uma criatura pode viver muito bem com duas, ter quatro é ter pernas demais.

— Se eu tivesse clorofórmio e instrumentos cirúrgicos, fazia uma operação em Rabicó, transformando-o em bípede. Não deixa de ser uma vergonha um quadrúpede em nosso bando — disse Pedrinho.

Seguramente uma hora foi gasta naquilo de amarrar quatro pernas de pau nas perninhas do leitão e fazê-lo equilibrar-se sobre os espeques. Bem que ele esperneou, gritou, como se o estivessem matando com uma faca de ponta bem pontuda. Atraída pelos seus gritos, Tia Nastácia apareceu na porta da cozinha para ver o que era — e quase desmaiou de susto vendo o bandinho lá em cima, pernejando pernilongalmente pelo terreiro.

— Corra, sinhá! — gritou para dentro. — Venha ver o “felómeno” que aconteceu com a criançada. Está tudo pernilongo!...

Dona Benta apareceu à janela e assombrou-se da habilidade com que seus netos corriam e brincavam sobre pernas daquele comprimento, como se tivessem nascido pernaltas.

— Cuidado! — exclamou ela. — Se um de vocês perde o equilíbrio e vem ao chão, esborracha o nariz para o resto da vida. Mas que idéia foi essa, meninos?

Não houve remédio senão explicar-lhe tudo, mesmo porque Dona Benta e Tia Nastácia tinham também de colocar-se sobre tais pernas quando as onças chegassem.

— Às onças vão atacar o sítio amanhã, vovó, umas cinquenta — disse Pedrinho — e como não temos carabinas com que nos defender, a defesa que achei foi esta.

— Onças? Cinquenta? — repetiu Dona Benta, com os olhos arregaladíssimos. — Quem contou semelhante coisa?

— Os besouros gêmeos da Emília, vovó — disse Narizinho. — Acabam de nos avisar que as onças, para vingarem a morte da que matamos, organizaram um ataque ao sítio para amanhã.

As duas pobres velhas ficaram na maior aflição do mundo, como era natural. Com semelhantes travessuras, o terrível bandinho acabaria dando cabo delas, não havia dúvida. Tia Nastácia, de olhos arregalados do tamanho de xícaras de chá, até perdeu a fala. Limitava-se a fazer pelo-sinais, um em cima do outro.

— Mas isto não tem propósito, Pedrinho! — ralhou Dona Benta. — Vocês põem-me doida. Onças e logo cin-qüen-ta!... Como irei arranjar-me aqui embaixo, sozinha com Tia Nastácia?

— O remédio, vovó, é a senhora e Tia Nastácia meterem-se em pernas de pau também. Olhe, as suas já estão ali prontinhas, feitas sob medida — e as de Tia Nastácia são aquelas acolá...

A aflição das duas velhas cresceu ainda alguns pontos. O medo de serem comidas pelas onças se somou ao medo de caírem de cima de tão compridas pernas. Mas que fazer? Ficarem embaixo, sozinhas, era suicídio puro, porque seriam fatalmente comidas pelas onças.

Dona Benta cocou a cabeça, desanimada.

— Inútil procurar outra saída, vovó — disse Pedrinho.

— As onças amanhã de manhã estarão aqui para o assalto e ou a senhora se utiliza desta defesa pernil que inventamos, ou deixa-se devorar viva. Escolha.

Não havia escolha possível e, apesar dos seus sessenta anos e dos seus vários reumatismos, a pobre Dona Benta teve de trepar na escada e ajeitar-se sobre o par de andaimes que Pedrinho lhe destinara.

Custou! Além de ter os músculos emperrados, a boa velhinha era medrosíssima. Por várias vezes quis desistir, e só não desistiu porque os meninos não cessavam de lembrar que nesse caso seria fatalmente devorada, como a avó da Menina da Capinha Vermelha. Afinal aprendeu o equilíbrio, dando uns passos muito desajeitados pelo terreiro.

— Serve — disse Pedrinho, que dirigia a aprendizagem. — Já dá para escapar de onça. Tratemos agora de Tia Nastácia.

Aí é que foi a dificuldade. A pobre negra era ainda mais desajeitada do que Rabicó e Dona Benta somados. Quando depois de inúmeras tentativas, ia se tenteando sobre as pernas de pau, perdeu de súbito o equilíbrio e veio ao chão, num berro. Felizmente caiu sobre um varal de roupa e não se machucou.

— Não trepo mais nesses andaimes — exclamou ela, ainda enganchada no varal. — Prefiro que as onças me comam viva. Figa, rabudo!...

Mas isso de preferir que as onças nos comam vivos é conversa. Na hora em que onça aparece, até em pau-de-sebo um aleijado é capaz de subir. A pobre da Tia Nastácia ia ficar sabendo disso no dia seguinte...

VI

Aparece uma nova menina



De noite houve discussão das hipóteses que poderiam dar-se no dia seguinte. Dona Benta disse:

— Concordo que, se estivermos sobre pernas de pau, as onças não poderão apanhar-nos. Mas depois? E se elas resolverem ficar por aqui até que nos cansemos e sejamos forçados a descer?

Era uma hipótese bastante provável, que não havia ocorrido a Pedrinho. Sim; se as onças ficassem por lá, como era?

— Hão de cansar-se e ir-se embora — sugeriu Narizinho. — Quando a fome apertar, não fica nenhuma aqui.

— E se se revezarem? — lembrou Dona Benta. — E se, enquanto a metade das onças for caçar, a outra metade ficar montando guarda?

Pedrinho não soube responder, nem Narizinho, nem o Visconde. Ficaram todos de nariz caído, pensando nessa terrível hipótese. Quem respondeu foi a Emília, que andava toda misteriosa, piscando cavortemente, como quem tem no bolso a solução dum grande problema.

— Não tenham medo de coisa nenhuma — disse ela, por fim. — Arranjei umas granadas de mão, ótimas para espantar onças.

— Granadas de mão? — repetiu Pedrinho franzindo a testa. — Que história é essa, Emília?

— Uma surpresa. Preparei as granadas com a ajuda dos meus besouros. Fiz cinco, número suficiente para espantar até cem onças.

— E onde estão?

— No telhado.

— Por que no telhado?

— Botei-as lá para estarem ao meu alcance na hora em que as onças aparecerem e nós estivermos sobre as pernas de pau. Também botei lá pão com manteiga, um guarda-chuva e mais coisas. Pode nos apertar a fome, pode chover...

Narizinho estava intrigadíssima com o negócio das granadas.

— Explique isso melhor, Emília. Que granadas são essas?

— Nada posso dizer. É segredo. Só adiantarei que são de cera e do tamanho de laranjas-baianas.

Granadas de cera, do tamanho de laranjas-baianas! Ou a boneca estava de miolo mole... ou... Em todo o caso, como a Emília era uma danadinha capaz de tudo, os meninos e as velhas sossegaram um pouco mais.

A razão de Tia Nastácia haver desistido das pernas de pau era que não acreditava muito no tal assalto das onças. “Isso há de ser imaginação dessas crianças”, refletia de si para si. “Os diabretes vivem com a cabeça quente e inventam coisas para atormentar os mais velhos. Não acredito.”

Dona Benta igualmente não acreditou — no princípio. Depois, lembrando-se de outras coisas inda mais espantosas que já tinham acontecido, achou melhor acreditar.

— Qual nada, sinhá! — insistiu a negra. — Onde já se viu onça andar em bando a atacar casa de gente? Estou com setenta anos e nunca ouvi falar de semelhante coisa.

— Nem eu. Mas lembre-se, Nastácia, que também nunca vimos contar de nenhuma boneca que falasse, nem de nenhum visconde de sabugo que agisse tal qual uma gentinha — e aí estão a Emília e o Visconde de Sabugosa.

— Lá isso é — resmungou a preta, pendurando o beijo.

— Se isso é, como vai você arranjar-se amanhã, se as onças vierem mesmo e nos atacarem aqui?

— Como vou me arranjar? — repetiu Tia Nastácia, cocando a cabeça. — Não sei. Francamente não sei. Na hora veremos...

Ela continuava com a esperança de que o tal ataque das cinquenta onças não passasse duma “pulha” de Pedrinho para meter medo aos “mais velhos”.

Foram dormir. Cada qual sonhou pelo menos com uma onça. Emília, porém, teve sonhos cor-de-rosa, a avaliar-se pelos sorrisos que animaram seu rostinho durante a noite inteira. É que estava sonhando com as suas famosas granadas de cera...

Pela madrugada alguém bateu na porta da rua — toque, toque, toque... Pedrinho pulou da cama, assustado. “Seriam já as onças?” Os outros também se ergueram, inclusive Dona Benta e Tia Nastácia. Reuniram-se todos na sala de jantar, à escuta.

Nova batida — toque, toque, toque...

— Parece batida de nó de dedo — sussurrou Narizinho.

— Onça não bate assim.

Pé ante pé, a menina aproximou-se da porta e espiou pelo buraco da fechadura. Não viu onça nenhuma. Em vez disso viu... outra menina!

— Uma menina! — exclamou Narizinho, batendo palmas.

— Assim do meu tamanho, lindinha! Quem sabe se não é Capinha Vermelha?... Abro ou não a porta, vovó?

— Pois se é uma menina, abra. Veja primeiro se não vem algum lobo atrás, como aquele que acompanhou Capinha.

Narizinho espiou de novo e não viu lobo nenhum. Em vista disso, abriu. Uma menina muito desembaraçada, da mesma idade que ela, entrou.

— Boa madrugada para vocês todos! Boa madrugada, Dona Benta! Boa madrugada, Tia Nastácia!

A menina conhecia a todos da casa e, no entanto, não era conhecida de nenhum dali. Quem seria?

— Quem é você, menina? — perguntou Dona Benta, meio desconfiada.

— Não me conhecem? — tornou a desconhecidazinha com todo o espevitamento. — Pois sou a Cléu...

Foi uma alegria geral. Não havia ali quem não conhecesse de nome a famosa Cléu, que falava pelo rádio e de vez em quando escrevia cartas a Narizinho, dando idéias de novas aventuras.

— Viva, viva a Cléu! — exclamaram todos, numa grande alegria.

— Pois é — disse a menina sentando-se sobre a mesa — cá estou para conhecê-los pessoalmente. Desde que li as primeiras aventuras de Narizinho, fiquei doida por entrar para o bando. Moro em São Paulo, uma cidade muito desenxabida, com um viaduto muito feio e gente apressada, passeando pelas ruas. Enjoei do tal São Paulo e vim morar aqui. Fiquem certos duma coisa: o único lugar interessante que há no Brasil é este sítio de Dona Benta.

Todos mostraram-se contentíssimos. Dona Benta, entretanto, disse:

— Mas veio em má ocasião, Cléu. Imagine que justamente hoje o sítio vai ser atacado por um exército de onças e irarás e cachorros-do-mato.

— Ótimo! — respondeu a menina. — Um dos meus sonhos sempre foi ser atacada por um exército de onças e irarás e cachorros-do-mato, de modo que adivinhei vindo em momento tão propício...

— Ché... — exclamou lá consigo Tia Nastácia. — Agora é que o sítio pega fogo mesmo. Menina de “propícios”... Credo!

O dia estava clareando e, como as onças podiam chegar dum momento para outro, Pedrinho tratou de ensinar a Cléu o uso das pernas de pau, explicando-lhe que fora esse o meio que descobrira para se defenderem do ataque.

Tia Nastácia foi para a cozinha acender o fogo para o café. Estava de olho parado, pensando, pensando...

— A Cléu aqui! — murmurava ela, olhando para o fogo. — Ché...

VII

O assalto das onças



Depois de tomado o café com farinha de milho, Pedrinho pendurou o Visconde no galho mais alto duma árvore próxima, armado do binóculo de Dona Benta, para dar aviso da chegada das onças. O nobre fidalgo, porém, sempre tivera o costume de acordar tarde, ali pelas dez horas, mais ou menos. Em vista disso resolveu dormir no seu galhinho, certo de que só lá pelas dez horas as onças viriam. Dormiu e, portanto, não pôde dar aviso da chegada das onças, que já estavam bem perto. Quem percebeu a aproximação delas foi a Emília, que tinha um faro maravilhoso.

— Estou sentindo no ar um cheirinho de onça! — exclamou, em certo momento.

Por força da sugestão ou porque de fato andasse pelo ar algum cheiro de onça, todos ergueram o nariz e sentiram um forte cheiro de onça. Como é então que o Visconde não dava nenhum aviso? Pedrinho correu ao terreiro e gritou:

— Avise duma vez, palerma! Não vê que as onças já estão chegando?

O pobre fidalgo acordou com o berro e ainda cheio de sono espiou pelo binóculo, mas em sentido contrário, de modo que viu as onças muitíssimo longe.

— Vêm, sim — disse ele —, mas tão longe, tão longe e tão pequenininhas, que até que cresçam e cheguem dá tempo de...

Não pôde concluir. Escorregou do galho e veio de ponta-cabeça ao chão.

Mas não havia tempo de acudir o pobre Visconde, caído de mau jeito bem em cima duma lama onde ficou de cabeça enterrada. O tempo era o exatamente necessário para se colocarem sobre as pernas de pau. Corre-corre geral. Cada um tratou de apanhar o par de pernas que lhe pertencia e de ajeitar-se em cima. Em três minutos o terreiro ficou povoado daqueles estranhos bípedes pernaltas. A primeira coisa que lá do alto viram foram as granadas de cera da Emília, arranjadinhas sobre o telhado. Pedrinho quis examiná-las. Não pôde. A boneca espantou-o com um grito.

— Não se aproxime! Não bula, não me estrague o capítulo!...

E Tia Nastácia? Essa ficou embaixo, rezando e riscando a cara e o peito de trêmulos pelo-sinais. Apesar de descrente da vinda das onças, que lhe parecia coisa

impossível, começou a sentir um horrível medo. E se viessem mesmo? pensava ela. E se o tal cheirinho que a boneca sentira no ar fosse mesmo cheiro de onça?

Súbito — *Miau!* Um horrível miado ressoou no pasto. Devia ser o sinal de ataque do onço viúvo. Logo em seguida surgiram de dentro de todas as moitas uma infinidade de caras de onças e jaguatiricas e irarás e cachorros-do-mato, com olhos ameaçadores e dentuças arreganhadas.

Só então a pobre negra se convenceu de que tinha errado. Correu qual uma desvairada às pernas de pau que Pedrinho lhe tinha feito. Nada achou. A Cléu se havia utilizado delas. Olhou aflita para a escada. Bobagens, escada! As onças também trepariam pelos degraus. Seus olhos esbugalhados procuravam inutilmente a salvação.

— Trepe no mastro! — gritou-lhe a Cléu.

Sim, era o único jeito — e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros.

Foi a continha. A onçada toda já estava no terreiro.

A princípio, os assaltantes não perceberam o truque inventado por Pedrinho para lográ-los. Os animais de quatro pés raro olham para o alto e, como os pernaltas guardassem o mais absoluto silêncio, as onças não os viram lá em cima de seus espeques. Entraram pela casa adentro em procura deles e, não os encontrando, mostraram-se desapontadíssimas.

— Fugiram, os covardes! — uivou, com os olhos chispantes de cólera, o onço viúvo. — Alguém os avisou e eles fugiram...

Nisto, uma cuspidinha da Emília caiu-lhe bem no focinho. O onço olhou para cima e sorriu, lambendo os beiços.

— O nosso “almoço” não fugiu, não! — exclamou, contentíssimo. — Lá estão todos os “pratos”, cada qual em cima de dois “espetos”.

Toda a bicharia olhou para cima, com água na boca. Não tinham comido na véspera, o apetite era forte e viram que iam ter uma bela variedade de petiscos — um menino, duas meninas, um leitão, uma boneca, uma velha branca e uma velha preta. Ótimo!

— Isso é que é almoço! — observou uma irará. — Vai ser um banquete dos bons...

Mas como devorar aqueles pernaltas? O onço, que era o mais forte do bando, experimentou o pulo. Deu quatro ou cinco pulos formidáveis, os maiores de sua vida — mas inutilmente. Os espetos tinham quatro metros de altura e os seus pulos não iam acima de três metros e noventa e cinco centímetros.

— Com pulo não vai — disse ele. — Precisamos inventar outra coisa. Que há de ser?

— Tenho uma idéia — latiu um cachorro-do-mato de talento. — Eles não podem ficar lá em cima toda a vida. Hão de descer logo que a fome aperte. Minha idéia é ficarmos aqui de plantão até que desçam.

— Sim — disse o onço, que era burríssimo — mas se a fome aperta para eles, também aperta para nós — e como é?

— Revezamo-nos — resolveu o cachorro. — Metade do bando vai caçar e almoçar no mato, enquanto a outra metade fica de guarda. Desse modo poderemos permanecer aqui a vida inteira, se for preciso.

— Eu não disse? — cochichou Dona Benta. — As malvadas vão revezar-se e estamos perdidos...

A situação era gravíssima. Cléu, que não tinha prática de aventuras maravilhosas, fez bico de choro. As onças estavam decididas a tudo; e, se os pernaltas podiam resistir por muitas horas, o mesmo não acontecia à pobre Tia Nastácia, que já mal se agüentava no mastro. — Vou cair! — berrou ela, de repente. — Não agüento mais. Minhas mãos já começam a escorregar...

— Estão vendo? — disse o onço, passando a língua pela beiçaria. — O nosso banquete vai começar pela sobremesa. O furrundu está dizendo que não agüenta mais e vai descer...

— Emília! — gritou Pedrinho. — Estamos esperando por você! Que venha a surpresa das granadas.

A boneca tratou de tirar partido da situação.

— Muito bem — disse ela — mas só lançarei as minhas granadas sob três condições.

— Diga depressa!

— Primeiro: que todos reconheçam que sou a mais esperta e inteligente do bando. Segundo: que Dona Benta me dê um regadorzinho de jardim, dos verdes — de outra cor não quero. Terceiro que...

— Socorro! — berrou, num tom de cortar a alma, a pobre Tia Nastácia, que não podendo mais agüentar-se no mastro vinha escorregando lentamente.

Emília não esperou pela resposta às suas condições. Aproximou-se do telhado, tomou as granadas e — zás! — arremessou-as contra o bando de feras. As granadas romperam-se ao bater nos alvos e deixaram sair de dentro enxames de caçunungas, que são as mais terríveis vespas que existem.

Foi uma tragédia! As vespas ferraram nos focinhos e olhos das onças e irarás e cachorros-do-mato, fazendo-os fugirem dali numa desabalada louca. Em meio minuto o sítio ficou inteiramente limpo de bicho feroz.

Não foi sem tempo. Tia Nastácia já estava no chão, escarrapachada ao pé do mastro, mais morta do que viva, suando

O suor frio da morte. Se as granadas da Emília não tivessem produzido aquele maravilhoso resultado, a boa negra realmente não escaparia de virar furrundu de onça...

— Viva! Viva a Emília! — gritou Cléu, entusiasmada com a proeza da boneca.

— Viva! Viva a rainha das bonecas! — gritaram os outros.

Prática como era, Emília tratou de aproveitar aquele entusiasmo para ganhar coisas. Obteve de Dona Benta a promessa dum lindo regadorzinho verde; de Pedrinho apanhou, ali na hora, cinco tostões novos; e de Narizinho conseguiu uma mobília de boneca.

— E você, Cléu, que me dá?

— Um beijo, Emília.

A boneca fez um muxoxo de pouco-caso. Depois, voltando-se para Tia Nastácia:

— E você, pretura?

Tia Nastácia não pôde responder. O susto por que passara fora tanto que havia perdido a voz. Foi preciso darem-lhe a beber uma caneca d'água. Só então pôde abrir a boca e dizer:

— Você me salvou a vida, Emília, e não há o que pague semelhante coisa. Dou tudo quanto me pedir.

— Quero aquele pito de barro em que você pita — respondeu a boneca.

Foi assim que Emília ganhou o célebre pito de barro que mais tarde deu de presente ao Pequeno Polegar¹.

¹- Reinações de Narizinho. (N. do E.)

VIII

Os negócios da Emília



Desde essa aventura ficou Pedrinho com mania de caçadas — mas caçadas de feras africanas. Queria leões, tigres, rinocerontes, elefantes, panteras, e queixava-se a Dona Benta (como se a boa senhora tivesse culpa) da pobreza do Brasil a respeito de feras. Chegou a propor-lhe que vendesse o sítio para comprar outro bem no centro de Uganda, que é a região da África mais rica em leões.

— Aqui nem dá gosto morar, vovó — dizia ele, torcendo o nariz. — Fora o jaguar, que outra fera possuímos? Só paca e veado e anta — uns pobres herbívoros que têm medo de gente. Eu queria mas era enfrentar peito a peito um rinoceronte!...

Dona Benta arrepiava-se com aquilo. Lera muita coisa sobre as grandes feras africanas e sabia que nenhuma existe mais traiçoeira e feroz do que o rinoceronte, com aquele seu terrível chifre no meio da testa. A pobre senhora esfriava da cabeça aos pés só ao lembrar-se do horror que seria uma chifrada de tal espeto.

— Veja, Nastácia, para que deu Pedrinho agora! — dizia ela. — Quer caçar rinocerontes... Não sei por quem puxou essa terrível inclinação.

Tia Nastácia benzia-se. Ignorava o que fosse um rinoceronte, não tendo visto nenhum, nem no cinema, nem em sonho; mas a simples palavra lhe metia medo. “Rinoceronte, credo!”

— E o pior — continuou Dona Benta — é que quando estas crianças encasquetam fazer uma coisa, fazem mesmo. Elas viram e mexem e acabam caçando algum rinoceronte. Você vai ver.

E assim aconteceu. Parece fábula, parece mentira do Barão de Munchausen e, no entanto, é a verdade pura: os netos de Dona Benta caçaram um rinoceronte de verdade!...

— Como?

— Esperem lá. Algum tempo depois do assalto das onças havia chegado ao Rio de Janeiro um circo de cavalinhos que era uma verdadeira arca de Noé. Trazia enorme bicharada — seis leões, três girafas, quatro tigres, zebras, hienas, focas, panteras,

cangurus, jibóias e um formidável rinoceronte. Quando Pedrinho leu nos jornais a notícia do grande acontecimento, ficou assanhadíssimo. Quis ir ao Rio ver as feras, chegando a escrever a Dona Tonica, sua mãe, pedindo licença e meios. Antes, porém, de receber qualquer resposta, um fato sensacional se deu no Rio: o rinoceronte arrebentou as grades da jaula durante certa noite de temporal e fugiu. Fugiu para as matas da Tijuca, tomando depois rumo desconhecido.

Esse fato causou o maior rebuliço no Brasil inteiro. Os jornais não tratavam de outra coisa. Até uma revolução, que estava marcada para aquela semana, foi adiada, porque os conspiradores acharam mais interessante acompanhar o caso do rinoceronte do que dar tiros nos adversários.

“Um rinoceronte interna-se nas matas brasileiras”, era o título da notícia que vinha em letras graúdas em todos os jornais. Durante um mês ninguém cuidou de mais nada. Grande número de bombeiros e soldados da polícia foram mobilizados. Os melhores detetives do Rio aplicavam toda a sua esperteza em formar planos para a captura do misterioso animal. As forças do norte que andavam caçando o Lampião deixaram em paz esse bandido para também se dedicarem à caça do monstro. Dizem até que o próprio Lampião e seus companheiros pararam de assaltar as cidades para se entregarem ao novo esporte — a caça ao rinoceronte.

Onde estaria ele? Nas florestas do Amazonas? Nas matas virgens do Espírito Santo? Ninguém sabia. Telegramas chegavam de toda a parte sugerindo pistas. Um de Manaus dizia: “Numa floresta, a dez léguas desta cidade, foi visto, dentro dum cerrado de taquaruçus, o vulto negro dum monstro que parece ser o tal rinoceronte. Pedimos providências”.

Cinco detetives e numerosos bombeiros foram mandados de avião para aquele ponto, a fim de investigar. Descobriram tratar-se duma vaca preta que ficara entalada na moita de taquaruçus...

Outro telegrama do mesmo gênero veio da cidade de Cachoeiro, no Espírito Santo. “Nas matas vizinhas ouvem-se urros que não são de onça, nem de nenhum animal conhecido por aqui. Pedimos enérgicas providências.”

O avião dos detetives voou para lá. Era um papagaio que fugira dum jardim zoológico, no qual aprendera a imitar o urro de todos os animais.

Onde estará o rinoceronte? — eis a pergunta que, da manhã à noite, se repetia pelo país inteiro. Onde poderia ter-se escondido a tremebunda fera?

Ninguém possuía elementos para responder. Ninguém sabia. Ninguém — exceto... Emília!

Parecerá um absurdo. Parecerá invenção de gente sem serviço e, no entanto, é a verdade pura. Só a pequenina boneca do sítio de Dona Benta sabia realmente onde estava escondido o monstro!...

O caso foi assim. Logo que, naquela noite de temporal, o rinoceronte escapou da jaula e se internou nas matas da Tijuca, deu de andar sem rumo, e foi varando, sempre para diante, num trote respeitável até que, pela madrugada, surgiu na mata virgem do sítio de Dona Benta. Gostou do lugar e resolveu ficar por ali, pastando a viçosa folhagem das ervas que encontrou.

A presença do rinoceronte causou grande rebuliço entre os habitantes daquela mata. A capivara, que vive tanto em terra como em água, atirou-se ao rio e não teve mais coragem de sair. As onças fugiram. Os macacos empoleiraram-se na mais alta de todas as árvores. Nenhum animal podia compreender um bicho tão estranho e

monstruoso. Observando aquilo, os besouros da Emília resolveram correr e avisá-la. Foram ter com a boneca.

— Apareceu lá na mata um bicho, que não se parece com bicho nenhum nosso conhecido — informaram eles gemeamente.

— Grande? — perguntou a boneca.

— Terá o tamanho duma casinha de caipira.

Emília calculou logo que fosse algum boi tresmalhado mas, pela descrição que os besouros fizeram, viu logo que não podia ser boi. De repente, teve uma idéia.

— Escutem: o tal monstro não é preto?

— Sim.

— Não tem o couro enrugado?

— Enrugadíssimo.

— Não tem um chifre só no meio da testa?

— Isso mesmo. Um chifre pontudo.

— Come gente?

— Não, só come capim e folhas de árvore.

Emília pôs-se a refletir, com a mãozinha no queixo. Ou era unicórnio, animal fabuloso que não existe, pensou consigo, ou era rinoceronte, e como Emília andasse com a cabeça cheia de rinocerontes, de tanto ouvir Pedrinho ler as notícias do rinoceronte que fugira do circo, imediatamente percebeu que se tratava do mesmo.

— É ele! — exclamou, em voz alta. — Que sorte tem Pedrinho! Quis um rinoceronte e um rinoceronte apareceu!...

— Ele quem? — indagaram os besouros, com as testinhas franzidas.

— Ele! — repetiu a boneca, fazendo uma tal cara de pavor que os besouros se puseram a tremer. — Ele é ele, não sabem?

Emília teve preguiça de ensinar àqueles burrinhos o que era um rinoceronte. E para ainda mais os assustar, fez outra cara horrendíssima e repetiu em tom cavernoso:

— Ele!...

Os dois besouros desmaiaram.

Emília deixou-os lá e voltou para casa sem pressa nenhuma, pensando, pensando. Ciganinha como era, costumava tirar partido de tudo. Por isso estava se tornando a boneca mais rica do mundo. O acaso a fizera descobrir um rinoceronte. Pois bem: Emília iria vender esse rinoceronte a Pedrinho...

Quando entrou na varanda já trazia o seu plano formado.

— Pedrinho — disse ela —, tenho um bom negócio a propor.

O menino estava espichado na cadeira preguiçosa, lendo os últimos jornais recebidos. Sem tirar os olhos da notícia que lia, respondeu:

— Já vem ela com os tais negócios! Negócios de boneca — bobagens...

— Trata-se dum negócio muito sério, Pedrinho. Quando você souber o que é, vai arregalar um olho deste tamanho!

— Pois então desembuche logo e não amole — disse ele, sem tirar os olhos do jornal. — Estou lendo uma notícia muito interessante sobre o rinoceronte fugido.

Emília fingiu-se interessada.

— Sim? E que diz a notícia?

— Diz que tudo isto, toda esta história de rinoceronte fugido não passa duma formidável petate. Não existe rinoceronte nenhum. O diretor do circo inventou o caso apenas para reclame.

— Que pena! — exclamou a boneca, fingindo tom compungido. — Seria tão bom se fosse verdade...

— Eu logo vi que era peta — disse Pedrinho, querendo bancar o esperto. — Percebi desde o começo que se tratava duma formidável peta. Rinoceronte no Brasil! Impossível. Esses animais não suportam o nosso clima.

Emília sorriu de tal jeito que o menino desconfiou.

— De que está rindo assim, boba?

— Da sua esperteza, Pedrinho. Bem diz Tia Nastácia que você é um alho...

— Muito obrigado pelo elogio; mas, alho ou cebola, deixe-me em paz. Olhe, Emília, vá ver se eu estou no pomar, ouviu?

— Então não quer fazer o negócio que venho propor?

Pedrinho queria e não queria. Por fim, a curiosidade o venceu.

— Que negócio é? Vamos, diga logo.

Emília preparou-se para apresentar o negócio. Antes, porém, fez um rodeio.

— Escute cá, Pedrinho. Quanto acha você que vale um rinoceronte no Brasil? Responda!

O menino tonteou com o disparate. Não podia haver pergunta mais absurda e boba do que aquela. Ficou danado.

— Foi para isso que me veio interromper a leitura do jornal? Ora, vá lambar sabão, ouviu?

Novo sorriso finório da boneca, que disse:

— Paz, paz! Não se queime. Responda à minha pergunta. Dê um preço qualquer.

— Não amole, Emília. Se continua a insistir, leva um peteleco.

— Não sabe — disse ela. — É natural. Um menino que jamais saiu do Brasil, que não esteve nem no Rio de Janeiro, é natural que não saiba o preço dum rinoceronte. Está desculpado...

— Bobagem! — exclamou Pedrinho, queimado. — Então é preciso ter saído do Brasil, ter viajado pelo mundo, para saber uma coisa à-toa como essa? Basta um pouco de raciocínio.

— Pois raciocine e responda à minha pergunta.

Pedrinho pensou um bocado e disse:

— Vale contos de réis. O valor das coisas depende da raridade delas, diz vovó. Numa terra onde haja centenas de rinocerontes, um deles vale... vale quanto? Vale o mesmo que um boi aqui ou uma vaca. Mas em terra onde não há nenhum, vale o que for pedido pelo seu dono. Eu, por exemplo, se fosse rico, era capaz de dar até trinta contos por um rinoceronte.

— Bom. Se fosse rico, dava trinta contos. E quanto dá sendo pobre? Tinha coragem de dar por um deles o carrinho de cabrito?

Esse carrinho de cabrito constituía o orgulho do menino. Fora presente do Manuel Carapina, um carpinteiro que passara lá uns dias, reformando o assoalho da casa. Pedrinho dava mais valor ao carrinho do que a todos os coches dourados de todos os reis da Terra — pela simples razão de que o carrinho lhe pertencia e os coches pertenciam aos reis. Mas um rinoceronte era um rinoceronte, de modo que a resposta do menino foi a que podia ser.

— Um rinoceronte vale todos os carrinhos de cabrito do mundo inteiro — disse ele.

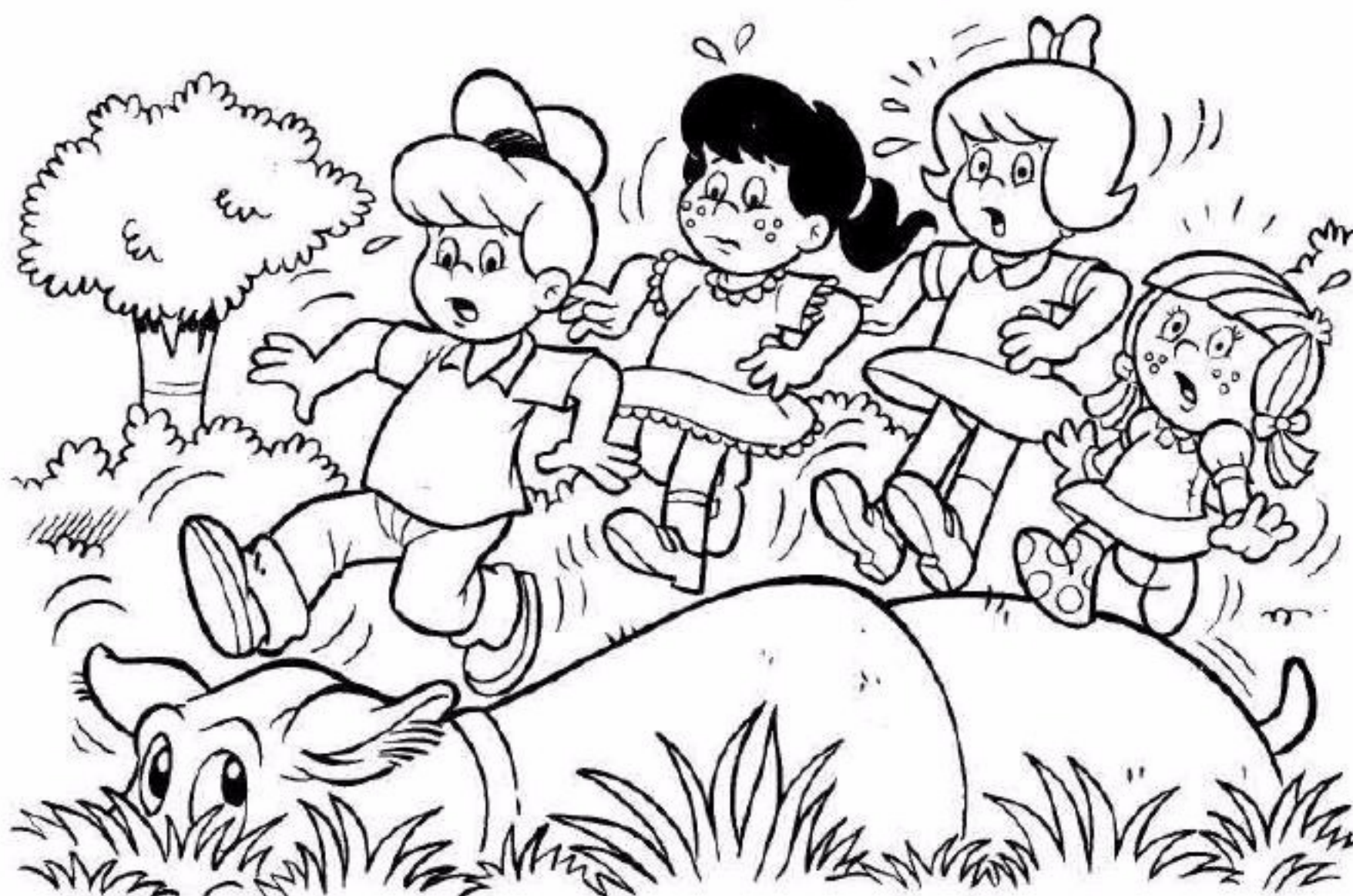
— Pois eu tenho um belo rinoceronte à venda e se você quiser trocá-lo pelo carrinho, o negócio está feito.

— Basta! — gritou o menino. — Se continua a amolar-me com essa história, vou lá no seu cantinho e quebro todos os seus brinquedos. — Disse e absorveu-se de novo na leitura dos jornais.

Emília não contara com aquela saída. Percebeu que nem Pedrinho, nem ninguém no mundo jamais acreditaria que ela realmente tivesse um rinoceronte para vender — e desse modo estava arriscada a perder um grande negócio, talvez o melhor negócio de sua vida...

IX

Emília vende o rinoceronte



Emília tratou de procurar outro freguês. Foi à cozinha e propôs o negócio à Tia Nastácia. A negra, que estava depenando uma galinha, nem a ouviu no começo; depois, como Emília amolasse, disse apenas, em tom de brincadeira:

— Era só o que faltava, esse bicho de nome esquisito aqui para meter medo na gente! Se fosse uma chocolateira eu fazia negócio, porque a minha está vazando.

Para Dona Benta era inútil oferecer. A pobre senhora tinha horror a bichos, sobretudo depois que teve de meter-se em pernas de pau no dia do assalto das onças.

O Visconde seria capaz de aceitar, porque os fidalgos adoram as grandes caças — mas o pobre Visconde pertencia à classe dos fidalgos arruinados que só possuem o seu título de nobreza. Nunca teve de seu nem sequer um tostão furado.

Narizinho... Rabicó...

Estava Emília na maior indecisão quando a Cléu apareceu.

— Cléu — disse a boneca —, tenho um negócio excelente que ando a propor a todos e ninguém aceita. Pedrinho não acredita, Tia Nastácia não quer, o Visconde não tem dinheiro, com Rabicó e Narizinho ainda não falei.

— Que espécie de negócio é? — perguntou a menina. — Venda ou troca?

— Venda ou troca de um animal preciosíssimo que descobri na mata.

— Vai ver que é um rinoceronte! — sugeriu Cléu.

Emília ficou admiradíssima.

— Como sabe? Como adivinhou?

— Esperteza — respondeu Cléu. — Estou lendo nos seus olhos, Emília, que você é dona dum enorme rinoceronte de verdade.

— Sério?

— Seriíssimo!

Emília foi examinar-se ao espelho e achou que realmente estava com cara de dona de rinoceronte. Os sábios chamam a esse fenômeno “sugestão”.

— Bem — disse Emília, de volta do espelho. — Você adivinhou, Cléu. Tenho mesmo um rinoceronte para vender. Quer comprar?

— Não. Mas posso associar-me a você no negócio. Arranjarei jeito de vendê-lo a Pedrinho e metade do dinheiro é meu. Serve?

— Não quero vendê-lo por dinheiro e sim trocá-lo pelo carrinho de cabrito.

— Nesse caso eu terei metade do carrinho, as rodas, por exemplo — lembrou Cléu, mais para amolar a boneca do que por desejar realmente possuir as tais rodas.

Emília refletiu uns instantes. Depois disse:

— E você mais tarde me dá de presente as rodas?

Cléu teve dó da afliçãozinha dela.

— Dou, sim, dou desde já. Estou brincando. Não preciso, nem quero roda nenhuma. Ajudarei você a vender o rinoceronte sem cobrar comissão nenhuma.

Emília deu dois pinotes — e as duas foram ter com Pedrinho, que ainda estava lendo o jornal.

— Escute, Pedrinho — disse a boneca, tirando-lhe o jornal das mãos. — Vou ser franca. O tal rinoceronte que fugiu do circo existe, sim, e por um acaso descobri o lugar onde ele está. Juro! Ora, se você nos promete dar o carrinho de cabrito em troca, o negócio está feito.

Pedrinho estranhou aquele ‘nos’.

— Nos? — repetiu ele, admirado. — Nos, quem?

— Eu e Cléu. Ela é sócia, tem metade do rinoceronte. O tom com que Emília falava começou a convencer o menino.

— Sério, Emília? Está falando sério?

— Nunca na minha vida falei tão a sério, Pedrinho. Sei onde está o rinoceronte fugido, mas só direi se você me der...

— Nos der... — corrigiu Cléu.

— Sim, se você nos der o carrinho.

Um rinoceronte de verdade por um carrinho de cabrito era o melhor negócio do mundo. Pedrinho não vacilou um instante.

— Pois está fechado! — gritou ele. — Onde anda o bicho?

— Na mata dos Taquaruçus.

— Como o descobriu, Emília?

— Os meus besouros espiões são uns amores. Tudo o que se passa no mato eles correm a me contar. Inda há pouco vieram, muito assustados, dizer do aparecimento dum animalão enorme, assim, de chifre único na testa — e percebi que se tratava do rinoceronte fugido.

Era espantoso aquilo. Pedrinho sentiu o seu coração palpitar com violência. Um rinoceronte! Um rinoceronte de verdade, morando no sítio de Dona Benta! Não podia haver nada mais fantástico...

— Resta agora decidir o que faremos dele — murmurou o menino, atrapalhado. — Matá-lo, caçá-lo, prendê-lo, devolvê-lo ao circo, amansá-lo, conservá-lo?... Que fazer?

— Acho que vocês devem amansá-lo e fazê-lo entrar para o bandinho — sugeriu Cléu. — Sempre achei que fazia muita falta aqui um bicho assim, dos grandes.

— Impossível, Cléu — disse Pedrinho. — Esses animais, além de ferocíssimos e traiçoeiros, são incomodamente grandes. Não cabem em parte nenhuma. E depois há ainda vovó e Tia Nastácia — as duas maiores medrosas do mundo. Se conservarmos o

rinoceronte aqui no sítio, elas se trancarão em casa pelo resto da vida. São bobíssimas. Mas é coisa que veremos depois. Agora temos de ir espiar o bicho.

Guiados pela Emília, foram os três ao encontro dos besouros, que justamente naquele instante estavam voltando a si do longo desmaio.

— Onde está o rinoceronte? — perguntou-lhes Pedrinho, ao chegar.

Mal acordados ainda, e ignorantes do que significava a palavra “rinoceronte”, os pobres besouros olharam apatetada-mente para o menino.

Emília interveio, explicando que só ela sabia falar com aqueles bichinhos.

— Escutem — disse ela —, queremos saber onde ele está.

Os besouros entenderam e deram indicações do ponto exato onde ele se achava escondido.

Pedrinho, que conhecia a moita de taquaruçus, encaminhou-se para lá.

Meia hora depois chegaram todos a um ponto onde a moita se abria em clareira, tendo dum lado a Figueira-Brava, debaixo da qual os bichos costumavam reunir-se em assembléia, e do outro, a tal moita de taquaruçus. Chegaram, espiaram e nada.

— Vejo lá adiante uma pedra preta — disse Cléu, apontando para um rochedo de dorso redondo que os capins altos meio escondiam. — De cima talvez possamos avistar o monstro.

Correram todos para a tal pedra, treparam-lhe em cima e do alto espiaram por entre as árvores em todas as direções. Nada! Nem sombra de rinoceronte.

— Emília — disse Pedrinho, desapontado —, não há rinoceronte nenhum por aqui. Os senhores besouros nos tapearam da maneira mais indigna. Como castigo, merecem ser depernados de todas as perninhas. Se eu fosse você...

Pedrinho não pôde concluir. A pedra mexeu-se! Não era pedra — era o próprio rinoceronte que se tinha deitado naquele ponto para dormir...

O pulo que eles deram merecia ir para um quadro na parede, com moldura de ouro, pois foi o mais rápido e belo pulo que ainda se deu no mundo. Mas como o rinoceronte era pesado, enquanto se punha em pé os quatro caçadores alcançavam o mais alto galho da Figueira-Brava, donde podiam vê-lo sem perigo nenhum.

— Realmente! — exclamou Pedrinho, lá no seu poleiro. — É rinoceronte dos legítimos. Vejam que formidável chifre tem na testa e que terrível couraça no corpo...

— A onça nós matamos — disse Narizinho —, mas este bicho cascudo não há meio. Bala não entra, faca não entra. Como iremos nos arranjar?

— O jeito é passarmos um telegrama para o Rio de Janeiro, contando às autoridades que o rinoceronte que elas procuram está aqui. O pessoal lá tem canhões e metralhadoras. Que acha, Emília?

Emília estava de ruguinha na testa, sinal de “idéia-mãe” em formação.

— Acho — respondeu — que não devemos mandar telegrama nenhum nem falar nisto a ninguém. Do contrário o sítio se entope de gente grande e adeus! Gente grande estraga tudo. Eu não aturo gente grande.

Os outros também, mas o caso era muito especial, muito sério mesmo, de modo que não havia remédio senão pedirem socorro à gente grande. Pelo menos Dona Benta tinha de ser avisada. O sítio, afinal de contas, era dela; o rinoceronte invadira a sua propriedade — natural pois que, como dona, ela resolvesse o caso. E foi decidido darem parte a Dona Benta do extraordinário acontecimento.

Mas como descer da árvore com aquele perigo chifrudo embaixo? O rinoceronte se havia posto de pé, embora sem mostrar intenção nenhuma de afastar-se dali.

Tosava as copas dos arbustos vizinhos e mascava as folhas com um sossego de boi de carro.

Quem salvou a situação foi a boneca.

— Tenho cá no meu bolsinho do avental uma isca do pó de pirlimpimpim. Se não perdeu a força, poderá levar-nos até ao terreiro.

Pedrinho arregalou o olho. Pó de pirlimpimpim no bolso da Emília? Como isso? Será que a boneca virará gatuna?

— Não furtei coisa nenhuma — protestou Emília, percebendo na cara de Pedrinho a desconfiança. — Não sou nenhuma ladrona, fique sabendo.

— Como então obteve esse pó?

— Muito simples. Quando fomos ao País das Fábulas e você me deu a pitada que eu devia tomar, tomei só meia pitada. O resto guardei no meu bolsinho para o que desse e viesse. Chegou agora a ocasião.

Foi uma grande alegria. Graças à providência da boneca iam todos salvar-se daqueles apuros. Mas no bolso da Emília só se encontrava meia pitada. Dividida entre quatro, caberia um oitavo de pitada a cada um.

— Bastará, Pedrinho? — perguntou Cléu.

— Basta. Com um oitavo iremos parar justamente no terreiro da casa.

Assim sucedeu. Tomaram a pitadinha do pó maravilhoso e imediatamente se acharam no terreiro do sítio. Dona Benta estava na varanda, conversando com Tia Nastácia sobre assunto agrícola — um pé de couve que Rabicó havia tosado na horta.

— Esse Marquês duma figa está precisando mas é de ir para o forno — dizia a preta, que nunca tomara muito a sério a fidalguia do leitão. — Nesse andar, protegido desse jeito pelos meninos, acaba virando aí um cachaço inútil, que ainda nos há de dar muito trabalho. Mas vá a gente falar nisso a Narizinho! A casa cai...

Nesse momento surgiram no terreiro os meninos. Detiveram-se um instante, cochichando entre si, e depois se encaminharam para a varanda.

— Temos novidade — resmungou Tia Nastácia. — Pedrinho está de mão no bolso e Emília, de ruguinha na testa. Esses sinais não falham. Credo!

Pedrinho subiu à varanda e, sem nenhum preparo do terreno, foi contando a Dona Benta a história do rinoceronte encontrado.

— Quê? Um rino... — repetiu a velha sem poder concluir a palavra.

— ... ceronte, vovó, um rinoceronte real de chifre único na testa e aquela couraça duríssima no corpo. Está lá perto da Figueira-Brava.

Dona Benta olhou para Tia Nastácia com ar de quem pede misericórdia.

— Um rinoceronte! — gemeu a boa senhora, com voz moribunda. — Era só o que faltava, santo Deus! Que irá ser de nós?...

A negra, que nada sabia a respeito de rinocerontes, ofereceu-se para ir espantar o bicho com o cabo da vassoura. Mas quando Narizinho lhe mostrou, na História natural, o retrato dum desses paquidermes e lhe explicou que tamanho tinham e que terrível era o chifre que possuem no meio da testa, a pobre criatura pôs-se a tremer da cabeça aos pés.

— E agora, sinhá? E agora, sinhá? — murmurava, no meio dos credos e figarabudos e pelo-sinais que não cessava de murmurar e desenhar na cara e no peito.

— Agora? — respondeu Dona Benta, depois de refletir uns instantes. — Agora temos que avisar a polícia do Rio para que tome providências, e enquanto isso

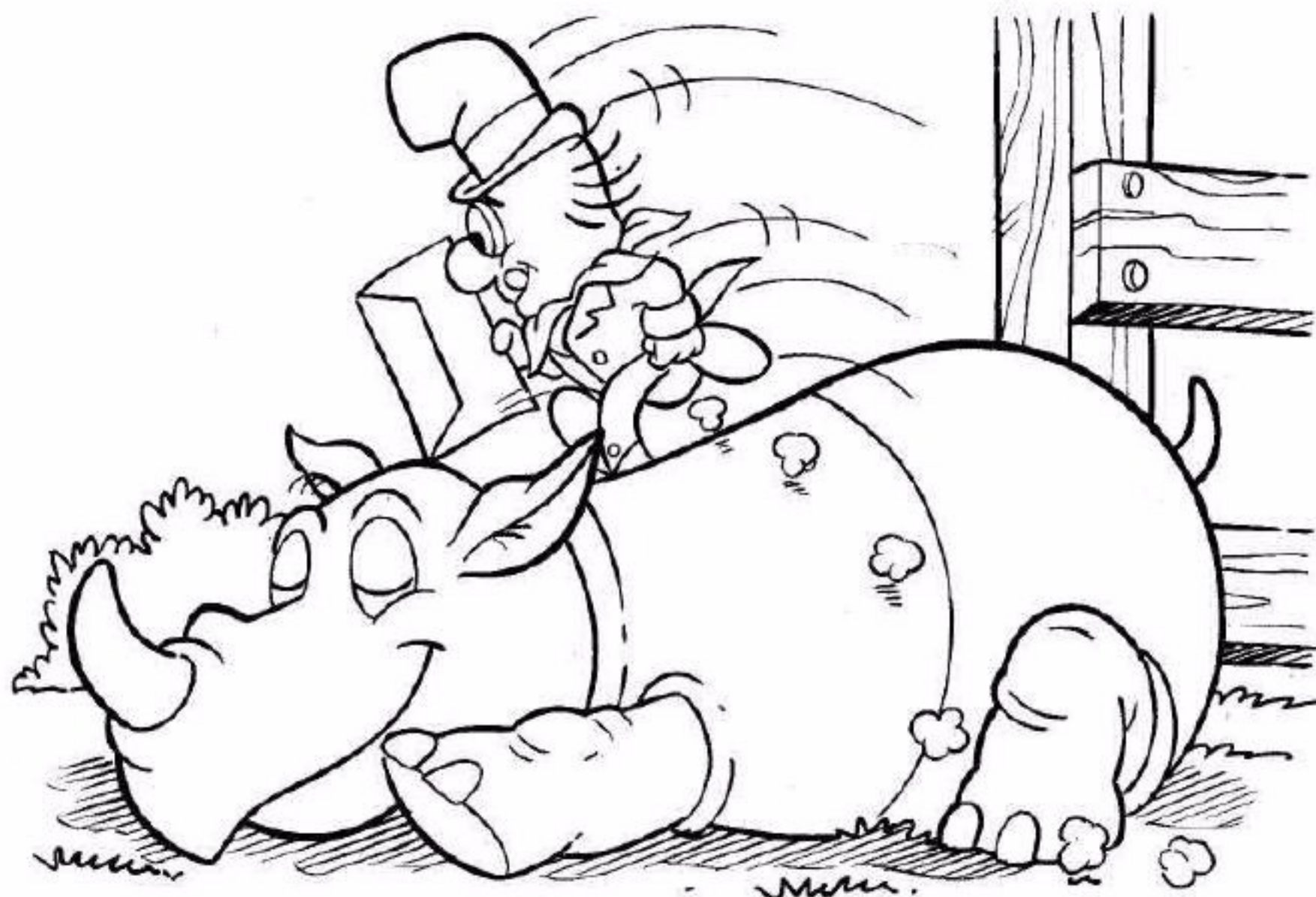
ninguém tem ordem de sair desta casa. Dizem os naturalistas que o rinoceronte é talvez a fera mais traiçoeira e perigosa da África. Se apanha um de nós!...

Emília quis meter a sua colherzinha torta e começou:

— Dona Benta, eu acho que... Mas foi interrompida.

— Pelo amor de Deus, Emília, não ache mais coisa nenhuma. É por causa de tantos achados que vivo aqui de susto em susto, com a alma na boca, atacada por onças e agora até com feras africanas perto de casa...

Emília, desapontada, botou-lhe a língua, logo que a velha voltou as costas.



Dona Benta enviou um telegrama para o Rio de Janeiro que dizia assim: “*Meus netos acabam de informar-me que o famoso rinoceronte, que andam procurando pelo país inteiro, acha-se escondido nas matas deste meu sítio. Encarecidamente peço providências imediatas. Benta de Oliveira*”.

Cléu, a quem ela ditara o telegrama, observou que era bom mudar a assinatura para Dona Benta de Oliveira, avó de Narizinho e Pedrinho e dona do Sítio do Pica-Pau Amarelo, pois do contrário lá no Rio todos ficavam na mesma. Bentas de Oliveira há muitas e “meus sítios” também há muitos.

Dona Benta concordou.

— Façam como quiserem, mas que o telegrama siga quanto antes. Chamem um camarada do compadre Teodorico para o levar à cidade, no galope.

O telegrama foi passado naquele mesmo dia. Na manhã seguinte veio a resposta: “Seguem forças armadas sob comando detetive X B2”

Fazia dois meses que o governo se preocupava seriamente com o caso do rinoceronte fugido, havendo organizado o belo Departamento Nacional de Caça ao Rinoceronte, com um importante chefe geral do serviço, que ganhava três contos por mês e mais doze auxiliares com um conto e seiscentos cada um, afora grande número de datilógrafas e “encostados”. Essa gente perderia o emprego se o animal fosse encontrado, de modo que o telegrama de Dona Benta os aborreceu bastante. Em todo caso, como outros telegramas recebidos de outros pontos do país haviam dado pistas falsas, tinham esperança de que o mesmo acontecesse com o telegrama de Dona Benta. Por isso vieram. Se tivessem a certeza de que o rinoceronte estava mesmo lá, não viriam!

Certa manhã, quando Tia Nastácia se levantou de madrugada e foi abrir a porta da rua, deu com o animalão a vinte passos de distância, olhando para a casa com os seus olhos miúdos. A negra teve um faniquito dos de cair desmaiada no chão. Ouvindo o baque de seu corpo, todos pularam da cama — e foi uma dificuldade fazê-

la voltar a si. Desmaio de negra velha é dos mais rijos. Por fim, acordou e, de olhos esbugalhados, disse num fiozinho de voz:

— O canhoto já foi embora?

Ninguém sabia do que se tratava, porque ninguém ainda havia olhado para o terreiro.

— Que canhoto é esse? — indagou Dona Benta.

— O tal de um chifre só na testa — respondeu a negra.

— Estava aí fora quando abri a porta...

Só então os meninos espiaram pela janela e viram que o rinoceronte estava, de fato, no terreiro. Mas quieto, de cara pacífica, sem mostra nenhuma de ânimo agressivo. Olhava para a casa com toda a atenção, como se entendesse de arquitetura rural — isto é, de arquitetura de casas da roça. Depois, mansamente, dirigiu-se à porteira e lá se deitou de atravessado.

— Pronto! — exclamou Narizinho. — Atravessou-se na porteira e quero ver agora quem entra ou sai. Estamos bloqueados...

A aflição de Dona Benta aumentou. Viu que, de fato, estavam com a saída do sítio bloqueada por aquele monstruoso animal que parecia não ter a mínima intenção de afastar-se dali.

Nesse momento viram um grupo de homens que se aproximavam.

— São eles! — gritou Cléu. — São os homens da polícia secreta que receberam o nosso telegrama. Secretas a gente conhece de longe!...

E eram. Era o famoso grupo dos Caçadores do Rinoceronte, que se formara logo em seguida à fuga do misterioso paquiderme e que vinha percorrendo o país inteiro em sua procura. Comandava-os o esertíssimo detetive X B2, que tinha lido todos os fascículos das Aventuras de Sherlock Holmes existentes nas livrarias. Esses homens traziam consigo numerosas armas e armadilhas próprias para caçar rinocerontes — mundéus desmontáveis, ratoeiras de gigantescas proporções, correntes de aço, um canhão-revólver e uma metralhadora. A única coisa que não traziam era intenção real de apanhar o monstro.

Assim que chegaram ao pasto do sítio e deram com o enorme paquiderme atravessado na porteira, começaram a discutir se atiravam ou não. Um queria que se empregasse o “mundéu desmontável”. Outro queria que se armasse a “ratoeira gigante”. Por fim, o detetive X B2 decidiu empregar o canhão-revólver.

— Atirem — disse ele —, mas com pontaria que não venha a prejudicar os nossos empregados.

Disse e piscou. O que todos queriam era passar toda a vida caçando aquele mamífero.

Mas a Emília, que tinha terríveis olhos de retrós, viu de longe a piscadela cavorteira e percebeu a manobra.

— Vão atirar e errar! — gritou ela muito contente, porque já estava criando amor ao “seu rinoceronte” e não queria que lhe estragassem o couro com um furo de bala; apenas admitia que o caçassem vivo.

Ao ouvir aquilo Dona Benta protestou.

— Então não quero! — disse ela. — Se esses homens não têm boa pontaria, as balas podem passar por cima do alvo e virem quebrar algum vidro das nossas vidraças. Não quero!... E voltando-se para a Cléu, que tinha muito boa letra e sabia escrever com todos os ‘Fs’ e ‘Rs’:

— Escreva uma carta ao chefe daqueles caçadores dizendo que não admito que atirem de lá para cá. O Visconde que leve a carta.

Cléu escreveu a carta sem um erro, e pediu ao Visconde que a levasse. Como fosse pequenininho, o Visconde podia passar por trás do rinoceronte sem ser percebido — e ainda que fosse percebido e devorado não fazia mal, pois que era de sabugo e havendo muitos sabugos no sítio, Tia Nastácia num momento fazia outro Visconde.

O nobre mensageiro nem se deu ao trabalho de passar por trás do monstro. Subiu por cima dele como quem sobe um morro, e desceu do outro lado sem ser percebido. Depois foi correndo entregar a carta. Chegou no instantinho em que o artilheiro ia disparar o canhão.

— Alto! — gritou o detetive X B2. — Deixe-me primeiro ler esta carta.

Leu a carta, elogiou a boa letra e depois disse aos seus homens:

— A dona da propriedade não quer saber de tiros daqui para lá. Diz que as balas poderão quebrar os vidros das suas vidraças. Acho que ela tem toda a razão.

— Nesse caso, que fazer? — perguntou o artilheiro.

— Temos de passar para o lado de lá. Podemos colocar o canhão e a metralhadora na escadinha da varanda. Desse modo, se houver balas perdidas, poderão apenas alcançar algum macaco na floresta, lá longe.

Muito bem. Mas como atravessar para o outro lado, com o canhão e a metralhadora, se a única passagem era pela porteira, e o inimigo estava deitado ali, de través? O problema tornava-se dos mais sérios. Requeria estudos. O detetive X B2 reconcentrou-se cheio de rugas na testa, a refletir. Refletiu e, depois de muito refletir, disse:

— Antes de mais nada, temos de construir uma pequena linha telefônica que nos ponha em comunicação com a gente do sítio, a fim de que eu possa debater o caso com a Senhora Dona Benta e agir de acordo com ela e os demais moradores. Assim, por meio de cartas, a coisa levará toda a vida. Não há como o telefone para as comunicações rápidas. Vou telegrafar para o Rio de Janeiro, pedindo a remessa do material necessário para a construção duma linha telefônica.

Resolvido isso, retiraram-se todos para a vila próxima, onde ficaram tocando violão e contando casos pândegos até que o material encomendado chegasse. Isso levou um mês. Mas afinal chegou, e o detetive deu ordem para que no dia seguinte os trabalhos fossem iniciados.

Na manhã do dia seguinte os moradores do sítio viram reaparecer no pasto os caçadores do governo, seguidos duma turma de operários com rolos de arame, postes e mais coisas telefônicas. Nesse dia, porém, o rinoceronte falhou de vir deitar-se de atravessado na porteira, como era seu costume. O trânsito estava completamente livre.

— Ué! — exclamou o detetive X B2, muito admirado. — Para onde terá ido o malandro do rinoceronte?

Dirigiu-se à casa para falar com Dona Benta.

— Como foi isso, Dona Benta? — disse ele, subindo à varanda. — Deixei o rinoceronte deitado na porteira e agora não encontro o menor sinal do bicho.

Dona Benta explicou tudo quanto sucedera durante as semanas em que eles estiveram tocando violão na vila. O rinoceronte adquirira o hábito de passar o dia na Figueira-Brava, só vindo deitar-se à porteira lá pelas três horas da tarde.

— Chega sempre a essa hora, deita-se e fica a cochilar até à noite — explicou a boa senhora. — É um animal bastante sistemático.

— Bem — disse o detetive —, nesse caso teremos toda a manhã livre para trabalharmos na construção da linha telefônica.

Dona Benta arregalou os olhos.

— Que linha telefônica é essa? — perguntou.

— A linha que resolvemos construir para ligar esta casa ao nosso acampamento. Como naquele dia o rinoceronte estivesse atravessado na porteira, impedindo a passagem, eu não pude discutir com a senhora vários assuntos importantes. Tive então a excelente idéia de construir essa linha, com os fios passando por cima do “obstáculo”.

Dona Benta admirou-se da complicação.

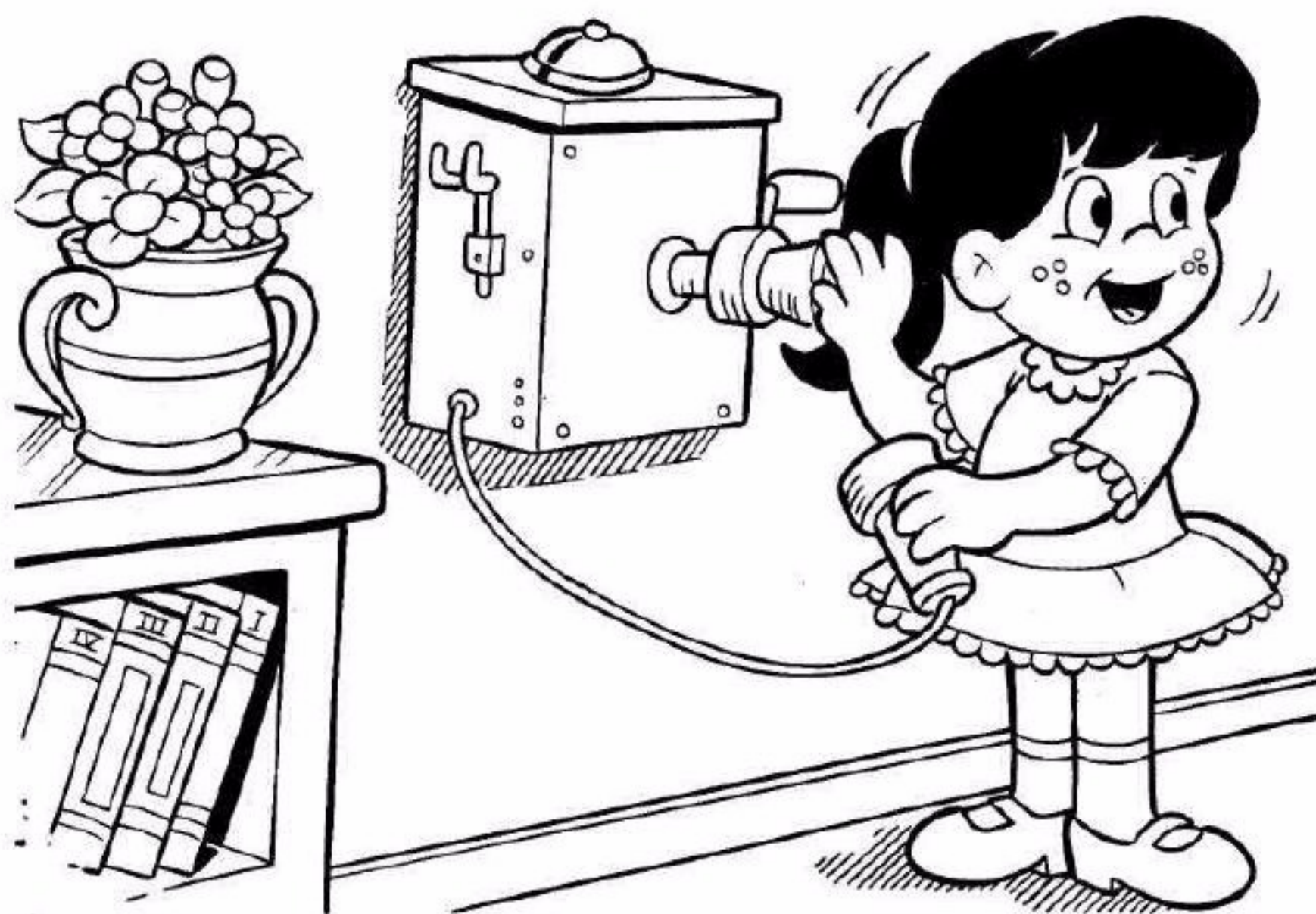
— Sim — disse ela —, mas já que o senhor pôde chegar até aqui, creio que a linha telefônica já não é mais necessária.

O detetive sorriu da ingenuidade da velha e explicou que o material já havia chegado e que, portanto, a linha ia ser construída. Terminou piscando o olho vermelho e dizendo: — O Departamento Nacional de Caça ao Rinoceronte sabe o que faz, minha senhora.

— Pois façam lá como entenderem — concluiu Dona Benta. — Não entendo de tais serviços, nem quero entender. Aqui estamos nós para prestar aos senhores toda a ajuda possível. O que quero é que o quanto antes me livrem desse animalão. Mas, meu caro senhor, esse negócio não está me parecendo sério...

O detetive sorriu indulgentemente e respondeu:

— É que a senhora não conhece as condições. Para nós é um negócio da maior importância, visto como dele tiramos o pão de cada dia...



A linha telefônica foi construída com todo o luxo, como é de costume nas obras do governo. Os postes foram até pintados! Era a mais curta linha do mundo: com cem metros de comprimento e dois postos apenas, um no terreiro da casa e outro no acampamento dos caçadores. Um poste foi pintado de verde, outro de amarelo. No dia da inauguração, porém, aconteceu um fato imprevisto: o rinoceronte não veio deitar-se à porteira na hora do costume. Nem apareceu no dia seguinte, nem durante toda a semana. Os caçadores tiveram de armar barracas e ficar ali esperando, pacientemente, que ele se resolvesse a voltar.

Por que isso? Porque ficava sem jeito inaugurarem a linha sem o rinoceronte atravessado na porteira. Sem rinoceronte poderiam entrar duma vez no terreiro e falar diretamente com a dona da casa. Mas precisavam justificar a construção da linha, e por isso resolveram esperar que o monstro voltasse.

Vendo as coisas assim encrocadas, Emília resolveu intervir. Foi à Figueira-Brava pedir ao rinoceronte que não desapontasse a gente do governo e continuasse a ir dormir na porteira. Não se sabe de que argumentos a boneca usou; o que se sabe é que no dia seguinte, exatamente às três da tarde, o rinoceronte veio de novo, pachorrentamente, deitar-se de atravessado na porteira.

Houve vivas de entusiasmo no acampamento dos caçadores. Podiam, enfim, inaugurar a linha.

Trlin, trlin... soou na varanda a campainha do aparelho.

— Vá atender — disse Dona Benta ao Visconde, que estava cochilando por ali.

— Eu atendo — gritou Cléu, que tinha muita prática em falar ao telefone. E numa vozinha muito clara e espreitada atendeu: — Alô! Quem fala?

— Fala aqui o detetive X B2, chefe do Departamento Nacional de Caça ao Rinoceronte — respondeu uma voz grossa. — E quem está falando aí?

— Aqui fala Cléu, por ordem da proprietária da casa, Dona Benta Encerrabodes de Oliveira, avó de Narizinho, Pedrinho e Rabicó. Que deseja Vossa Rinocerôncia?

— Desejo participar à dona da casa que a linha telefônica está concluída e que agora podemos discutir as operações necessárias à caçada do rinoceronte, tendo o gosto de fazer com que as nossas palavras passem bem por cima dele sem que o bruto perceba, ah! ah! ah!...

— Mas por que não discutiu isso durante a semana em que o rinoceronte andou sumido e a passagem pela porteira estava completamente franca? Acho que Vossa Rinocerôncia perdeu um tempo precioso.

— Menina — respondeu, meio ofendido, o detetive X B2 —, não se meta no que não é da sua conta. O governo sabe o que faz. Quero falar com a dona da casa.

Cléu tapou com a mão o bocal do telefone e voltou-se para Dona Benta.

— Ele quer falar com a senhora mesma.

Mas a velha não estava pelos autos. Considerava aquela gente uma súcia de idiotas, um verdadeiro bando de exploradores.

— Diga-lhe que não me aborreça. Estou muito velha para andar servindo de instrumento a piratas.

Cléu deu o recado, com outras palavras para não ofender o governo, e então o detetive X B2 explicou que necessitava da autorização de Dona Benta para construir outra linha...

— Segunda linha telefônica? — indagou Cléu, admirada.

— Não, menina abelhuda. Agora será uma linha de transporte aéreo, que nos permita levar para aí as nossas armas e bagagens. Só assim poderemos assestar o canhão-revólver e a metralhadora na escadinha da varanda, de modo a abrir fogo de barragem contra o inimigo, sem dano para os vidros das vidraças de Dona Benta.

— E foi só para pedir tal licença que os senhores levaram tanto tempo construindo esta linha telefônica? — perguntou Cléu, admiradíssima.

— Não discuta os nossos processos, menina impertinente — disse com cara feia o detetive X B2. — O governo sabe o que faz, torno a dizer.

Cléu tapou de novo a boca do aparelho, enquanto consultava Dona Benta.

— Ele pede licença para construir uma nova linha — uma linha de cabos aéreos, como aquela do Pão de Açúcar...

Dona Benta respondeu que fizessem como entendessem e não a incomodassem mais.

Pedrinho estava assombrado da esperteza daqueles homens. Iam construir uma linha de cabos só para levar ao terreiro um canhãozinho e uma metralhadora!... Muitos rinocerontes já haviam sido caçados desde que o mundo é mundo, mas nenhum seria caçado tão caro e com tanta ciência como aquele. Apesar de nunca saídos daqui, tais homens bem que podiam mudar-se para a África, a fim de ensinar aos negros do Uganda como é que se caçam feras...

Tanto tempo levou a construção da linha de cabos aéreos que o rinoceronte se foi familiarizando não só com as pessoas do sítio, como ainda com o pelotão de caçadores. Várias vezes chegou até o acampamento onde farejava com curiosidade o canhão-revólver e a metralhadora, sem saber para que serviam. Numa dessas vezes ajudou os construtores da linha a arrancarem um poste que fora fincado torto, trabalhando tal qual um elefante manso da Índia.

Emília tornara-se amiga íntima do animalão. Ia sempre à Figueira-Brava vê-lo pastar arbustos, e com ele entretinha-se horas a ouvir casos da vida africana. Era um rinoceronte de boa paz, já velho, com a ferocidade nativa quebrada por longos anos de cativeiro no circo. Só queria uma coisa: sossego. Por isso fugira do circo e viera esconder-se ali, no silêncio do capoeirão dos Taquaruçus.

— Eles querem matar você — disse-lhe Emília certa manhã. — Trouxeram para esse fim um canhão-revólver e uma metralhadora.

O rinoceronte arrepiou-se todo. Jamais supusera que a atividade daqueles homens e toda a trapalhada das linhas, que andavam assentando, tivessem por fim dar cabo da sua vida.

— Mas por quê? — indagou, em tom magoado. — Que mal fiz eu a essa gente?

— Nenhum, mas você é o que os homens chamam “caça” — e o que é caça deve ser caçado. Quando os homens encontram no seu caminho uma lebre, uma preazinha, um inambu, um pato selvagem ou o que seja, ficam logo assanhadíssimos para matá-lo — só por isso, porque é caça. Mas você não tenha medo que não será caçado. Hei de dar um jeito.

— Que jeito?

— Não sei ainda. Vou ver. Mas não se incomode. Sou jeitosíssima! Dou um jeito de afugentar os homens e você ficará morando toda a vida neste sítio. Já temos em nosso bandinho um quadrúpede, o Marquês de Rabicó, que é leitão, conhece?

— Não tenho a honra.

— Pois é um senhor muito importante, apesar da sua covardia e gulodice (Emília não teve a coragem de contar que Rabicó era seu marido). Tem quatro pés, como você, mas nem um pinga de chifre. Com mais um companheiro, e este de formidável chifre na testa, havemos de pintar o sete pelo mundo...

Emília estava radiante com a idéia de ver o rinoceronte incorporado à família de Dona Benta. Tia Nastácia é que iria ficar tonta de susto...

— E que tenho de fazer nesse bando? — perguntou o rinoceronte, comovido com o oferecimento.

— Nada, por enquanto. Mais tarde, veremos. O pelotão dos caçadores já está com a linha aérea pronta. Breve farão o transporte do canhão-revólver, da metralhadora e do resto. Vão assestar essas armas na escadinha da varanda.

— Devo então continuar a deitar-me na porteira, não é?

— Está claro. Para que eles possam utilizar-se da linha de cabos aéreos é indispensável que você esteja atravessado na porteira.

O rinoceronte não entendia aquilo.

— Mas por que já não transportaram esse tal canhão no tempo que passei sem ir deitar-me à porteira?

— Não sei — respondeu Emília, que de fato não sabia. — Dona Benta também não sabe, nem Cléu, que foi quem conversou com o detetive X B2 pelo telefone, nem Narizinho, nem Pedrinho, nem o Visconde, nem Rabicó — ninguém sabe. Diz Cléu que são “coisas do governo”, um puro mistério.

O rinoceronte ficou pensativo. Devia ser uma bem estranha criatura esse tal governo, que fazia coisas acima do entendimento até da Emília!

Às três da tarde apareceu o animalão no terreiro, indo deitar-se no seu lugarzinho do costume. Grande alegria entre os caçadores. Podiam, afinal, fazer o transporte das armas e bagagens, e também de si próprios, utilizando-se da linha de

cabos aéreos, e em seguida dar começo ao ataque à fera. Um entusiasmadíssimo telegrama foi passado para o Rio, nestes termos: “Trabalhos linha aérea brilhantemente concluídos ponto iniciaremos hoje transporte armas e bagagens ponto vitória segura ponto saúde e fraternidade”.

Os jornais publicaram a notícia com grandes elogios aos heróicos caçadores do rinoceronte, que tão bravamente arrostavam os maiores perigos a fim de limpar o solo da pátria daquele perigosíssimo animal. O detetive X B2 foi chamado “impertérito”, e outros lindos adjetivos que a imprensa só usa para homens de pulso e tremendos heróis do mais alto calibre. Choveram telegramas de parabéns pela beleza dos trabalhos realizados.

Às três da tarde, logo que o rinoceronte se atravessou na porteira, a linha de cabos foi posta a funcionar. Primeiro passou, pendurado em carretilhas, o canhão-revólver. Depois a metralhadora. Depois passaram as munições, a bagagem, as violas e, por fim, os caçadores.

Dona Benta viu, com má cara, toda aquela gente encher o terreiro. Já andava enjoada deles, e quando Tia Nastácia falou em lhes oferecer um café com bolinhos, não consentiu.

— Nada de comedorias — disse ela. — Do contrário esses heróis nunca mais me abandonam o sítio.

— É isso mesmo, sinhá — tornou a preta. — O meu cafezinho parece que tem visgo.

Enquanto os homens descansavam, um tanto desapontados de não aparecer o café com bolinhos, Emília foi secretamente à caixa das munições e trocou a pólvora que lá havia por farinha de mandioca. Em seguida, mandou pelo Visconde um recado muito comprido ao rinoceronte, o qual terminava assim: “... e quando eu soltar um assobio, você levanta-se e dá uma investida de rinoceronte selvagem contra esses homens”.

— E se o rinoceronte errar e investir também contra algum de nós? — objetou com muita sabedoria o Visconde. — Porque aqui da casa ele só conhece você.

Emília refletiu um bocado. Depois:

— Diga-lhe para só chifrar os que não tiverem uma rodela de casca de laranja no peito.

Enquanto o Visconde dava o recado, Emília foi ao pomar com uma faca e trouxe meia dúzia de rodela de casca de laranja, que colocou no peito de cada morador da casa sem perder tempo em explicar para que era. Só Tia Nastácia insistiu em saber as razões.

— Ah, não quer? — disse Emília. — Sua alma sua palma. Depois não se queixe — e deixou-a sem rodela no peito.

Nisto soou a voz do detetive X B2, dirigida aos seus homens.

— Tudo pronto? — indagava ele.

— Tudo pronto! — responderam os perguntados.

— Então, fogo!

— Parem! Parem! Não ainda! — berrou Tia Nastácia lá de dentro. — Estou procurando algodão para botar nos meus ouvidos e nos de Dona Benta. Onde já se viu dar tiro de peça na escadinha da varanda sem a gente estar com um bom chumaço de algodão nos ouvidos? Credo!

Os artilheiros esperaram que os ouvidos das duas velhas ficassem perfeitamente enchumachados. Depois, ouvindo de novo a ordem de “Fogo!”, fecharam os olhos e bateram na espoleta.

A decepção foi completa. Em vez dum terrível *Bum!* que atroasse os ares, o que saiu do canhãozinho foi pirão de farinha de mandioca. O grande tiro falhara da maneira mais vergonhosa. Nesse momento Emília, imitando Pedrinho, meteu dois dedos na boca e tirou um assobio agudíssimo.

O rinoceronte ouviu lá longe. Levantou-se de cara feia e veio, que nem uma avalanche de carne, contra os seus perseguidores.

Soou um berro de pânico misturado com a ordem do detetive X B2 de “salve-se quem puder”. Todos puderam, porque todos se salvaram, como veados, pelos fundos do quintal, imperterritamente. Naquela velocidade, em menos de uma hora estariam no Rio de Janeiro.

Ao alcançar a escadinha, o rinoceronte não encontrou um só inimigo, isto é, uma só pessoa sem rodela de casca de laranja no peito. Minto. Encontrou uma: Tia Nastácia, e ao vê-la sem rodela pensou que fosse cozinheira da gente do governo. Abaixou a cabeça e investiu. A pobre preta mal teve tempo de trancar-se na despensa, onde fez, no escuro, mais pelo-sinais do que em todo o resto de sua vida.

— Toma! — gritou a diabinha da Emília. — Quis ser muito sabida, não é? Pois toma...

XII

Rinoceronte familiar



A vida no sítio mudou depois da entrada do rinoceronte para o bando. No começo Narizinho e Pedrinho não podiam esconder certo medo. Quanto a Dona Benta e Tia Nastácia, isso nem é bom falar. Tremiam de pavor sempre que à tarde, conforme seu costume, o paquiderme vinha da Figueira-Brava postar-se no terreiro para longas prosas com a Emília. Nem espiar pela janela espiavam, as coitadas. Mas os meninos espiavam. Regalavam-se de espiar.

O rinoceronte vinha e dava um bufo. Emília e o Visconde largavam incontinenti o que estivessem fazendo e iam na volada ao encontro dele, para ouvirem histórias da África. Depois se punham os três a brincar de esconde-esconde, de chicote-queimado, de pegador. Emília logo inventou jeito de montar a cavalo no chifre dele para passear pelo terreiro. O Visconde puxava o monstruoso paquiderme por uma cordinha atada à orelha.

— Que danada esta Emília! — dizia Narizinho, lá da sua janela, com uma inveja louca de fazer o mesmo. — Não tem medo de coisa nenhuma...

— Grande milagre! — retorquia Pedrinho, com uma ponta de inveja. — Se eu fosse de pano, como ela, até em três rinocerontes montava ao mesmo tempo.

— Não sei, não sei, Pedrinho — intervinha a Cléu, fazendo cara de dúvida. — Emília é mesmo uma exceção completa. Isso de não ter medo me parece o de menos. O que me assombra é o jeito que ela tem para tudo. Repare que neste caso do rinoceronte foi quem fez sempre o primeiro papel. Foi quem o descobriu, foi quem o amansou, foi quem passou a perna nos caçadores e os botou daqui para fora a fugirem como veados. Ora, isto é muito para uma boneca, não acha?

Pedrinho, que estava namorando a Cléu, não teve remédio senão achar que sim.

Numa dessas vezes Tia Nastácia criou coragem e entreabriu muito devagarinho a janela. Espiou pela fresta.

— Nossa Senhora da Aparecida! — exclamou, com os olhos pulando da cara. — Venha ver, sinhá! A Emília a cavalo no tal boi de um chifre só e o Visconde puxando ele por uma cordinha, como se fosse a coisa mais natural do mundo! Credo!...

Dona Benta espiou e também assombrou-se.

— Realmente! Para mim a Emília é alguma fadinha que anda pelo mundo disfarçada em boneca de pano. Passear a cavalo num rinoceronte! Vá a gente contar isso lá fora — ninguém acredita, nem pode acreditar...

— E o Visconde, sinhá, repare o jeitinho dele, puxando o boi...

— Não é boi, Nastácia, é ri-no-ce-ron-te — emendou Dona Benta.

— Para mim é boi — insistiu a negra. — Não sei dizer esse nome tão comprido e feio. Estou velha demais para decorar palavras estrangeiras. Mas repare no Visconde, sinhá. Puxa o boi da África como se estivesse puxando um boizinho de chuchu, daqueles que Seu Pedrinho costuma fazer...

E as duas ficavam de boca aberta, admirando aqueles assombros.

Um dia Narizinho gritou lá da sua janela:

— Emília, estou com vontade de perder o medo e montar nele também. Que acha?

— Pois venha, boba! Não há bicho mais manso que este. A História natural de Dona Benta está errada. Não vê como faço dele gato e sapato?

— Sim, mas você é de pano e eu não. Sou de carne...

— Por dentro; por fora é de pano como eu — os vestidos. Faça de conta que é de pano inteirinha e venha. Ele tem reparado muito na sua ausência, está até sentido. Venha e diga a Pedrinho e Cléu que venham também.

Narizinho, Pedrinho e Cléu entreolharam-se com uma vontade louca de aceitar o convite.

— Vamos? — propôs Narizinho, já meio decidida.

— Vamos! — responderam os outros, corajosamente. Minutos depois estavam os três repimpados no lombo do rinoceronte.

— Falta Rabicó! — berrou a Emília. E pôs-se a chamar: — Rabicó! Rabicó! Não seja bobo, venha também!...

Mas Rabicó estava a duzentos metros dali, no pasto, espiando a cena por detrás dum capim. Não vê que ia!

As brincadeiras com o rinoceronte repetiam-se diariamente, por horas. Além das passeatas, inventaram novas coisas, como, por exemplo, fazê-lo puxar o carrinho de cabrito, com um passageiro de cada vez porque não cabiam dois. Ora ia Narizinho, ora o menino, ora a Cléu. Emília nunca deixava o seu posto no chifirão do monstro. Aquele lugar era dela só.

Um dia Tia Nastácia não resistiu. Foi para o terreiro ver de perto a brincadeira. Quando virou o rosto, viu Dona Benta que vinha vindo. Dona Benta também não resistira à tentação.

Os meninos fizeram-lhes uma grande festa.

— Ora, graças que se estão civilizando! — berrou Narizinho. — Viva vovó! Viva Tia Nastácia!

Nisto, Cléu, que estava dentro do carrinho, pulou fora e disse:

— Chegou sua vez, Dona Benta. Suba!

Era um despropósito aquilo, coisa para desmoralizar a boa velha para o resto da vida. Apesar disso a tentação foi forte e, como Cléu a ia empurrando, Dona Benta de

súbito decidiu-se. Ajuntou a saia e, sem olhar para Tia Nastácia (de vergonha), subiu ao carrinho.

— Viva! Viva vovó! — berraram, do alto do paquiderme, os meninos. — Toca, Emília! Puxa, Visconde!

Emília deu no rinoceronte com o seu chicotinho e o Visconde o puxou quatro vezes até à porteira, ida e volta. Se houvesse por ali um aparelho de cinema podia ser tirada a melhor fita do mundo...

Nesse ponto da brincadeira, porém, aconteceu uma atrapalhão. Dois homens a cavalo surgiram na estrada. Mais que depressa Dona Benta pulou fora do carrinho e correu para a varanda.

Os homens pararam na porteira e pediram licença para entrar. Entraram. Apearam-se. Dirigiram-se para a varanda.

— Desejamos falar com a dona da casa — disseram.

Dona Benta adiantou-se.

— Sou eu a dona da casa. Que é que Vossas Senhorias desejam?

Um dos homens era alemão. O outro, brasileiro. Foi este quem falou.

— Minha senhora — disse ele —, quero apresentar a Vossa Excelência o Senhor Fritz Müller, proprietário do circo de cavalinhos que está no Rio de Janeiro. O Senhor Müller é dono dum rinoceronte que fugiu de lá faz uns meses. Depois de longas pesquisas descobriu que o animal estava escondido aqui e veio comigo reclamá-lo. Sou o seu advogado.

O rinoceronte reconheceu o Senhor Müller e pendurou o focinho, muito triste, já sem vontade de brincar.

— Que é que há? — perguntou-lhe a boneca, ao ouvido.

— Aquele homem louro é o meu dono — respondeu o paquiderme — e veio buscar-me. Estou triste porque gosto muito mais daqui do que do circo...

Emília abespinhou-se toda, lançando um olhar terrível para os dois intrusos. Refletiu uns instantes e depois disse ao animalão:

— Não se aborreça. Darei um jeito desses piratas fugirem daqui ainda mais depressa que os caçadores. — Disse e desceu, dirigindo-se para a varanda, onde ficou atrás duma cadeira, escutando a conversa dos homens com a velha.

— Pois não haja dúvida — dizia Dona Benta. — Se o animal é seu, pode levá-lo, apesar de que está muito acostumado aqui e não nos incomoda em nada.

— Está bem — disse o alemão. — Vou levá-lo já.

Ao ouvir tais palavras Emília não se conteve. Pulou de trás da cadeira, plantou-se diante do homem, de mãozinhas na cintura, e disse:

— A coisa não vai assim, meu caro senhor! Não basta ir dizendo que o rinoceronte é seu. Tem que provar que é seu, sabe?

O alemão ficou espantadíssimo daquele prodígio: uma bonequinha falando, e falando daquele jeito, com tal arrogância.

— Quem é esta “senhorita”? — perguntou ele a Dona Benta.

— Pois é a Emília, Marquesa de Rabicó; nunca ouviu falar dela? Foi quem descobriu o rinoceronte no capoeirão dos Taquaruçus. Depois o vendeu a Pedrinho. Depois o amansou e agora passa o dia a brincar com ele.

O alemão estava cada vez mais assombrado. Apesar de ser homem vivido, e de ter corrido o mundo inteiro com o seu circo, jamais observara fenômeno igual: uma

bonequinha tão pernóstica. Quis continuar a falar e não pôde. Estava engasgado. Quem falou dali por diante foi o seu companheiro.

— Sim, sim, minha senhorinha — disse este —, o rinoceronte pertence aqui ao meu amigo Müller, que o vem reclamar. Vejo que tanto a senhorinha como os outros meninos já estão acostumados com o paquiderme. Infelizmente somos obrigados a levá-lo para o circo.

Emília empertigou-se mais ainda.

— Vamos por partes — disse ela. — Antes de mais nada, quero que o senhor doutor me prove que ali o Senhor Müller é mesmo o dono deste rinoceronte. Exijo provas, sabe? Eu não uso anel de advogado no dedo, mas acho que em direito o que vale são as provas.

Foi a vez de o advogado abrir a boca, de espanto. A tal bonequinha sabia discutir como um perfeito rábula.

— Toda gente deste país sabe que o rinoceronte pertence ao Senhor Müller — disse ele. — Os jornais deram mil notícias a respeito de sua fuga e da busca que os homens do detetive X B2 andaram fazendo pelo Brasil inteiro. É um fato de domínio público.

— Perfeitamente — replicou Emília. — Não nego que esse cara-de-cavalomelado...

— Emília! — repreendeu Dona Benta. — Mais modos, hem?...

— ... seja dono dum rinoceronte. Mas quero que prove que o rinoceronte dele é este, está entendendo?

O advogado deu uma risadinha amarela.

— Muito fácil provar, bonequinha. No Brasil não há rinocerontes. O Senhor Müller foi o primeiro homem que trouxe um para cá. Esse um fugiu. Em seguida aparece este rinoceronte por aqui. Logo, o presente rinoceronte é o mesmo rinoceronte do referido Senhor Müller.

— Isso nunca foi prova, nem aqui nem na casa do diabo — contestou Emília. — Quero prova de verdade. Alguma marca, algum sinal de nascença...

— A marca é aquele chifre único que ele tem na testa — disse o advogado, piscando o olho, como se Emília não soubesse que todos os rinocerontes daquela espécie possuem sempre um chifre só.

Emília não respondeu. Achou um grande desaforo querer aquele idiota fazê-la de boba. Em vez de responder, disse apenas:

— Espere aí.

O advogado esperou, com um sorriso nos lábios, certo de que a tinha vencido na argumentação. Enquanto esperava, ia trocando olhares velhacos com o Senhor Müller.

Emília foi mexer nos guardados de Pedrinho e trouxe uma pitada de pó de pirlimpimpim num pires.

— Vamos resolver esta questão dum outro modo — disse ela, ao voltar. — Tenho aqui este tabaco que vou dividir em duas porções. O senhor toma uma pitada e ali o “cara-melada...”

— Emília!... — repreendeu de novo Dona Benta.

— ... toma outra. Se não espirrarem, é que o rinoceronte é o mesmo que andam procurando.

O advogado e o alemão acharam muita graça naquilo e, sem desconfiança nenhuma, resolveram tomar a pitada de pó de pirlimpimpim, certos de que não

espirrariam. Era dose pequena demais para fazer espirrar dois homens como eles, acostumados ao fumo forte. Tomaram a pitada, sorridentes e... *fiunnn!* — ninguém nunca soube onde foram parar! Sumiram-se no espaço...

A vitória da Emília foi saudada com berros e palmas. Até o rinoceronte aplaudiu com urros, contentíssimo do feliz desfecho do incidente.

Dona Benta deu um suspiro de alívio e voltou ao terreiro. Queria continuar o seu passeio no carrinho. Mas não pôde. Tia Nastácia já estava escarrapachada dentro dele.

— Tenha paciência — dizia a boa criatura. — Agora chegou minha vez. Negro também é gente, sinhá...

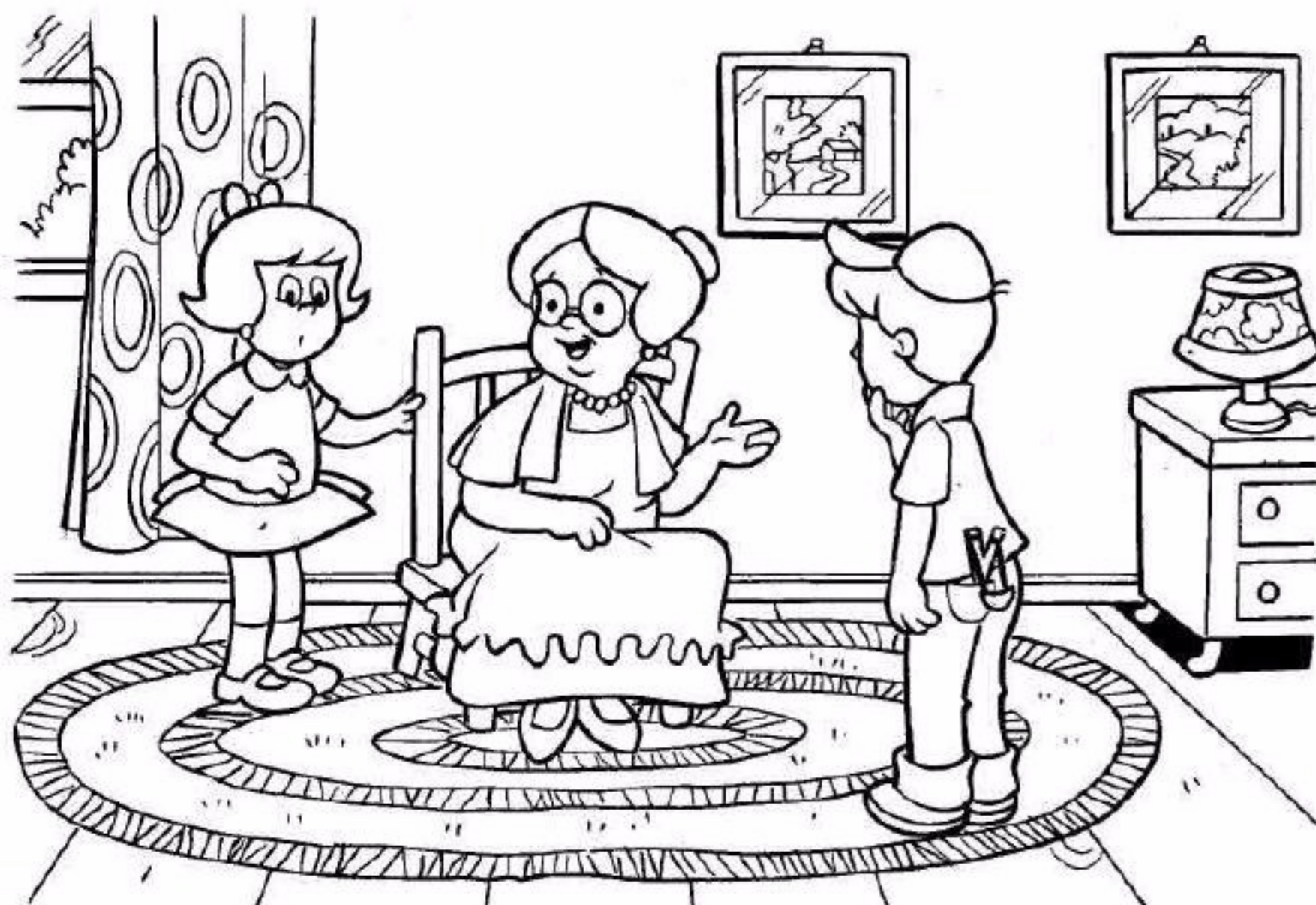
* * *

AVENTURAS DE HANS STADEN

O homem que naufragou nas costas do Brasil em 1.553 e esteve oito meses prisioneiro dos índios tupinambás; narradas por Dona Benta aos seus netos Narizinho e Pedrinho.

I

Quem era Hans Staden



Dona Benta sentou-se na sua velha cadeirinha de pernas serradas e principiou:

— Hans Staden era um moço natural de Homberg, pequena cidade do Estado de Hesse, na Alemanha.

— De S? — exclamou Pedrinho, dando uma risada. — Que engraçado!

— Não atrapalhe — disse Narizinho. — Assim como em São Paulo há a Freguesia de Nossa Senhora do Ó, bem pode haver o Estado de S na Alemanha. Em que o O é melhor que o S?

— Não digam tolices — interrompeu Dona Benta. — Esse Estado da Alemanha escreve-se em português h e s s e, diz-se Hessen em alemão. Nada tem que ver com a letra S.

Depois desta lição Dona Benta continuou:

— O moço Staden tinha o temperamento aventureiro; não se contentava com o sossego da cidade natal. Queria ver o mundo, viajar, cortar os mares, e insistia nisso por mais que seu pai lhe dissesse que boa romaria faz quem em casa fica em paz.

Um dia resolveu sair de Homberg.

— Adeus, meu pai! Não nasci para árvore. Quero voar, conhecer o mundo. Adeus!

— Pois vai, meu filho. Todos nós temos um destino na vida; se o teu destino é viajar, que se cumpra.

Hans partiu para a cidade de Bremen e de lá para a Holanda, onde, no porto de Campon, encontrou várias naus que se apresentavam com destino ao reino de Portugal. O moço embarcou em uma delas e chegou a Setúbal depois de quatro semanas de travessia.

— Quatro semanas! — exclamou Pedrinho. — Que carroça!

— Naquele tempo de navegação a vela as viagens dependiam dos ventos, sendo por isso incertas e demoradas; Fazia-se em meses o que hoje se faz em dias.

Hans esteve algum tempo em Setúbal, com certeza provando o gostoso vinho moscatel que lá fabricam. Depois tomou o caminho de Lisboa. Sua intenção era seguir para as índias numa das frotas que dali costumavam zarpar.

— Zarpar? — interrompeu Pedrinho. — Por que fala assim tão difícil hoje, vovó?

— Não estou falando difícil, Pedrinho. Há certas expressões que se chamam “técnicas” e que vocês precisam ir aprendendo. Zarpar se diz quando um navio ou uma esquadra sai dum porto. É uma expressão técnica, isto é, de sentido exato.

— Muito bem. Continue. Achou ele navio que o levasse para as índias?

— Não teve sorte. Hans não encontrou nenhum navio com destino às índias. Em vista disso engajou-se como artilheiro num barco do Capitão Penteado, que se destinava ao Brasil. Essa nau era mercante, mas ia armada de canhões, como se fosse navio de guerra, e levava ordem do rei para atacar os barcos franceses encontrados pelo caminho.

— Por que isso, vovó?

— Portugal e França estavam em luta por causa das terras novas descobertas em 1.500, e era no mar que justavam contas.

A França julgava-se com tanto direito de explorar essas terras como Portugal, mas tais terras pertenciam a Portugal e Espanha que haviam tomado posse delas antes dos outros. Terra naquele tempo era de quem primeiro a pegava.

Mas a França não concordava com isso e o seu rei nessa época, Francisco I, havia dito em certa ocasião:

— Eu quero que me mostrem o testamento de Adão que repartiu o Novo Mundo entre o rei da Espanha e o rei de Portugal, pondo-me fora da partilha.

Era por esse motivo que os franceses e portugueses se atracavam no mar, embora não existisse guerra declarada entre as duas nações.

Mas a nau em que ia o nosso Staden partiu de Lisboa, seguida de outra menor, e foi ter à ilha da Madeira, onde já se produzia muito vinho e açúcar. Em Funchal, porto da ilha, a frota ancorou para receber víveres. Em seguida tomou o rumo das costas da Berberia.

— Berberia ou Barbaria, vovó? — perguntou o menino. — Não quer dizer terra dos bárbaros?

— Não, meu filho. Quer dizer terra dos berberes, nome genérico dado aos habitantes do norte da África. Talvez a palavra berbere venha de bárbaro. Os dicionários têm dúvidas a respeito.

Os navios foram ter ao porto de Arzila, cidade que os portugueses tinham tomado aos berberes e que depois perderam.

Por informação de pescadores espanhóis o Capitão Penteado soubera que por lá andavam navios corsários, em comércio com esses mouros, e tratou de dar-lhes caça.

De fato, encontrou um e imediatamente o atacou, mas a tripulação do corsário teve tempo de tomar os botes e fugir para terra. Os portugueses apossaram-se do navio, nele encontrando grande quantidade de açúcar, amêndoas, couro de cabrito, goma-arábica e tâmaras.

— Que gostoso! — exclamou Pedrinho, lambendo os beiços.

Ele gostava muito de tâmara.

— Mas era direito isso, vovó? — indagou a menina.

— Ah, minha filha, a história da humanidade é uma pirataria que não tem fim. O mais forte, sempre que pode, depreda o mais fraco. Só quando a justiça for uma realidade, em vez de ser um ideal, é que as coisas mudarão de rumo.

A nau vencedora levou a presa para a ilha da Madeira, donde o capitão mandou o navio menor a Lisboa, saber do rei o que devia fazer, visto como parte do carregamento pertencia a espanhóis, com quem os portugueses não estavam em guerra.

— Foi o navio a Lisboa só para dar o recado? Imaginem!... — Que remédio! Não havia outro meio; não era como hoje, que a radiotelegrafia põe os barcos em comunicação instantânea com a terra sempre que é preciso. O navio foi e voltou. El-rei mandou dizer que ia estudar o assunto; Penteado que deixasse a presa na ilha e continuasse a viagem.

Em seguida o Capitão Penteado voltou para Arzila, na esperança de apanhar nova presa.

Esse cálculo falhou. Sobreveio fortíssima tempestade, que arrojou a nau a quatrocentas milhas dali, para os lados do Brasil.

— Quantos metros tem a milha, vovó? — indagou Pedrinho.

— A milha varia muito, de país para país. É medida do tempo dos romanos, entre os quais valia mil passos. Mas como isso de passo cada povo o tem maior ou menor, conforme o comprimento das pernas, há milhas de 1.609 metros, como a inglesa, e milhas de mais de 8.000 metros, como a húngara. Mas hoje está generalizada a milha marítima de 1.852 metros.

— É uma danada, esta vovó! Parece um livro aberto — disse o menino, entusiasmado com a ciência da velha.

— Continue, vovó — pediu Narizinho, mais interessada na navegação de Hans do que na elasticidade da milha.

Dona Benta continuou:

— As naus, em vista do avanço que o temporal lhes imprimira no rumo do Brasil, deixaram em paz as costas da Berberia e seguiram viagem para as terras de Cabral.

Pelo caminho toparam grande quantidade de peixes-voadores. Erguiam-se do mar em cardumes para fugir à perseguição dos peixes maiores; voavam um bom pedaço e iam cair n'água, muito longe dos seus inimigos. Às vezes voavam à noite e vinham dar de encontro às velas e cordas dos navios; de manhã os marinheiros não necessitavam de pescar para o almoço; era só colhê-los no tombadilho. E assim foram os navios singrando até alcançarem a linha do equinócio.

— Que é isso, vovó?

— É o equador, meu filho. Já esqueceu a sua lição de cosmografia?

Chegados ao equador houve um período de calma, isto é, sem brisas, de modo que os navios ficaram parados sobre as ondas, com grande padecimento dos marinheiros em vista do calor sufocante.

Às vezes trovejava e caíam chuvas violentas; mas a calmaria sobrevinha de novo, enchendo de pavor a pobre marujada, porque o prolongamento daquela situação poderia trazer a todos o mais triste dos fins.

Certa noite de chuva apareceram no costado dos navios muitas luzes mortas, coisa que Staden não tinha visto ainda. Onde batiam as vagas ficava a brilhar uma luz azul. Os marinheiros alegraram-se com o fenômeno, a que chamavam santelmo e diziam ser sinal de bom tempo.

Assim foi. Quando raiou o dia principiou a soprar um vento favorável, que permitiu às naus prosseguirem na viagem.

A 28 de janeiro (isso no ano de 1548) avistaram uma ponta de terra, que Hans soube ser o cabo de Santo Agostinho. Mais oito milhas de marcha e finalmente atingiram o porto de Olinda, depois de oitenta e oito dias de mar.

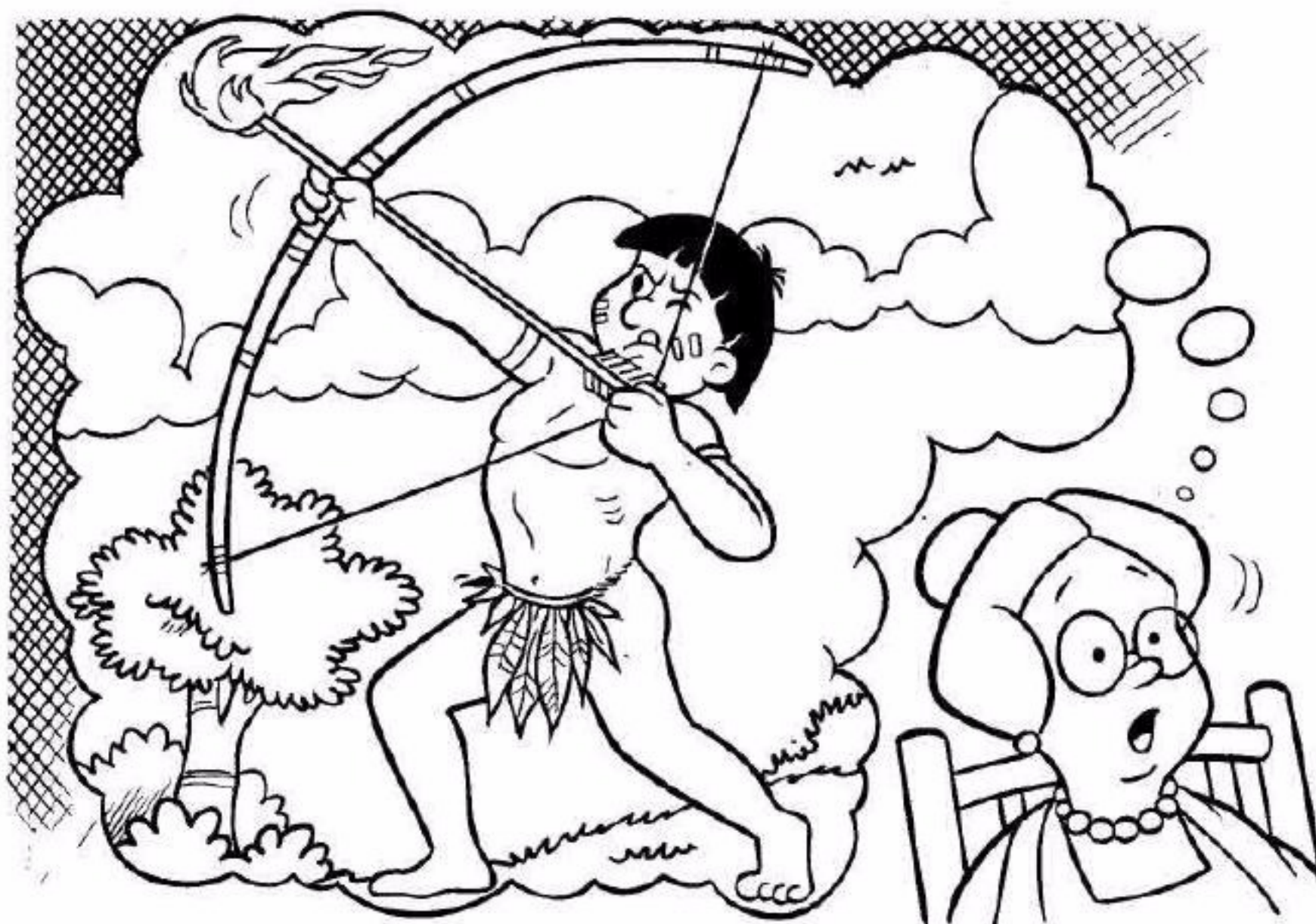
— Mas a tal luz morta, vovó, que era? — quis saber Pedrinho, e Dona Benta explicou.

— Trata-se de fosforescência, de certos bichinhos que bóiam sobre as águas do mar aos bilhões de bilhões, numa verdadeira Via-láctea de massa viva. É a mesma fosforescência dos vaga-lumes, mas em animálculos extremamente pequenininhos...

— Pare um pouco, vovó — pediu a menina. — Quero dar um pulo lá dentro para trazer a Emília. A coitadinha gosta tanto de ouvir histórias...

II

A revolta dos índios



Logo que a menina voltou, Dona Benta, já esquecida dos “animálculos”, prosseguiu:

— A colônia de Pernambuco era governada por Duarte Coelho, a quem o Comandante Penteado foi logo apresentar-se. Duarte Coelho contou-lhe que estavam em má situação, em vista de se terem revoltado os selvagens daquela zona.

— Por quê, vovó?

— Porque os colonos haviam capturado e escravizado alguns selvagens. A raça vermelha, ou índia, nunca suportou a escravidão. Prefere a morte, e se não fosse a ganância dos brancos, quer portugueses, quer espanhóis, ganância que os levou a insistir na escravidão dos índios, não teria havido nas Américas os horrores que houve.

Duarte Coelho pediu ao Capitão Penteado que o ajudasse naqueles apertos, indo com os seus homens guarnecer uma colônia de nome Iguaçu¹, naquele momento cercada pelos índios. Essa colônia ficava a umas cinco milhas de Olinda.

O capitão reuniu em um bote quarenta marinheiros e mandou remar para Iguaçu, situada num braço de mar que avançava terra adentro.

Lá encontraram noventa portugueses e uns trinta e tantos escravos, entre pretos e índios. Os selvagens sitiados eram avaliados em oito mil.

— Oito mil, vovó? Que horror! Um verdadeiro exército!...

— “Avaliados” em oito mil, meu filho. As avaliações dos interessados em geral erram para mais. O compadre Teodorico, nosso vizinho, sempre avaliou o seu sítio em setenta alqueires. Veio o agrimensor, mediu e achou trinta...

A praça de Iguaçu era defendida apenas por uma estacada de madeira, que a fechava de todos os lados. Para além da estacada estendia-se a floresta, na qual os índios construíram dois redutos feitos de grossos troncos; ao pé desses redutos abri-

¹- Canoa grande.

ram trincheiras nas quais passavam o dia, só saindo para guerrilhar.

Os índios conheciam imperfeitamente o poder das armas de fogo, e sempre que os portugueses davam uma descarga deitavam-se, convencidos de que assim se livrariam das balas.

De todas as bandas havia índios, de modo que ninguém podia sair da estacada sem ser flechado. Além disso os sitiados atiravam as flechas para cima, calculando a curva de jeito que fossem cair verticalmente dentro da praça.

— Eu punha uma panela de cobre na cabeça e queria ver! — disse Pedrinho, com cara de quem descobriu a pólvora.

— Também usavam — continuou Dona Benta — flechas incendiárias, preparadas com algodão embebido em cera.

Acendiam-nas e lançavam-nas contra os tetos das casas. E tanta certeza tinham de vencer aos portugueses, que já combinavam o modo de os devorar a todos numa grande festa.

O cerco ia-se prolongando e as provisões começavam a escassear. Havia mandiocas junto à estacada, mas era impossível chegar até elas. Em vista disso o capitão de Iguaçu ordenou que os quarenta marinheiros saíssem em dois barcos e fossem até à colônia de Itamaracá¹, a fim de trazer mantimentos.

Os quarenta marinheiros partiram sem demora, encontrando o braço de mar atravancado de grandes árvores, derrubadas pelos índios. Foi preciso jeito para conseguirem passar.

Vendo que a tranqueira tinha sido inútil para tomar-lhes o passo, os selvagens procuraram mais adiante asfixiá-los com a fumaça de grandes fogueiras erguidas nas margens, nas quais lançavam pimenta.

— E esta, vovó — acudiu Pedrinho. — Então já conheciam o uso dos gases asfixiantes?

— É para ver, meu filho, que nada há de novo sob o sol. Essa fumaça de pimenta, aliás, pouco adiantou: fez arder os olhos dos marinheiros mas não os impediu de, com o auxílio da maré, passarem além e alcançarem Itamaracá.

Nessa colônia encontraram as provisões requeridas; encheram os botes e regressaram.

Quando iam chegando a Iguaçu viram que os selvagens não tinham desanimado de lhes atrapalhar a expedição. Havia lançado à água novos troncos; além disso, cortaram rente ao chão duas árvores muito altas, que cresciam à beirinha d'água, mantendo-as de pé por meio de cipós, cujas pontas iam ter aos seus redutos. A intenção dos índios era deixar caírem as árvores no momento em que os barcos lhes passassem ao alcance.

Os marinheiros, porém, foram felizes e conseguiram escapar da armadilha. Uma das árvores tombou um pouco atrás de um dos barcos, e a outra, talvez empurrada pelo vento, caiu do lado da terra.

Restava a tranqueira da paulama derrubada na água, a qual oferecia um sério embaraço. Vendo a situação dura, os marinheiros pediram em altos brados o auxílio dos da praça. Mas os índios ergueram um tal berreiro que os sons se misturaram no ar e não foi possível ouvir-se em Iguaçu o pedido de socorro.

Apesar disso, como esses quarenta homens fossem dos mais esforçados, mesmo

¹ - Pedra de maracá.

sem auxílio estranho puderam romper os tropeços e penetrar com as provisões na estacada.

Este fato valeu a vitória para os portugueses. Os sitiante desanimaram de vencê-los e propuseram uma paz que foi logo aceita, retirando-se em seguida para as suas tabas.

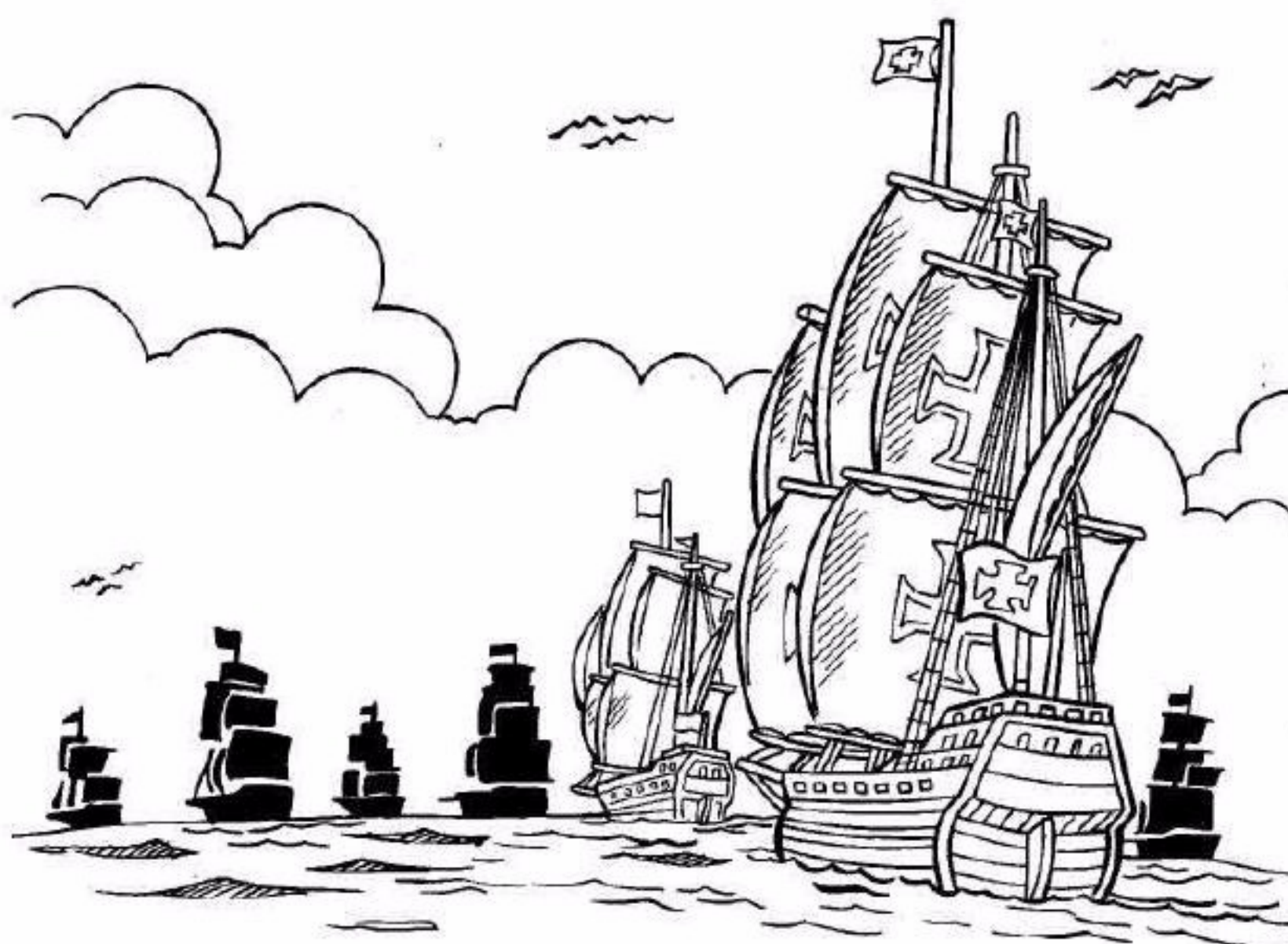
O cerco de Iguaçu havia durado um mês.

Nada mais tinham que fazer ali os marinheiros de Penteado. Regressaram, pois, a Olinda, onde receberam muitos agradecimentos do governador. E como já os navios estivessem carregados, desfraldaram as velas e partiram.

— Coitada da Emília! — exclamou Narizinho, beijando a boneca. — Está com cara de quem não entendeu coisa nenhuma, esta boba...

III

A volta para Lisboa



Saindo do porto de Olinda, que os indígenas chamavam Marim¹, as naus velejaram quarenta milhas ao norte, em demanda da terra dos potiguaras.

— Que terra era essa, vovó?

— Essa terra corresponde hoje ao Estado da Paraíba. Havia lá muito pau-brasil, madeira com que os índios comerciavam.

— Um parêntese, vovó — disse Pedrinho. — Por que motivo naquele tempo lidavam tanto com o pau-brasil e hoje não se fala mais nele? Será que lhe acabaram com a casta?

— Não, Pedrinho. O que se deu foi que o carvão-de-pedra derrotou o pau-brasil. Pedrinho arregalou os olhos.

— Naquele tempo tirava-se dessa madeira uma substância colorante, empregada na tinturaria, como também se extraía o carmim dum inseto chamado cochonilha. Com os progressos da química, porém, a indústria descobriu meios de tirar do carvão-de-pedra as anilinas, isto é, as mães de todas as cores possíveis e imagináveis. E como isto ficasse mais barato, desapareceu a indústria do pau-brasil, da cochonilha, da garança, do anil e de quanto vegetal era cultivado com fins de tinturaria.

— Onde a senhora aprendeu tanta coisa, vovó? — quis saber Narizinho.

— Lendo e vivendo, minha filha. Mas o que sei é nada; parece alguma coisa para vocês, crianças que quase nada sabem; mas diante do que sabe um verdadeiro sábio, como aquele Darwin da Viagem ao redor do mundo, que eu quero que vocês leiam, minha ciência é igual a zero.

Mas voltemos à nossa história. Ao aproximar-se desse porto, o navio do Capitão Penteado encontrou um navio francês. De acordo com as ordens de el-rei atacou-o sem demora, na esperança de o apresar. O tal navio, porém, não era de brincadeiras. Espetou-lhe uma bala de canhão no mastro grande, destruindo-o e

¹- Povoador.

matando vários homens. Em seguida afastou-se. O navio português não esperava por aquela resposta. Tonteou e... passe muito bem, sou um seu criado.

Para cúmulo de má sorte sobreveio a calmaria e não foi possível entrar no porto. Em vista do contratempo o capitão desistiu do pau-brasil e deliberou regressar ao reino.

Volta péssima. Como não tinham podido tomar provisões na Paraíba, o mantimento veio a escassear, e de tal forma que passaram fome, sendo obrigados a comer um carregamento de couro de cabrito que traziam a bordo. Cada tripulante recebia apenas a ração diária de um copo d'água e um punhado de farinha. Esse horror durou cento e oito dias, até que alcançaram as ilhas dos Açores, também pertencentes ao rei de Portugal.

Certo dia, em que estavam à pesca, apareceu ao longe um barco suspeito. Incontinenti dirigiram-se para ele, a fim de verificar se era amigo ou inimigo. Era inimigo — e os portugueses voaram-lhe em cima.

Como o navio não se achasse em condições de resistência, os seus tripulantes fugiram todos para terra. Penteado apossou-se do barco sem luta, e fez ótimo negócio, tanta farinha e vinho encontrou nos porões.

Foi um regalo. Os vencedores tiraram a barriga da miséria, comendo e bebendo pelo resto do ano.

— Que boa vida! — exclamou o menino. — Bem diz vovó que a história da humanidade é uma pirataria sem fim...

— Infelizmente é verdade, meu filho. Com este ou aquele disfarce de pretexto, o mais forte tem sempre razão e vai pilhando o mais fraco.

— É uma fábula do lobo e do cordeiro... — lembrou a menina.

— Qual, cordeiro! — protestou Pedrinho. — É a fábula do lobo forte e do lobo fraco, uma que me anda na cabeça.

— Bem pensado! — disse Dona Benta. — Essa fábula não foi escrita por Esopo, nem La Fontaine, mas devia ser a fábula número um, porque é a que tem mais freqüente aplicação na vida.

Liquidado o negócio da fábula, Dona Benta prosseguiu:

— Depois de refeitos dos padecimentos da viagem, os portugueses velejaram para a ilha Terceira, em cujo porto se reuniram a numerosos navios que vinham chegando do Novo Mundo, uns com destino à Espanha, outros, a Portugal. E foi fazendo parte de um comboio de cem naus que o barco de Penteado alcançou Lisboa, depois de dezesseis meses de mar.

Em Lisboa, Staden descansou uns tempos, o necessário para esquecer os horrores da primeira viagem e sentir desejos de empreender segunda.

Já conhecedor da terra descoberta pelos portugueses, quis conhecer também os domínios dos espanhóis na América. O Rio da Prata e o Peru deslumbravam todas as imaginações com a fama das suas riquezas. O sonho dos aventureiros consistia em virem juntar ouro do chão, enchendo grandes sacos que os enriquecessem para o resto da vida.

— Mas era assim mesmo, vovó?

— Era. Nas jazidas à flor da terra e no cascalho de certos rios o ouro realmente abundava de maneira maravilhosa, e o que os portugueses e espanhóis tiraram da América não tem conta. Foram milhares e milhares de arrobas!

— Por que, então, não se tornaram esses países os mais ricos do mundo? — perguntou Pedrinho.

— Porque não souberam guardá-lo — respondeu Dona Benta. — Não basta ganhar, é preciso conservar, coisa muito mais difícil. Todo o ouro que Portugal tirou do Brasil foi se passando aos poucos para os países industriais, sobretudo para a Inglaterra, em troca dos produtos das suas fábricas. Quando os portugueses abriram os olhos, era tarde — o ouro do Brasil estava todo em mãos de gente mais esperta.

IV

A segunda viagem



O nosso Hans Staden foi para Sevilha e lá encontrou uma frota de três navios comandados por Dom Diogo de Senabria, que fora nomeado pelo rei da Espanha governador do Rio da Prata. Hans engajou-se a bordo de um dos navios e partiu em 1549, no quarto dia depois da Páscoa.

Logo no começo tiveram ventos contrários, sendo os navios obrigados a procurar abrigo no porto de Lisboa. Quando o vento virou de feição partiram de novo e velejaram para as Canárias, deitando âncora na ilha da Palma. Ali tomaram provisões e combinaram reunir-se no grau 28 a sul do equinócio, caso durante a travessia alguma tempestade os dispersasse. A nau que lá chegasse primeiro interromperia a sua derrota e esperaria as demais.

— Derrota? — exclamou Pedrinho.

— Sim, derrota — afirmou Dona Benta. — Derrota não é só o que você sabe; é também o rumo, a direção que um navio leva quando singra os mares.

Feita a combinação, partiram e velejaram até Cabo Verde, já na África, onde quase foram ao fundo. Depois, sempre com maus ventos, tocaram algumas vezes nas costas africanas e alcançaram a ilha de São Tomé, pertencente ao rei de Portugal. Em seguida velejaram de novo, não tardando que uma furiosa tempestade dispersasse a pequena esquadra.

— Que azar! — exclamou Pedrinho. — Era preciso muita coragem para ser navegante naqueles tempos.

— Pura verdade, meu filho. A navegação a vela foi uma epopéia.

— Que é epopéia, vovó? — perguntou a menina.

— Eu sei! — exclamou o menino. — Epopéia é, por exemplo, Os lusíadas, de Camões, não é, vovó?

— Não é, meu filho. Dar exemplo não é definir. Epopéia quer dizer poema em que o poeta canta uma grande empresa heróica, uma alta façanha. Os lusíadas são uma epopéia, mas “a epopéia não é, por exemplo, Os lusíadas...”

— Mas então, vovó, navegação é epopéia? é algum poema?

— Sim. É um poema não escrito, porque está acima das forças de um só poeta cantar a série infinita de dramas, heroísmos, abnegações e sacrifícios que enchem os anais da navegação.

Pedrinho achou que bastava.

— Entendi, vovó, pode continuar.

Dona Benta prosseguiu:

— A tempestade dispersou as três naus, sendo a em que ia o nosso Hans arrojada para a zona das calmarias.

Três meses ficou parada em pleno oceano! O vento só reapareceu em setembro, e só então pôde ela prosseguir na sua... na sua quê, Pedrinho?

— Derrota! — respondeu de pronto o menino.

— Isso mesmo, está certo. Vejo que minha lição não foi perdida. E prosseguiu sem incidentes na sua derrota até que um dia, a 18 de novembro, o piloto verificou a altura do sol e viu que estavam a 29 graus de latitude.

— Como é que se verifica a altura do sol? — perguntou Pedrinho.

— Com um instrumento chamado *sextante*, que nos permite calcular a longitude e a latitude, de modo a sabermos em que ponto do globo nos achamos.

— Fiquei na mesma — disse Narizinho; — mas continue, vovó.

— Pois é isso, minha filha, eles verificaram que o navio estava no ponto marcado para a reunião e trataram de procurar, na terra mais próxima, abrigo seguro onde pudessem aguardar a chegada dos companheiros. Velejaram então para oeste, sem sair do grau 28, até que avistaram terra. Como, porém, não houvesse a bordo nenhum piloto conhecedor da zona, e como não é de bom conselho entrar em porto desconhecido, o navio ficou a cruzar em frente da costa.

— Cruzar?!... — repetiu Pedrinho.

— Sim, meu filho. Quer dizer, em náutica, bordejar, ir e vir, não se afastar muito de um certo ponto.

Mas estava o navio a bordejar em frente da terra desconhecida, quando rompe fortíssima tempestade. O perigo torna-se enorme. Perto como se achava da costa, podia o vento arrojar o navio de encontro às pedras e fazê-lo em pedaços.

O capitão cuidou logo de precaver-se contra esse possível desastre. Mandou encher vários barris com pólvora, armas e mais objetos, calafetá-los cuidadosamente e amarrá-los uns nos outros.

— Para quê, vovó?

— Muito simples. Em caso de desastre o mar levaria à praia, com os destroços do barco, aquela penca de barris, onde os naufragos encontrariam o que há de mais precioso para quem se vê arrojado pelo destino ao seio de uma terra selvagem: armas de fogo e pólvora.

A tempestade cresceu de vulto; o barco não pôde resistir e foi arrastado a um ponto da costa cheio de recifes submersos. Não vendo salvação, o comandante mandou aproar para terra. Essa manobra viria favorecer o impulso dos ventos e permitir que a nau encalhasse. Iam-se os anéis mas ficavam os dedos.

Assim foi feito. O barco voou para a costa como um corpo que caísse em direção horizontal. Mas quando se aproximava dos arrecifes, apareceu ao lado um porto, a tempo ainda de permitir a manobra do leme. Em virtude disso, em vez de ir para cima das pedras, o barco foi ancorar numa angra bem abrigada e segura.

— Que sorte! — exclamou Narizinho.

— Foi sorte, não há dúvida, e é fácil imaginar a alegria daqueles homens, salvos no momento em que o desastre parecia inevitável. Lançada a âncora, agradeceram a Deus o precioso socorro que lhes enviara. Em seguida trataram de descansar e enxugar as roupas encharcadas.

Isso foi lá pelas duas da tarde.

Não demorou muito surgiu uma canoa de índios com mostras de lhes quererem falar.

Os espanhóis responderam que se aproximassem.

A canoa encostou ao barco, havendo falatório de baixo para cima e de cima para baixo, sem que, entretanto, ninguém se entendesse. Para não desconsolar os índios, os espanhóis os presentearam com machados e facas-, coisa que muito os alegrou.

À noite apareceu outra canoa de índios, desta vez com dois portugueses dentro. Estes homens mostraram-se muito admirados de ver o navio naquele porto. Era uma angra de difícil entrada, sobretudo em dia de temporal.

Os espanhóis narraram as suas tribulações e a maneira milagrosa pela qual vieram ter à angra no instante preciso em que esperavam a morte.

Chamava-se aquele lugar Superagui¹ e ficava distante dezoito léguas de São Vicente e oito de Santa Catarina, para onde os espanhóis pretendiam seguir.

Nesse ponto Narizinho interrompeu a narrativa, exclamando:

— Pare, vovó. Preciso ir ver o que o Rabicó anda fazendo lá no pomar.

E saiu a correr.

¹- Nome de uma língua de terra ao norte de Paranaguá.



Quando a menina voltou, Dona Benta prosseguiu pausadamente:

— Depois de alguma espera, começou a soprar bom vento. O navio deixou a angra, a fim de procurar o porto de Santa Catarina. Velejou para lá, mas o dia estava tão encoberto que não foi possível encontrar esse porto.

Na manhã seguinte, enquanto os marinheiros rezavam a primeira oração do dia, formou-se uma tempestade. A escuridão ficou de breu. O piloto não sabia o que fazer, atrapalhado como se achava com as muitas ilhas ali existentes. Afinal enveredou ao acaso por detrás duma delas a fim de abrigar o navio. Foi feliz. Deu num porto excelente do qual pôde lançar âncora.

Em seguida os marinheiros tomaram um bote e saíram a fazer um reconhecimento.

Subiram por um canal, inspecionando as margens, a ver se descobriam alguma fumaça, indício certo de humanidade.

Como a noite estivesse chegando, o capitão resolveu desembarcar numa ilhota próxima. Os marinheiros fizeram fogo para o jantar, que se compôs de palmitos cortados ali mesmo. Depois dormiram sossegados.

No outro dia pela manhã meteram-se pela terra adentro. Estavam convencidos de que o lugar era habitado e tinham esperanças de encontrar algum morador. Logo adiante lhes apareceu uma grande cruz de madeira, fincada num monte de pedras. Ao pé dessa cruz havia um fundo de barril com a seguinte inscrição: “*Se viniesse por ventura aqui La armada de Su Majestad, tiren um tiro que harán recado*”, o que quer dizer: Se por acaso aqui vierem os navios de Sua Majestade, que dêem um tiro que terão resposta.

A decifração muito alegrou aos marinheiros, e o comandante mandou disparar um tiro de peça.

— Então, vovó, os simples botes traziam canhões?

— Peças pequenas, meu filho, chamadas falconetes, feitas de bronze e de pequeno alcance. A artilharia naquele tempo não dava idéia dos canhões modernos, verdadeiros monstros de aço. Dispararam a peça e daí a algum tempo viram aparecer cinco canoas de selvagens. Os do bote ficaram na dúvida se esses índios vinham como amigos ou inimigos. Mas à medida que as canoas se aproximavam puderam divisar entre os remadores um homem barbado, vestido à européia, com certeza um cristão. Os do bote gritaram-lhe que fizesse parar as canoas e viesse sozinho.

O barbaças obedeceu; fez parar as canoas e veio sozinho. Chamava-se esse homem João Ferdinando, era natural de Bilbao e fora mandado de Assunção a Santa Catarina justamente pelo Capitão Salazar, que agora voltara da Espanha comandando um dos navios desgarrados.

— Viera a Santa Catarina para quê?

— Para aconselhar os índios carijós dessa região a plantarem muita mandioca. Os navios espanhóis, destinados ao Rio da Prata, costumavam aportar ali para receber água — e se também pudessem receber farinha seria ouro sobre azul.

Disse mais o barbaças que o sítio onde estavam era pelos índios chamado Jurumirim¹ e pelos portugueses, Santa Catarina. Esta notícia grandemente alegrou os espanhóis, por ser aquele o porto que demandavam. Por curiosa coincidência, nele haviam penetrado justamente no dia de Santa Catarina.

Os do bote acompanharam o barbaças até à aldeia de selvagens em que ele morava e onde foram muito bem recebidos.

Sentindo-se em terra hospitaleira, o capitão pediu ao barbaças que lhe arranjasse uma canoa de bons remadores, capaz de levar ao navio um mensageiro.

O mensageiro escolhido foi Hans Staden. Logo depois, quando aquela canoa misteriosa se avistou com o navio, houve a bordo grande alvoroço. Os tripulantes puseram-se em defesa, perguntando a Staden por que motivo vinha ele só no meio de tantos índios.

Hans calou-se e fingiu tristeza.

Aquela atitude embaraçou inda mais os do navio, que se puseram a murmurar que com certeza os tripulantes do bote haviam sido mortos e vinham os selvagens com o único restante para lhes armar alguma cilada. Firmaram-se nisso e fizeram menção de atirar contra a canoa.

Vendo mal parada a situação, Hans Staden principiou a rir-se e gritou-lhes de longe todas as boas notícias. Só então permitiram que a canoa abordasse o navio.

Hans subiu, mandou que os índios regressassem e deu as ordens do capitão. O navio levantou ferro e desceu pelo canal até ao sítio das cabanas, onde fundeou, com a idéia de permanecer ali até que chegassem as duas outras naus desgarradas.

Três semanas depois apareceu o segundo navio da frota. Do terceiro nunca houve notícia; naufragou em alto-mar, com certeza.

Depois de embarcarem víveres para seis meses, visto terem de velejar ainda umas trezentas léguas, os dois navios aparelharam para seguir.

O azar que atrozmente perseguia esses navegadores manifestou-se mais uma vez. Ali mesmo, no porto, ocorreu um desastre, do qual resultou perder-se justamente o navio melhor.

Isso impediu o prosseguimento da viagem e forçou-os a ficarem naquele ponto durante dois anos, padecendo toda sorte de privações. Enquanto possuíam anzóis,

¹ - Barra pequena.

facas e machados para trocar com os índios, a vida não lhes foi de todo má. Acabada que foi a provisão desses objetos, tiveram de contentar-se com o que podiam apanhar com as suas próprias mãos, e foram obrigados a comer quanto bicho havia — lagartos, ratazanas, mariscos das pedras.

Essa situação não podia prolongar-se por mais tempo e, como a tripulação dos dois navios não coubesse num só, o capitão deliberou que metade dos homens seguisse por terra para Assunção. Tinham que caminhar trezentas milhas através de florestas e desertos desconhecidos. Felizmente conseguiram levar como guias alguns índios e alcançaram Assunção. Muitos pereceram depois de grandes padecimentos no caminho.

O capitão lembrou-se de ir com o navio restante até São Vicente, onde talvez pudesse fretar um em melhor estado. Havia a bordo certo marinheiro de nome Romão, que já estivera em São Vicente e se obrigou a guiá-los até lá.

Partiram, e após dois dias de viagem alcançaram a ilha dos Alcatrazes, assim chamada por causa das aves marinhas que ali se reuniam em grandes quantidades.

Nesse ponto o vento mudou, impondo a necessidade de fundear. O navio lançou âncora e a tripulação desembarcou na ilha.

Andavam os alcatrazes em época de postura, de modo que foi possível fazer-se abundante colheita de aves e ovos, petisqueira muito bem recebida por estômagos saudosos de gulodices.

Nessa ilha encontraram sinais de moradores — cabanas em ruínas e cacos de panela. Mas não viram ninguém. Tudo deserto.

— Vovó — interrompeu Pedrinho —, é hora de botar a moringa no sereno.

— E é hora também de recolher-nos — acrescentou Dona Benta; — vamos deixar o resto para amanhã.

VI

O naufrágio



No outro dia, à tarde, sob a copa da jabuticabeira cheia de jabuticabas “pintando”, Dona Benta retomou o fio da narrativa.

— Os marinheiros jantaram fidalgamente aves e ovos, preparados de todos os jeitos. Mas a vida do mar não dá repouso. O céu enegreceu ao sul e o vento ganhou corpo. Como o ponto onde a nau fundeara não oferecia abrigo, qualquer vento teria força para arremessá-la de encontro às pedras.

Para prevenir essa hipótese, o capitão tratou de alcançar naquele dia mesmo o porto de Cananéia¹.

— Era tarde. A escuridão que envolvia a terra impediu-o de atinar com a entrada do porto — e como ficar bordejando rente à costa fosse perigoso, o navio fez-se ao largo.

— Então, vovó, em mar alto não há perigo? — perguntou o menino.

— Em mar alto não existem recifes à flor d’água, de modo que o navio se deixa livremente arrastar pelos ventos e pelas correntes marinhas. O grande inimigo dos barcos é a pedra, sobretudo a pedra invisível, que não emerge à flor d’água.

— Emerge ou imerge, vovó?

— São coisas diferentes. Imergir é afundar, mergulhar, emergir é o contrário — é desmergulhar.

Mas, como ia dizendo, o navio fez-se ao largo e durante a noite foi arrastado para tão longe que ao romper da manhã já não se avistava terra.

Foi preciso que velejassem um bom espaço de tempo para terem de novo costa à vista.

Romão, o homem que conhecia São Vicente, indicou certo ponto como sendo o porto procurado.

O navio rumou para lá; mas inutilmente, porque sobreveio forte cerração e a

¹- Nome derivado de canindé, arara.

costa desapareceu dentro da neblina.

Tiveram que esperar. Quando a bruma se desfez, Romão declarou que o porto ficava bem defronte, bastando para atingi-lo dobrar o rochedo. Assim foi feito, mas não encontraram porto nenhum, de modo que a situação se tornou desastrosa. A tempestade desencadeou-se, e não houve remédio senão lançar o navio sobre a terra, para encalhá-lo antes que as ondas o desfizessem nas pedras.

Momento trágico! Vagalhões furiosos despedaçavam-se de encontro às rochas, rugindo e estrondando, como se fossem monstruosos gigantes a escabujar em horrendos ataques epiléticos.

Por cima dele os ventos, tomados de verdadeiro acesso de loucura, uivavam, aos corcovos e rodopios.

Imaginem agora vocês a situação do pobre navio metido entre esses dois furores. Casca de noz, cheia de formiguinhas transidas de medo e agarradas às cordas por instinto de conservação, ora as vagas a erguiam em seu dorso, como o vento ergue a pluma, ora a despenhavam em abismos mais negros que a noite.

Súbito, um baque — e o navio do capitão espanhol desfez-se como bolha de sabão ao dar na ponta dum alfinete...

— Bravos, vovó! A senhora está épica! — exclamou Pedrinho. — Fez uma descrição linda!...

Dona Benta riu-se e continuou.

— Os náufragos lançaram-se ao mar, uns a nado, outros unidos como ostras aos destroços da embarcação — e ganharam a terra. Estavam salvos!...

Nesses transes horríveis salvar a vida é tudo, de modo que caíram de joelhos para render graças à misericórdia divina.

E ali ficaram, naquela praia deserta de um país desconhecido, em penúria extrema, enregelados pelo vento e empapados d'água como esponjas na chuva.

Havia entre eles um francês que, ao sentir-se entanguir, deu de correr ao longo da praia, a fim de esquentar o corpo. Correu, correu por longo tempo. Súbito, avistou ao longe umas casas. Dirigindo-se para lá teve a sorte de ver que por acaso dera num estabelecimento português, chamado Itanhaém, a várias milhas de São Vicente.

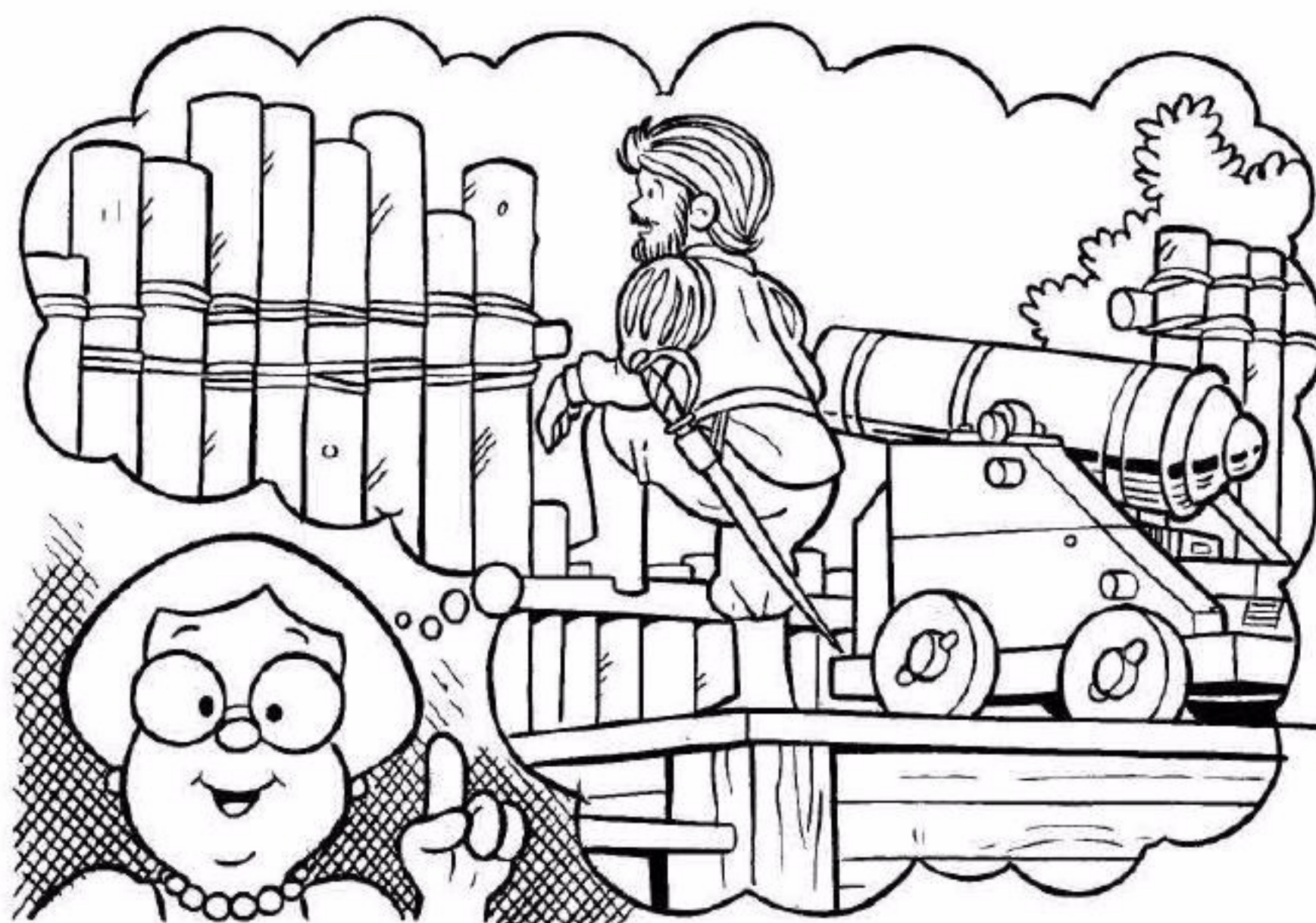
Contou aos moradores a desgraça que os acolhera e o frio e a fome que na praia deserta estavam padecendo os seus companheiros.

Os de Itanhaém imediatamente foram ter com os náufragos e os trouxeram para suas casas, onde lhes forneceram roupas e alimentos.

Nessa aldeia permaneceram uns dias, ganhando alento e refazendo as forças; depois seguiram para São Vicente, onde foi possível ao capitão espanhol fretar o novo barco que os levou ao Rio da Prata.

VII

O forte de Bertioga



Hans Staden ficou em São Vicente, colônia portuguesa situada numa ilha muito próxima do continente e que contava dois povoados: o de São Vicente, chamado pelos índios Ipanema¹, e outro de nome Enguaguaçu². Havia ainda pela ilha vários engenhos de açúcar.

Os índios dessa região eram os tupiniquins, cujos domínios se limitavam ao sul com a terra dos carijós, e ao norte com a dos tupinambás, tribos inimigas entre si.

Os tupinambás odiavam aos portugueses por se terem aliado aos tupiniquins, e como a cinco milhas de São Vicente ficasse a Bertioga³, onde havia um canal de fácil entrada às suas canoas, um grupo de irmãos mamelucos, lá residentes, tratou de erguer ali um forte. Era o meio de proteger contra as incursões desses índios as lavouras que começavam a formar-se nos arredores.

— Que é mameluco?

— Chamavam-se mamelucos os nascidos no Brasil filhos de pai branco e mãe índia. Esses irmãos eram Diogo, João, Domingos, Francisco e André Braga, filhos de um tal Diogo Braga.

Com o auxílio de alguns portugueses e vários índios eles ergueram à entrada do canal um fortim, construíram casas e principiaram a cultivar as terras da Bertioga.

Logo que os tupinambás souberam disso prepararam uma expedição contra esses colonos e certa noite surgiram no canal em setenta canoas.

O ataque deu-se pela madrugada. Os mamelucos e portugueses entrincheiraram-se nas casas e resistiram heroicamente. Mas foram vencidos, embora pudessem milagrosamente fugir. O mesmo não aconteceu com os tupiniquins que viviam com os irmãos mamelucos, os quais foram mortos, divididos em postas e assim conduzidos para a terra tupinambá. Quanto ao forte, os índios puseram-lhe fogo e fizeram-no arder como grande fogueira.

— Conduzidos em postas? — interrogou Narizinho. — Para serem enterrados lá?

— Não, minha filha: para serem comidos...

— Que horror! — exclamou a menina, fazendo uma careta de asco.

— Os tupinambás eram grandes apreciadores de carne humana, como vocês vão ver no decurso desta história.

Depois do desastre as autoridades e o povo de São Vicente tomaram a peito reconstruir o forte, convencidos da sua necessidade para a defesa local, e ergueram no mesmo ponto outro maior e mais bem armado.

Logo depois os tupinambás, vendo que seria difícil passarem ao alcance desse novo forte, ladearam a Bertioga e caíram de improviso sobre São Vicente, matando e aprisionando muitos moradores. Em vista disso os vicentinos cuidaram de erguer segundo forte em ponto que impedisse nova incursão daqueles terríveis inimigos.

Quando Hans Staden chegou a São Vicente essa fortaleza estava com a construção interrompida em virtude de não existir por ali nenhum artilheiro que se arriscasse a morar nela.

Hans era artilheiro e corajoso. Os vicentinos propuseram-lhe o negócio: davam-lhe companheiros e boa paga, além de que ele ganharia a estima de el-rei, sempre generoso com os que prestavam serviços às suas colônias.

Hans aceitou a proposta, contratando-se por quatro meses.

Foi para lá com mais três companheiros, aos quais ensinou o modo de lidar com as poucas peças de artilharia existentes. Viviam muito vigilantes, porque além do forte não ser seguro o inimigo era audaz e manhoso.

Nesse entretanto os vicentinos escreveram a el-rei, contando como era boa e bonita a terra onde moravam, prejudicada apenas pelo mal que aos seus moradores faziam os índios. E o rei mandou, para acudi-los, o Coronel Tomé de Sousa.

— Já havia coronéis naquele tempo, hem, vovó! — filosofou Pedrinho.

— Sim, meu filho, mas em menor número que hoje — e melhores, como esse Tomé de Sousa, que foi um benemérito.

Logo que este oficial chegou os vicentinos lhe falaram com muitos elogios dos préstimos de Hans Staden, da sua coragem e dedicação. Tome de Sousa foi examinar o forte, louvou o intrépido artilheiro e prometeu recomendá-lo ao rei quando regressasse ao reino. E como estivesse a terminar o prazo dos quatro meses, Tomé de Sousa propôs-lhe novo contrato por mais dois anos, findos os quais o enviaria a Portugal pelo primeiro navio. Hans aceitou e continuou no forte, já agora melhorado e aumentado de mais alguns canhões.

A vigilância ali não cochilava, mas era maior em duas épocas do ano. Uma em novembro, quando amadurecia o *abati*, com o qual os selvagens preparavam o *cauim*.

— Abati? — exclamou Pedrinho. — Pensei que o cauim fosse feito de milho.

— Abati — respondeu Dona Benta — era o nome dado pelos selvagens ao milho. De modo que você não pensou errado, meu filho.

— E cauim, que é, vovó? — perguntou a menina.

— Era a bebida fermentada dos nossos índios. Cada povo possui a sua bebida nacional e os nossos indígenas não podiam fazer exceção à regra. Preparavam o cauim de um modo interessante: as mulheres mascavam o milho lançando-o com a saliva em grandes vasilhas, onde ficava a fermentar.

— Modo interessante, diz vovó? — exclamou a menina com ar de nojo. — Que porcaria!

— Para nós — explicou dona Benta; — para nós, que temos outra cultura e modos de ver diferentes. Se você fosse uma indiazinha daqueles tempos havia de achar a coisa mais natural do mundo e não deixaria de comparecer a todas as mascações de abati.

A outra época de vigilância era em agosto, tempo em que as tainhas afluem à foz dos rios para a desova. Como esse peixe constituísse alimento muito precioso para os índios, não só pela abundância, como porque de fácil e longa conservação, em agosto as tribos desciam do interior a fim de pescá-lo. Faziam da tainha uma paçoca a que chamavam *piracuí*.

— “Pira” eu sei que é peixe — disse Pedrinho. — Piracicaba, pirajuí, piracema, pirarucu...

— Isso mesmo — aprovou Dona Benta; — e “*cui*” significa farinha.

— Por que não falamos nós no Brasil a língua dos índios, em vez da portuguesa? Não era a língua natural da terra?

— Quando numa região se chocam dois povos, como aqui, vence a língua do mais forte. Os portugueses suplantaram os índios; era natural que predominasse a língua portuguesa sobre a tupi. Mas a nossa língua brasileira, a que familiarmente falamos e serve sobretudo às populações no interior do Brasil, é uma verdadeira mistura de português e tupi, três quartos de português para um de tupi.

— É verdade, vovó, que a nossa língua é a mais bonita e rica de todas?

— É, sim, minha filha, para nós; para os ingleses é a inglesa; para os franceses é a francesa, e assim por diante. Para os índios a mais bela está claro que seria a tupi.

— Que pena ser assim! — exclamou Narizinho.

— Pena por quê, menina?

— Porque então não há uma primeira, de verdade...

— Tanto melhor. Sendo cada língua a primeira para o povo que a fala, há no mundo muito mais gente satisfeita do que se não fosse assim.

VIII

A captura de Hans Staden



Hans tinha consigo no forte um escravo carijó, que para ele caçava e o acompanhava em suas excursões.

Certo dia em que apareceu de visita ao forte um tal Heliodoro Hesse, gerente de um engenho de cana de São Vicente, Hans, que na véspera mandara o carijó à caça, ficou apreensivo com a sua demora. Já passava de meio-dia e nada do índio aparecer. Como não fosse bom sinal aquilo, Hans se foi a procurá-lo.

Encontrou-o, e já vinham os dois de volta, a conversar, quando de súbito uma gritaria irrompeu de dentro da mata e um bando de selvagens surgiu, de flechas apontadas.

— Valha-me Deus! — gritou Hans, e caiu ferido numa perna.

Os índios agarraram-no e despiram-no incontinenti. Um tirou-lhe a gravata e pôs-se a dançar de gosto com ela na mão.

Outro tirou-lhe a camisa; outro, o chapéu. Enquanto isso dois selvagens disputavam entre si a posse do corpo de Hans. Um berrava que lhe pertencia, porque lhe pusera a mão primeiro. O segundo alegava que não, pois fora ele que o derrubara. Como não chegassem a acordo, engalfinharam-se e começaram a espancar-se mutuamente com os arcos. Vendo aquilo, os outros agarraram o prisioneiro e levaram-no a correr para onde estavam as canoas.

— Tal qual na fábula do burrinho e dos ladrões — lembrou a menina. — Quando dois brigam, lucra um terceiro...

— É sempre assim na vida, e quanto mais vocês viverem tanto mais se convencerão da sabedoria das velhas fábulas. Mas levaram-no para as canoas e lá viu Hans surgirem novos índios, que vinham a correr numa grande alegria, mordendo os braços como para indicar que o iam comer.

— Que horror, vovó! — exclamou a menina horripilada. — Comer um homem!...

— Pois é, minha filha, davam sinais de que iam comê-lo e com um prazer enorme.

Diante do pobre Hans postou-se um morubixaba, ou cacique, armado de tacape, que contou aos outros como havia caçado aquele *pero*.

— ?

— Os índios chamavam *peros* aos portugueses, talvez porque o chefe dos primeiros aparecidos por cá fosse Pero, ou Pedro Álvares Cabral.

Depois de bem explicada e comentada a façanha, amarraram as mãos do prisioneiro e o puseram no fundo de uma das canoas. Trataram em seguida de puxá-las para a água e safarem-se, receosos de que os do forte já tivessem dado pela coisa e viessem vindo para disputar-lhes a presa.

Esses índios não eram todos da mesma taba, de modo que logo surgiu dúvida sobre a posse do prisioneiro; por fim um deles propôs que o matassem ali mesmo e cada qual levasse o seu quinhão.

Ouvindo aquilo o pobre Hans começou a encomendar a alma a Deus, certo de que não teria nem mais um minuto de vida. O cacique, porém, decidiu de outra maneira. Havia de levá-lo vivo à taba para que as mulheres o vissem e se divertissem com ele; depois o matariam e — “Kauiim pipeg!” isto é, muito cauim havia de correr. Prometeu preparar bastante cauim, devendo todos os presentes lá se reunirem para o devorar em sociedade.

Assim combinados, amarraram-lhe ao pescoço quatro cordas, cujas pontas ataram à canoa, e partiram.

— Quer dizer que se não fosse a curiosidade das mulheres o pobre alemão morreria ali mesmo!

— É verdade. O seu tipo louro, tão diferente do tipo dos portugueses e tão raro naquela terra, fez que o cacique tivesse aquela boa lembrança. Se fosse moreno, estaria perdido...

Ao pé da ilha onde o aprisionaram havia uma ilhota, na qual se aninhavam umas aves aquáticas de penas vermelhas, chamadas guarás. Essas aves nascem pardacentas e vão avermelhando à medida que crescem. Os selvagens tinham em muito apreço as penas do guará, que lhes serviam de enfeites. Aqueles índios haviam vindo justamente com a idéia de apanhar guarás. O destino quis que em vez dessa caça de penas vermelhas encontrassem um bípede de cabelos louros, manjar muito mais raro e precioso. Todavia, não desistindo de levar alguns guarás, meteram-se pela ilhota atrás deles.

Nisto surgiu na praia um grupo de tupiniquins, com vários portugueses à frente. É que o escravo carijó, que conseguira fugir quando os índios agarraram o artilheiro, correria ao forte e dera o alarme. Vinham agora todos de lá, a ver se livravam o seu chefe.

Como, porém, se achassem em terra e os índios apresadores estivessem parte na ilha, parte no mar, nada puderam fazer, além da troca de umas flechas e zarabatanas. O morubixaba, que ia na canoa do prisioneiro com uma espingarda que lhe dera um francês, desamarrou-lhe as mãos e ordenou-lhe que atirasse contra seus amigos.

— E ele atirou?

— Está claro que sim, meu filho, pois não havia outro remédio. Mas com pontaria muito diferente da de Guilherme Tell...

Depois de breve escaramuça, receosos de que aparecessem canoas tupiniquins, os caçadores de caça humana afundaram os remos n'água e afastaram-se levando feridos três dos seus.

Passando perto do forte onde Hans costumava estar feito um rei no seu trono, puseram-no em pé para que os de lá o vissem.

O forte deu dois grandes tiros de peças, que nenhum mal fizeram às canoas. E lá se foram elas remadas a toda velocidade, fugindo das canoas tupiniquins que principiavam a aparecer.

A perseguição durou pouco. Como os tupinambás levassem boa dianteira, breve deixaram a perder de vista os seus perseguidores.

— Coitado do artilheiro! — exclamou Narizinho, em cujos olhos brilhou uma lágrima de piedade. — Está aí, está no papo dos canibais, como se fosse um leitão assado...

IX

Rumo à taba



A captura de Hans — continuou Dona Benta — deu-se ali pelas quatro horas da tarde, e como a taba fosse longe, resolveram os tupinambás dormir numa ilhota do caminho. Saltaram das canoas e as vararam em terra.

O pobre artilheiro achava-se em mísero estado; além de nada enxergar, pois tinha o rosto em sangue, não podia mover-se, devido ao ferimento da perna. Assim é que ficou deitado na areia, enquanto os índios preparavam o pouso. Naquela imensa aflição pôs-se a rezar um salmo, com os olhos em pranto. Ao vê-lo nesse estado, os índios escarneceram.

— Vede como chora! Ouvi como se lamenta!

Em transe idênticos os prisioneiros indígenas mostravam grande arrogância e profundo desprezo pela vida; arrostavam os seus matadores, ameaçando-os com a vingança dos amigos e parentes. Os brancos, porém, em geral se acovardavam, choravam e pediam misericórdia.

Os tupinambás acenderam fogueiras e deitaram o prisioneiro numa rede armada entre duas árvores, atando aos galhos as pontas das cordas manietadoras. Depois se acomodaram em redor, exclamando com ironia:

— *Che remimbaba indé*. — És meu animal doméstico. Ao raiar do dia partiram de novo e remaram até tarde; apesar disso, quando o sol descambou ainda faltavam duas milhas para chegarem ao último pouso.

Nesse entremeio formou-se no céu, atrás deles, negra nuvem ameaçadora, o que os fez remarem com fúria a fim de atingirem a terra antes da tempestade. Vendo que não podiam escapar à chuva, disseram a Hans:

— Pede a teu Deus para que a tempestade não venha.

Hans concentrou-se e pediu a Deus nestes termos:

— O tu, Deus onipotente, que auxilias os que te imploram, mostra tua força a estes pagãos, por forma que eu saiba que estás comigo e eles vejam que me ouviste.

Hans ia deitado no fundo da canoa, de modo que não podia ver o céu, nem saber se sua prece fora atendida. Mas ouviu um índio dizer “*Oquaramõ amanaçu*” — que significa: “A tempestade já passou”. Fez então um esforço, ergueu-se nos cotovelos e pôde olhar para o céu. De fato, as nuvens dispersavam-se, o que lhe trouxe um grande alento de esperança.

Afinal as canoas alcançaram a terra. Os índios desembarcaram, como na véspera, dizendo que no dia seguinte chegariam à taba.

Assim foi. Pela manhã partiram de novo, remaram o dia inteiro e às ave-marias alcançaram a taba de Ubatuba.

Entraram por uma praia perto da qual se viam as mulheres índias lidando numa roça de mandioca.

Ao passar por elas Hans foi obrigado a gritar-lhes:

— Eis a vossa comida que vem chegando!

Pedrinho riu-se dizendo:

— Assim mesmo, vovó, aqueles índios não deixavam de ter a sua graça...

— Para nós, hoje, meu filho, naquele momento o mísero Hans não achou graça nenhuma, nem você a acharia se estivesse em seu lugar.

As mulheres deixaram a roça e vieram rodeá-lo, cheias de curiosidade. Pela primeira vez viam um bípede implume louro, de olhos azuis e cara vermelha como presunto.

Os homens entregaram-lhes o prisioneiro, antes de irem para as cabanas guardar as armas e repousar. Então as mulheres, entoando os cantos que usavam quando iam devorar um inimigo, conduziram-no até à caçara ou cercado de paus-a-pique que fechava a taba. Pelo caminho foram-lhe dando bofetões e arrancando-lhe punhados de barba.

— *Che anama pipike aé!* — exclamavam como quem diz: “Vingamo-nos em ti do que os teus fizeram aos nossos”.

Depois o empurraram para dentro de uma cabana e o deitaram na “*inni*”, ou rede, continuando a insultá-lo e maltratá-lo.

Entrementes os homens se reuniram em outra cabana para beber cauim diante dos maracás, ídolos em cuja honra começaram a entoar cantos de agradecimento pelo feliz sucesso da expedição.

Essa música, horrível para Hans, durou meia hora, deixando-o bem convencido de que sua morte não estava longe.

Por fim apareceram na cabana os dois selvagens que o tinham capturado. Esses índios, seus donos por direito de guerra, eram os irmãos Alkindar-miri e Nhaepépô — nomes que significavam “alguidar pequeno” e “panela grande”. Vieram dizer-lhe que o haviam dado de presente a um tio, Ipiru-guaçu (tubarão grande), o qual iria tomar conta dele e matá-lo para ganhar um nome.

— Que história é essa de ganhar um nome? — quis-saber o menino.

— Era uso dos índios herdar o nome das vítimas. Ipiru havia, um ano antes, capturado um escravo e presenteado com ele seu sobrinho Alkindar. Este moço, querendo agora retribuir a gentileza, dava-lhe Hans de presente. Ipiru, então, o mataria e lhe herdaria o nome, para acrescentá-lo ao seu, como um penacho.

Os dois irmãos deram o recado e concluíram:

— As mulheres, agora, vão levar-te para o terreiro “*poracê*”.

O prisioneiro não compreendeu o sentido desta palavra, que queria dizer dançar, e preparou-se para a morte.

As mulheres pegaram das cordas e puxaram-no para fora. Não sabendo o que queriam dele, Hans procurou consolar-se recordando os sofrimentos de Jesus Cristo maltratado pelos judeus.

Foi levado para defronte da cabana do morubixaba Guaratingaçu (grande pássaro branco). Lá havia um monte de terra fresca, no qual o assentaram, sempre seguro pelas cordas.

Hans julgou chegado o terrível momento em que aparece a iverapema.

— Que era, vovó?

— Era um tacape próprio para o sacrifício dos prisioneiros. Usavam-no todo enfeitado de penas e manejavam-no de modo que ao primeiro golpe a vítima vinha ao chão, de crânio esmigalhado.

Hans, que conhecia o costume dos índios, correu os olhos em torno, a ver se já traziam a iverapema; como nenhum selvagem aparecesse com ela, sentiu um luar de esperança.

Nisto, uma índia surgiu com uma lasca de cristal na mão, com a qual se pôs a cortar-lhe as sobrancelhas. Depois quis fazer-lhe o mesmo à barba. Hans achou que era demais e pediu que o matassem com barba e tudo. As mulheres então lhe disseram que não iam matá-lo ainda.

Hans conseguiu dessa vez salvar a barba. Só mais tarde é que lha cortaram, com uma tesoura que os franceses haviam introduzido na aldeia.

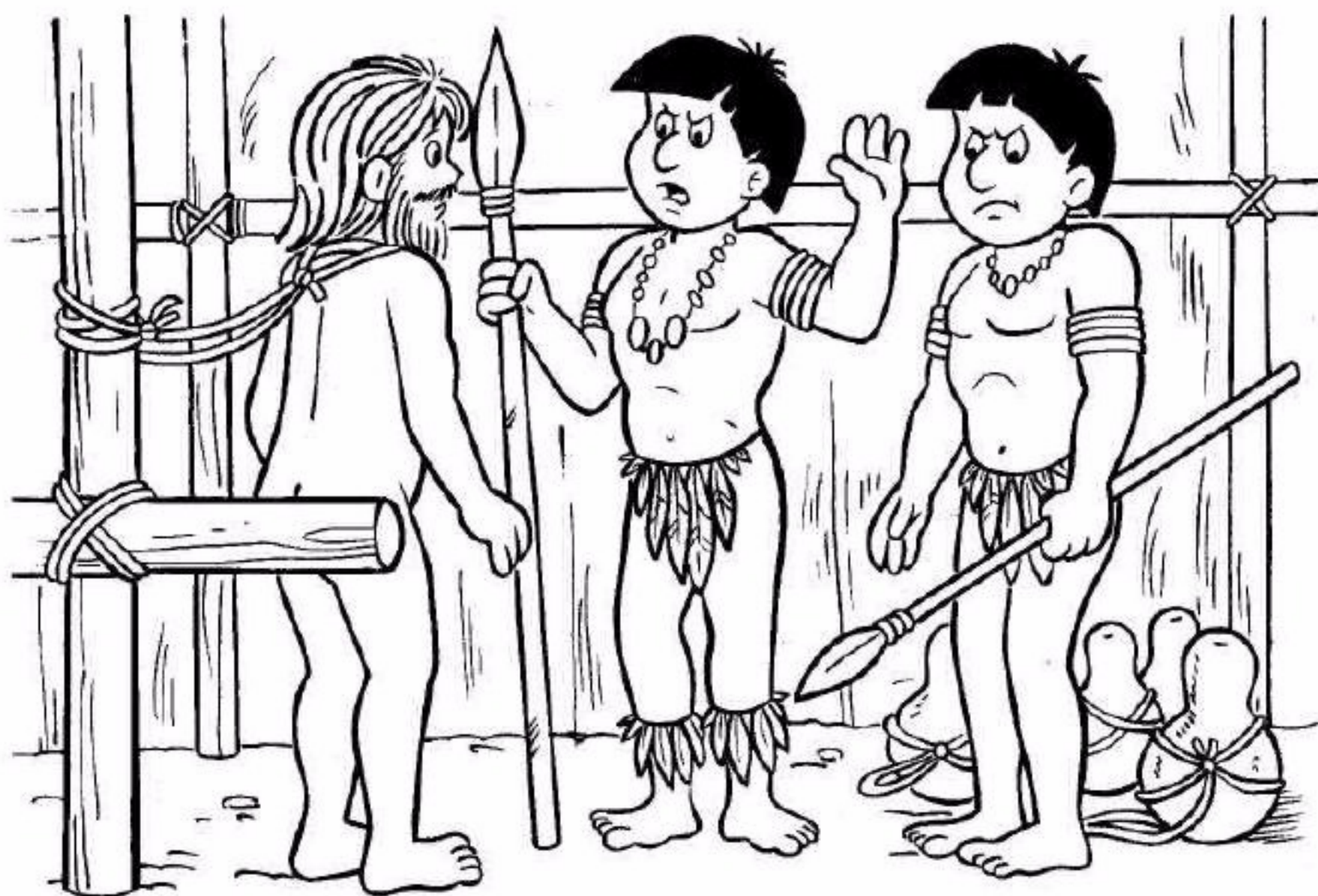
— Que é que tinham os franceses com esses índios? — perguntou o menino.

— Os franceses faziam-se aliados de todas as tribos inimigas dos portugueses. Era o meio de poderem negociar em pau-brasil e outros produtos da terra, contra a vontade dos que se julgavam donos e queriam monopolizar o comércio do Brasil.

— Mas os portugueses tinham direito a isto aqui ou não? O Brasil não pertencia aos índios?

— O direito dos portugueses era o direito do mais forte. Os índios deixaram-se vencer e desse modo perderam a terra que até então haviam possuído.

— Sempre a fábula do lobo forte e do lobo fraco — comentou Pedrinho filosoficamente.



Dali as índias conduziram Hans para defronte da cabana onde se guardavam os maracás, isto é, os ídolos ou deuses selvagens. Eram cabaças cheias de pedrinhas, atravessadas por um cabo e com uma grande boca pintada, ou recortada. Cada selvagem possuía o seu maracá e o acomodava numa cabana especial, onde lhe dava de comer e o consultava sobre tudo.

— Mas o maracá respondia às consultas?

— Respondia, sim, meu filho, como todos os ídolos em todas as religiões respondem às perguntas de todos os fiéis... Quem cala consente: os maracás se calavam, logo, respondiam “sim” a todas as consultas dos índios.

Depois as mulheres formaram um círculo em redor de Hans, amarraram-lhe às pernas uns chocalhos e puseram-lhe à cabeça um turbante de penas chamado “araçoiá”. Em seguida começaram a dançar, obrigando-o a bater no chão com o pé, para que o ruído dos chocalhos fosse marcando o compasso.

O ferimento da perna de Hans não estava cicatrizado, de modo que o mísero muito padeceu nessa ocasião.

Terminada a festa, as índias entregaram o prisioneiro a Ipiru-guaçu, a quem competia guardá-lo. Ipiru introduziu-o na cabana dos maracás, dizendo-lhe que aqueles ídolos lhes haviam profetizado a captura de um português.

Hans Staden redarguiu:

— Esses ídolos não falam nada, ou se falam não dizem a verdade, porque é falso que eu seja português. Sou amigo e parente dos franceses; minha terra se chama Alemanha.

Os índios replicaram que era falso, pois se fosse francês não estaria entre portugueses, gente inimiga dos franceses. Disseram ainda que os franceses vinham todos os anos trazer-lhes facas, machados, espelhos, pentes e tesouras, levando em troca pau-brasil, algodão, penas e pimenta. Por isso eram amigos dessa gente. Já com os portugueses fora o contrário. Tinham vindo àquela terra muitos anos antes e logo

se ligaram com os seus rivais tupiniquins. Apesar disso, eles, índios, tentaram aproximar-se e penetraram em seus navios, como costumavam fazer nos navios franceses. Mas foram miseravelmente traídos. Quando os peros viram a bordo um bom número de tupinambás, agarraram-nos e entregaram-nos aos tupiniquins, para que os comessem. Além disso mataram a tiro muitos que estavam de fora, nas canoas. Essas e outras crueldades fizeram-lhes nascer no coração um ódio de morte contra os peros.

— Quer isso dizer que se os portugueses houvessem tratado com justiça aos selvagens do Brasil eles seriam amigos — observou Pedrinho.

— Certamente — respondeu Dona Benta. — Mas os conquistadores do Novo Mundo, tanto portugueses como espanhóis, eram mais ferozes que os próprios selvagens. Um sentimento só os guiava: a cobiça, a ganância, a sede de enriquecer, e para o conseguirem não vacilaram em destruir nações inteiras, como os astecas do México e os incas do Peru, povos cuja civilização já era bem adiantada.

— Mas como é então, vovó, que esses homens são gloriosos e a história fala deles como grandes figurões?

— Por uma razão muito simples: porque a história é escrita por eles. Um pirata quando escreve a sua vida está claro que se embeleza de maneira a dar a impressão de que é um magnânimo herói. Há uma fábula a este respeito. À entrada de certa cidade erguia-se um grupo de mármore, que representava um homem vencendo na luta ao leão. Passa um leão, contempla aquilo e diz: muito diferente seria essa estátua, se os leões fossem escultores!

Mas voltemos à história do nosso Hans. Depois que os índios expuseram as razões gerais da inimizade para com os peros, entraram alguns a alegar motivos particulares. Alkindar e Nhaepepô contaram como os portugueses haviam ferido a seu pai num braço, com um tiro do qual resultou a morte do velho. Esse crime exigia a vingança que sobre Hans ia ser exercida.

Hans defendeu-se. Não era português, tinha vindo com os espanhóis; e se o encontraram entre os peros fora devido ao naufrágio que o arrojara ali. Não era português e pois não merecia que a vingança dos índios recaísse sobre sua cabeça.

Esse argumento calou no ânimo dos selvagens, nos quais o sentimento da justiça não era escasso, e foi resolvido que se averiguasse melhor.

Meses antes da captura de Hans os tupiniquins haviam arrasado uma aldeia tupinambá; os velhos tinham sido devorados e os moços vendidos aos portugueses. Mais tarde um destes conseguiu fugir para a aldeia de Ubatuba, onde ainda se achava naquela ocasião. Chamaram-no, para prestar depoimento a respeito de Hans.

O moço declarou que o conhecera de São Vicente e que Hans realmente viera em navio de espanhóis, gente, aliás, amiga dos portugueses.

Esta declaração melhorou um pouco a situação de Hans, mas não foi suficiente. Pediu ele então que o guardassem vivo até que por ali aparecesse algum filho da França.

Os índios concordaram e ficaram à espera de um francês que andava pela zona, a negociar pimenta.

Hans respirou. Conhecía a lealdade dos índios. Sabia que se um francês aparecesse e o reconhecesse como irmão, estaria salvo. Ficou, pois, à espera do salvador providencial que, segundo as notícias, não andaria longe daqueles sítios.

XI

O francês sem coração



Um dia surge um selvagem pela cabana de Hans adentro, gritando:

— Está cá o francês mercador de pimenta; vamos verificar se és da mesma raça dele ou não.

O pobre artilheiro exultou de contentamento. Era um cristão que vinha ao seu encontro e que fatalmente o salvaria. Apressou-se, portanto, em comparecer à presença daquele juiz que lhe caía do céu.

Essa entrevista, meus filhos, é uma cena de tragédia das mais empolgantes. Quem a figura na imaginação não a esquece nunca mais.

Os selvagens levaram-no à presença do francês, nu como ele andava, tendo apenas nos ombros um pano de linho que achara na aldeia.

O mercador de pimenta dirigiu-lhe a palavra em francês. Hans, que mal conhecia essa língua, atrapalhou-se nas respostas. O monstro, então, voltou-se para os selvagens e disse-lhes em língua da terra:

— É português dos legítimos, meu e vosso inimigo. Matai-o e comei-o!

— Que horror! — exclamou Narizinho. — Que monstro de crueldade! Como podem existir no mundo criaturas assim?

— Realmente, minha filha, custa crer que possam existir no mundo almas tão duras. E se o efeito da sua resposta é em nós o que você sentiu, imagine qual não foi no mísero prisioneiro que depositara nesse cristão todas as suas esperanças!...

Hans insistiu ainda, pediu-lhe por misericórdia que o salvasse da sanha dos selvagens. Tudo inútil. O francês era de pedra.

Desesperado de qualquer socorro, Hans repetiu uma impreciação do profeta Jeremias:

— “Maldito seja o homem que nos outros homens confia” — e retirou-se com a alma despedaçada.

Em caminho arrancou o pano dos ombros — pano que usava para abrigar-se do sol que muito o castigava.

— Se tenho de perecer, para que resguardar esta carne em proveito dos índios?

Os índios levaram-no de novo à cabana da sua prisão, onde Hans se atirou ao solo, a chorar em aflição extrema. Os índios murmuravam entre si:

— É português legítimo: está agora a lamentar-se de medo da morte.

O francês demorou-se dois dias na taba; no terceiro partiu. Ipiru, então, resolveu que se fizessem os preparativos necessários ao *devoramento* do prisioneiro.

Uma desgraça nunca vem só. Para cúmulo de tanta miséria, Hans amanheceu com uma dor de dentes que quase o pôs louco e que, como era natural, não o deixava comer coisa nenhuma.

Ipiru-guaçu veio indagar por que motivo não comia; ao saber da causa retirou-se, voltando logo depois com um instrumento de pau para lhe extrair os dentes.

— Que instrumento seria esse? — indagou Pedrinho, que mostrava certa vocação para a arte dentária.

— Não sei — respondeu Dona Benta. — Mas devia ser um instrumento de meter medo, porque logo que o viu o pobre Hans declarou que a dor já havia passado...

Mesmo assim o índio insistiu em arrancar-lhe os dentes, muito custando a Hans fazê-lo desistir da idéia. Ipiru-guaçu, então, ameaçou-o de matá-lo antes do tempo, caso persistisse em não comer.

— Por quê, vovó? — indagou a menina.

— Porque, não comendo, emagrecia e os índios queriam comê-lo gordo...

E assim, para prolongar um pouco mais a sua triste vida, teve o pobre Hans de comer à força, embora a estalar com a sua horrorosa dor de dentes.

Alguns dias depois os índios o levaram para a taba de Ariariba (lugar das ostras), onde morava o grande chefe tupinambá, Cunhambebe¹, um dos poucos selvagens que deixaram nome em nossa história.

Havia lá uma grande festa, na qual os de Ubatuba queriam exhibir o prisioneiro como se fosse um animal raro.

Hans foi. Ao aproximar-se da taba ouviu forte rumor de cantos e trombetas, e viu defronte das cabanas quinze cabeças espetadas.

Apavorou-se com o horrível quadro e disse consigo: “Amanhã talvez, estará lá também a minha...”

E foi neste doloroso estado de alma que penetrou na taba sinistra, rodeado de guardas que iam gritando:

— Aqui vos trago o escravo pero que caçamos na Bertioga!

Os índios correram a examinar a bela peça de caça loura e de olhos azuis e depois o conduziram à presença do grupo de chefes, que estavam a beber cauim. Os chefes olharam-no desconfiados e disseram:

— Vieste como inimigo?

Hans respondeu:

— Vim, mas não como inimigo.

Os chefes deram-lhe de beber.

Hans já conhecia de fama o cacique Cunhambebe, guerreiro audacioso e hábil, que muito mal fazia aos portugueses. Mas não o conhecia pessoalmente. Como ninguém lho designasse, dirigiu-se a um que pelo aparato e truculência parecia ser tal

¹ - Gago, língua arrastada.

chefe.

— És tu Cunhambebe? Vives ainda?

— Sim — respondeu o índio; — vivo ainda.

— Já muito ouvi falar da tua pessoa e sei que és homem de grande coragem.

O morubixaba ergueu-se, cheio de orgulho, e pôs-se a passear pela sua frente, qual um pavão. Usava grande pedra verde no lábio inferior, e ao pescoço trazia um colar de conchas brancas de umas seis braças de comprimento. Depois sentou-se de novo e perguntou por que motivo Hans atirara contra eles na Bertioga.

O prisioneiro respondeu:

— Os portugueses me puseram à força no forte e me obrigaram a atirar.

— Mas tu és pero, o francês o disse; tu não entendes a língua dele.

Hans, aflito, respondeu:

— Sim, é verdade que a não entendo bem; estive muito tempo fora da terra dos franceses e esqueci a língua. Mas não sou pero.

Cunhambebe sorriu com incredulidade e disse:

— Já comi cinco portugueses e todos mentiram...

Hans estremeceu ao ouvir tais palavras, perdendo a pouca esperança de salvar-se que ainda tinha.

Cunhambebe continuou, perguntando o que os portugueses diziam dele e se o temiam.

— Sim — respondeu Hans —, falam muito de ti e das guerras que lhes costumam fazer; por isso fortificam melhor a Bertioga.

O morubixaba redarguiu:

— Hei de caçá-los a todos, como os de Ubatuba caçaram a ti.

— Teus verdadeiros inimigos são os tupiniquins, os quais prepararam vinte e cinco canoas para atacar tua gente.

— Havemos de vencê-los e devorá-los a todos — foi a resposta do chefe, que se regozijava dos muitos índios e peros que havia comido.

Durante a entrevista esgotou-se o cauim daquela cabana e os bebedores passaram-se para a imediata, terminando assim o primeiro encontro de Hans com o terrível Cunhambebe.

— Estou com medo, vovó — disse Narizinho. — Esse Cunhambebe me faz tremer...

— Pois eu estou entusiasmado! — gritou Pedrinho. — Gosto de um tipo assim! Ele estava no seu papel. Estava defendendo a sua terra, invadida por estrangeiros. Tinha o direito de comer quantos peros quisesse...

Narizinho fez cara de horror ante a bravata do menino. Dona Benta riu-se e continuou.

XII

Antropofagia



Cunhambebe, além de terrível comedor de inimigos, era guerreiro de valor. As suas expedições contra os tupiniquins e peros sempre foram bem conduzidas e lhes causavam estragos enormes.

Em outra ocasião Hans Staden encontrou-o sentado à frente de uma grande cesta de carne humana. Cunhambebe estava comendo uma perna, que chegou à boca de Hans, perguntando-lhe se gostava.

Hans repeliu o horrível assado, dizendo que, se nenhum irracional comia o seu semelhante, como podia um homem comer a outro?

O antropófago cravou os dentes na carne, arrancou um naco e respondeu com a boca cheia:

— *Jauara ichê* (sou um tigre). Está gostoso!

— Realmente, que tigre! — exclamou Narizinho horrorizada, olhando para Pedrinho, que dessa vez não teve ânimo de defender o canibal.

— Depois que Hans deixou Cunhambebe — continuou Dona Benta — os índios levaram-no em exibição de cabana em cabana.

Um filho do cacique atou-lhe as pernas em três pontos e obrigou-o a pular de pés juntos. Todos riam-se e exclamavam:

— Aqui está a nossa comida pulando!

Hans desconfiou que aquilo já fossem preparativos para o sacrifício e perguntou a Ipiru se o iam matar naquele dia. Ipiru respondeu que não, mas que era costume tratarem assim aos prisioneiros.

— Faziam como faz o gato ao camundongo — lembrou Narizinho.

— Isso mesmo — confirmou Dona Benta —, mas notem vocês que havia nisso mais brincadeira do que crueldade. Não há termo de comparação entre o modo pelo qual os índios tratavam os prisioneiros e o que era de uso na Europa. Lá a “civilização” recorria a todos os suplícios, inventava as mais horrendas torturas. Assavam os pés da vítima, arrancavam-lhe as unhas, esmagavam-lhe os ossos,

davam-lhe a beber chumbo derretido, queimavam-na viva em fogueira. Não há monstruosidade que em nome da lei de Deus os carrascos civilizados, em nome e por ordem dos papas e reis, não tenham praticado. Mesmo aqui na América o que sobretudo os espanhóis fizeram é de arrepiar as carnes. Os índios, não. Brincavam com as vítimas, apenas. Assim é que depois da tal dança de pernas amarradas eles rodearam Hans para escolher pedaços. A perna é minha, dizia um; o braço é meu, dizia outro; eu quero este pé, exclamava um terceiro.

Em seguida obrigaram-no a cantar. Hans obedeceu e entoou versos religiosos em latim. A curiosidade dos índios quis logo saber o que significavam.

— São versos cantados em honra do meu Deus — explicou Hans.

— Teu Deus é “*tipoti*” (excremento) — exclamaram diversos.

Hans, que era muito piedoso, magoou-se com aquilo e murmurou, olhando para o céu:

— Como podes tu, Deus poderoso, sofrer com paciência estes insultos?

Finda a festa os índios reconduziram o prisioneiro à taba de Ubatuba. No momento da partida os ariaribenses gritaram-lhe:

— Breve lá estaremos para provar da tua carne!

Não se pode imaginar um bota-fora mais sinistro... Hans regressou a Ubatuba, onde novos dias se passaram sem que os índios se resolvessem a comê-lo. Iam contempORIZANDO sem que ele soubesse por quê.

Certa madrugada houve grande rebuliço na aldeia.

— Os tupiniquins! — gritavam os índios, correndo de um lado para outro, em preparativos para a luta. De fato, era um bando de tupiniquins vindos em vinte e cinco canoas, que rodeavam e atacavam a aldeia a flechadas.

Hans aproveitou-se do ensejo e disse aos tupinambás:

— Vós me tendes por português, mas vou provar-vos que não sou; dai-me arco e flechas que quero ajudar-vos na defesa da taba.

Os índios aceitaram a proposta; deram-lhe armas e Hans portou-se como um verdadeiro chefe, gritando para animar os defensores e atirando flechas o melhor que podia. Sua intenção porém era saltar a estacada logo que pudesse e fugir para o campo tupiniquim, onde o acolheriam como amigo. Mas aconteceu que em meio da luta os atacantes desistiram do assalto e retiraram-se para as suas canoas. Não pôde, pois, o nosso Hans realizar a fuga que havia projetado e teve que voltar para a cabana que lhe servia de cadeia. Na noite desse dia os chefes tupinambás reuniram-se ao luar, no centro da taba, e levaram-no para o meio deles por entre zombarias e maus-tratos. Iam resolver sobre a época do seu sacrifício. Enquanto os índios conferenciavam, Hans, muito triste, olhava para a lua, a dizer consigo:

— Ó meu Deus, ajuda-me nesta aflição e faze que breve me veja livre deste martírio.

Os selvagens estranharam-lhe os modos e perguntaram-lhe por que olhava tanto para a lua.

— Noto que ela está zangada — respondeu ele.

E, de fato, a lua lhe parecia terrível, como Deus lhe parecia terrível, como tudo lhe parecia terrível.

Nhaepépô, que era um dos que mais desejavam o seu sacrifício, perguntou-lhe:

— Com quem está zangada a lua?

Hans respondeu com ares misteriosos:

— Ela olha para tua cabana...

Nhaepépô enfureceu-se. Para abrandar-lhe a cólera Hans remendou o dito:

— Não será contigo; ela deve estar zangada com algum dos teus escravos carijós.

No dia seguinte chegou a notícia de que os atacantes da véspera, ao saírem dali, dirigiram-se a Mambucaba, cuja aldeia assaltaram e incendiaram. Os moradores puderam fugir, com exceção de uma criança que foi capturada.

— Coitadinha! — exclamou a menina compadecida. — E foi comida?...

— Não sei — respondeu Dona Benta; — Hans Staden nada conta do destino dessa infeliz, mas a mim me parece que a não mataram. Os índios poupavam as crianças.

Nhaepépô tinha em Mambucaba parentes e amigos e ao saber do desastre resolveu ir socorrê-los e ajudá-los na reconstrução de suas cabanas. E para lá se foi com vários auxiliares, levando a provisão de farinha de mandioca preparada para a festa do *devoramento* de Hans.

Este imprevisto incidente veio retardar o sacrifício e permitir que o prisioneiro respirasse com alguma esperança.

— Que situação horrível, vovó, a de um homem no caso de Hans! — disse a menina. — Saber que vai ser comido e viver assim — é hoje, é amanhã... Seria preferível que o matassem logo no primeiro dia!

— Se o matassem logo no primeiro dia, não estavam vocês hoje a ouvir a sua história — respondeu Dona Benta.

XIII

Esperanças



Logo depois da partida de Nhaepépô chegou de São Vicente um navio português, que deitou âncora perto da taba e disparou um tiro de canhão. Era o sinal do costume para que os índios das redondezas viessem ter com os navios.

Ao ouvirem o tiro os índios disseram ao prisioneiro:

— Aí vêm teus amigos portugueses; querem saber se vives e se queremos dar-te em troca de alguma coisa.

A notícia encheu-o de esperança. Mas ser procurado por navio português era dar provas de ser português e Hans inventou logo uma história destinada a atrapalhar os índios. Disse-lhes que tinha entre os portugueses um irmão francês e com certeza era esse irmão quem vinha procurá-lo.

Os índios porém não deram crédito à história. Aproximaram-se do navio a ponto de fala e perguntaram o que queriam.

Os portugueses indagaram de como ia passando Hans. Os selvagens responderam que não sabiam de quem se tratava.

Não havendo meio de entendimento, o navio afastou-se, deixando o mísero artilheiro mergulhado na maior dor. Pela segunda vez de todo perdia a esperança de salvar-se. Já via a iverapema sobre sua cabeça, prestes a desferir o golpe fatal. O sacrifício fora adiado por causa da partida de Nhaepépô; mas o índio regressaria breve, e então...

Assim o imaginou Hans, e ficou à espera do cacique, certo de que o seu regresso lhe marcaria o fim do martírio.

Ouvindo uma tarde gritos na cabana de Nhaepépô, Hans estremeceu. Era costume dos índios receberem com tais gritos os companheiros que tornavam das viagens, e aquele barulho queria dizer que Nhaepépô estava de volta. Resignadamente, pois, ficou à espera do que desse e viesse.

Sem demora veio ter com ele um índio, que lhe disse:

— Alkindar, o irmão de Nhaeepô, acaba de chegar e diz que os outros lá ficaram em Mambucaba muito doentes.

O coração de Hans bateu apressado, com a esperança de novo renascida. Aquela doença de Nhaeepô viria afastar mais uma vez a época do seu sacrifício.

Não demorou muito e apareceu-lhe Alkindar; sentou-se e principiou com lamúrias, dizendo que Nhaeepô, sua mãe e seus sobrinhos tinham caído doentes em Mambucaba, donde mandavam pedir a Hans que intercedesse perante o seu Deus para que todos sarassem.

— Meu irmão — concluiu Alkindar — pensa que o teu Deus está zangado com ele.

Ao ouvir tais palavras o pobre Hans criou alma nova, e sem demora confirmou tal suposição.

— Está zangado, sim, porque insistis em afirmar que sou português quando não é verdade. Ide ter com Nhaeepô e dizei-lhe que volte, que eu falarei a meu Deus para que todos saiem.

Com isto retornou para Mambucaba o índio e pela primeira vez dormiu Hans uma noite sossegada.

Alguns dias depois regressaram os doentes. Hans foi chamado à cabana de Nhaeepô, que lhe disse:

— Tu sabias de tudo. Tu disseste naquela noite que a lua olhava zangada para a minha cabana.

Hans lembrou-se do incidente da lua e encheu-se de grande alegria, imaginando que Deus visivelmente o estava protegendo. Aproveitou-se do caso para convencer o índio de que era assim mesmo. A lua estava zangada com todos eles porque queriam comê-lo, como se fosse um pero, o que não era verdade. Vinha daí aquele rosário de desgraças.

Nhaeepô pediu-lhe que o curasse. Hans, então, deu-se ares misteriosos e girou em torno dos doentes, fazendo passes com as mãos e pronunciando palavras cabalísticas. Terminou assegurando que iriam todos sarar.

Infelizmente aquelas micagens não produziram nenhum efeito. No dia seguinte morreu uma criança; em seguida, a mãe de Nhaeepô e mais uma velha que andava fabricando os potes para cauí da festa de Hans.

— Que festa? — indagou Narizinho. — A festa em que iam comê-lo?

— Sim — respondeu Dona Benta —, como nós hoje fazemos uma festa em torno do sacrifício de um peru... Mas não ficou aí o desastre; dias após faleceu outra criança e, por fim, um irmão de Nhaeepô.

O morubixaba caiu em grande tristeza diante do estrago que a morte estava a fazer em sua família; e, com medo de ir-se também, pediu de novo a Hans a proteção do seu Deus. Hans consolou-o, e afirmou que nada lhe aconteceria, caso abandonassem a idéia de o devorar.

O morubixaba concordou e prometeu poupá-lo, proibindo que na sua cabana o maltratassem ou o ameaçassem de morte.

Continuou doente esse índio por mais algum tempo, e por fim sarou, juntamente com uma de suas mulheres; havia perdido oito pessoas da família, todas muito más para Hans.

O morubixaba da cabana vizinha, Guaratinga-açu, sonhou certa noite que Hans lhe aparecera e anunciara sua morte. De manhã cedo foi procurá-lo para contar-lhe o sonho.

Hans explicou que coisa nenhuma lhe sucederia, se também desistisse de o devorar.

O índio concordou nisto; declarou que não lhe faria mal algum; e caso o matassem, não lhe comeria da carne.

— Triste consolo! — exclamou Pedrinho.

— Do mesmo modo sonhou com Hans um terceiro morubixaba, Carimã-Cuí (farinha de carimã), que também o mandou vir à sua presença. Deu-lhe de comer e contou-lhe que outrora capturara um português, do qual comera tanto que desde então vinha sentindo um mal do estômago.

Hans disse logo:

— Pois é isso. A carne humana é um veneno terrível e a tua doença vem de a teres comido. Se de hoje em diante desistires de comê-la, sararás e nunca mais terás sonhos tristes.

Carimã deu-se por convencido e prometeu nunca mais comer gente.

Começaram os índios a ter medo de Hans e a respeitá-lo. Até as velhas da taba, que eram voracíssimas e costumavam maltratá-lo com beliscões e ameaças, ganharam medo ao alemão, cujo Deus se patenteava de maneira assim visível.

Uma delas veio dizer-lhe:

— Meu filho, não nos deixes morrer. Se te tratamos mal é que te julgávamos português, gente a quem odiamos. Já comemos vários deles, mas o Deus português não fazia caso. O teu Deus zanga-se e por isso vemos que de fato não és português.

Desde essa ocasião todos da taba o deixaram em paz, embora o mantivessem sob vigilância, como dantes.

— O tal português que Carimã-Cuí comeu devia ser um pero de vinte e quatro quilates, para encruar assim no estômago de um canibal — comentou Pedrinho.

— Não caçoe dos seus avós, menino — advertiu Dona Benta a sorrir, e continuou.

XIV

A volta do francês



O tal francês, que tão cruelmente aconselhara os índios a que matassem e comessem o pobre Hans, voltou de novo à taba de Ubatuba, sempre a negócio de pimenta e penas. Veio de Iteron, nome primitivo de Niterói, que era onde aportavam os navios franceses.

Logo que chegou à taba admirou-se de ver ainda vivo o alemão.

— Que é isso, homem? Pois inda estás vivo?

— Sim, estou vivo graças a Deus, pois só a ele devo o ter conservado a vida até agora, contra o conselho que destes aos índios.

O francês, que os índios chamavam Caruatá-uara¹ parecia mudado e não olhou para Hans com o rancor da primeira vez. Em vista disso Hans o chamou de parte e expôs o seu caso, de maneira a convencê-lo de que na realidade não era português, e sim alemão, náufrago de um navio espanhol.

O francês mostrou-se arrependido do que fizera. Disse que realmente o havia julgado português, gente má a quem tanto os índios como os franceses não poupavam. Mas já que não era assim, ia ajudá-lo a salvar-se.

Tudo mudou depois dessa conferência. Caruatá-uara explicou aos índios que se enganara da primeira vez; o prisioneiro de fato não era português e sim de um país chamado Alemanha, cujos habitantes sempre foram amigos dos franceses. E acabou pedindo aos índios que o deixassem levar consigo.

Os índios deram-se por vencidos, mas declararam que só o deixariam ir se o pai de Hans ou seus irmãos o viessem buscar num navio cheio de machados, facas, tesouras, pentes e espelhos. Tinham-no apanhado em território inimigo e, pois, lhes pertencia.

Caruatá-uara procurou de novo Hans e contou-lhe os passos que dera. Estava convencido de que os índios não o largariam de forma nenhuma.

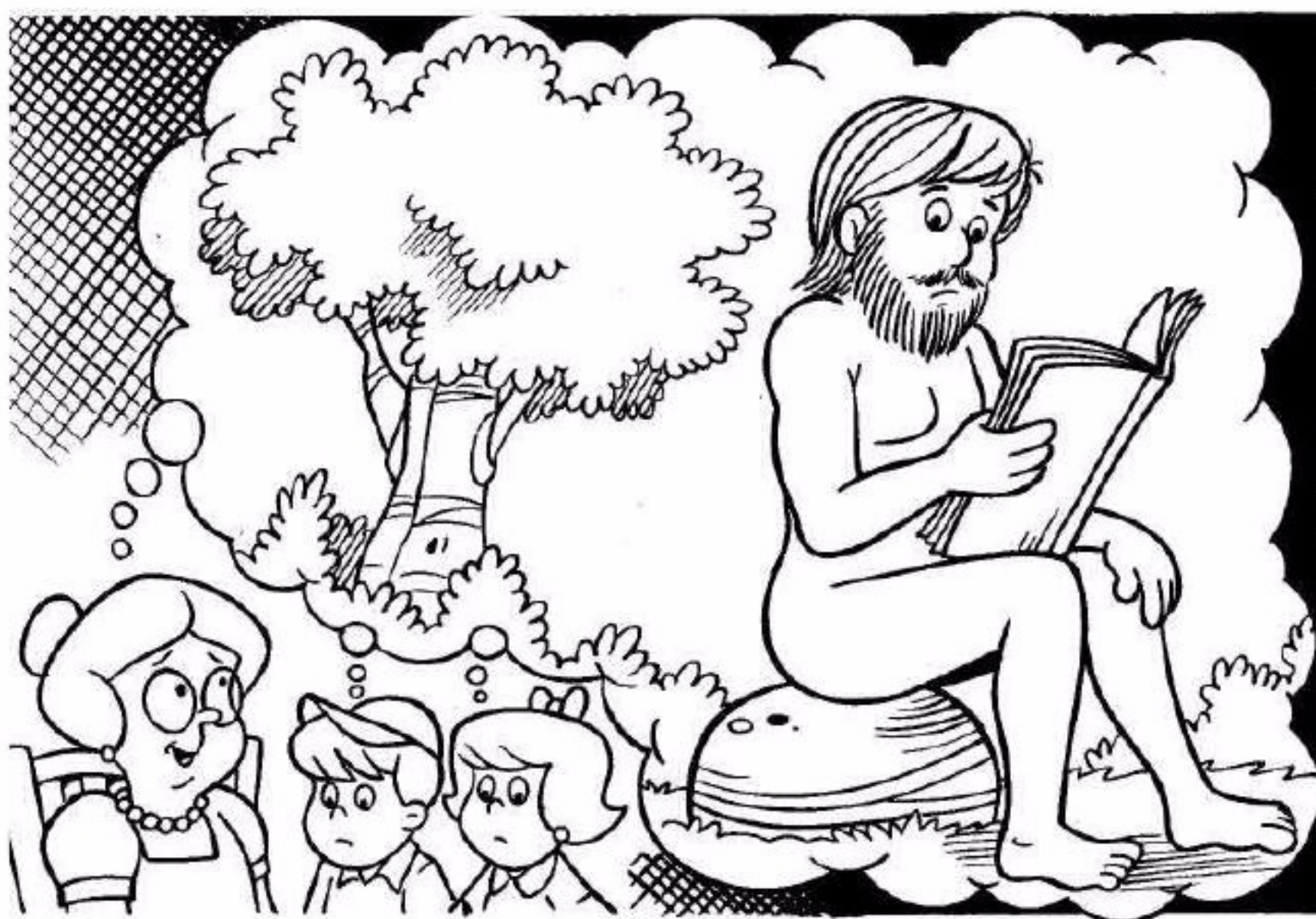
¹- Comedor da fruta gravatá.

Hans pediu-lhe pelo amor de Deus que o mandasse buscar pelo primeiro navio aportado em Iteron. Carauatá-uara, depois de prometer-lhe isso, pediu aos índios que o guardassem cuidadosamente, até que seus parentes viessem buscá-lo. E partiu.

Enquanto se davam estes acontecimentos, os índios enfermos sararam e a vida da taba entrou no ramerrão habitual.

A volta da saúde trouxe a volta da gula, e o propósito dos índios de não comerem o prisioneiro começou a fraquear. As velhas murmuravam que os franceses, afinal de contas, não valiam mais que os peros.

Hans atemorizou-se com isso, porque não tinha grande confiança no caráter dos selvagens. Mas foi uma injustiça. Os tupinambás souberam cumprir o prometido, dando prova de que é mais de fiar-se um selvagem do que um rei branco como aquele Fernando, o Católico, de Espanha, que só cumpria a palavra dada quando lhe convinha.



Algum tempo depois os índios de Ubatuba foram convidados para uma festa na taba de Ticoaripe na qual iam comer um prisioneiro maracajá.

Os convidados partiram em canoas, levando Hans consigo.

Em todas as cabanas as mulheres estavam ultimando o preparo do cauim, bebida indispensável em tais festas.

Hans aproximou-se do prisioneiro maracajá e perguntou-lhe:

— Estás pronto para morrer?

O índio olhou-o com indiferença e respondeu, muito calmo, a sorrir:

— Sim, estou pronto para tudo. Mas nós maracajás possuímos melhores muçuranas...

— Que é isso, vovó? — perguntou Narizinho.

— Eram umas cordas que os índios preparavam especialmente para amarrar os prisioneiros no dia do sacrifício. Aquele maracajá sorria diante da morte e caçoava dos seus inimigos... Hans Staden sentiu uma grande dó do infeliz. Afastou-se e pôs-se a ler um livro de capa de couro, que os índios haviam trazido de um barco apanhado com auxílio dos franceses.

— Que livro seria esse, vovó? — indagou o menino.

— Não sei, meu filho. Hans esqueceu-se de transmitir à posteridade o nome dessa obra, talvez a primeira que veio circular no Brasil...

Logo depois voltou Hans a falar com o maracajá, dizendo-lhe:

— Eu também sou prisioneiro e moro em Ubatuba. Vim de lá trazido à força, mas não para ajudá-los a comerem da tua carne.

— Eu sei — disse o maracajá — que a gente da tua raça não come carne humana.

Hans procurou consolar a vítima e fez-lhe uma preleção. Disse que apenas lhe comeriam a carne, pois que sua alma voaria da terra com destino a um lugar muito alegre, para onde iam também as almas dos homens brancos.

— Será verdade isso? — exclamou o índio.

— Sim, é verdade. Lá para onde vão as almas é que reside Deus.

— Mas eu nunca vi esse Deus.

— Na outra vida hás de vê-lo — concluiu Hans.

Nessa noite um vento horrível açoitou a taba, chegando a arrancar pedaços do teto das cabanas. Os selvagens encolerizaram-se, dizendo que fora Hans quem trouxera o furacão.

— Ele é um diabo — explicou um — e esteve hoje a olhar para o “*couro da trovoada*”.

— Couro da trovoada, vovó?...

— Sim, o livro que ele estivera lendo...

Narizinho soltou uma gargalhada.

— Que idiotas!

— Os índios eram supersticiosos — explicou Dona Benta — e um livro seria para eles a coisa mais misteriosa e incompreensível do mundo, arte do demônio, como ainda hoje nossos caboclos classificam o gramofone, o telégrafo e as mais coisas que não podem compreender.

Afinal mataram o prisioneiro, assaram-lhe a carne e comeram-na, regando abundantemente o banquete a potes de cauim.

Finda a festa cuidou-se da volta para Ubatuba, e os donos de Hans trouxeram consigo um pouco de carne do maracajá.

No primeiro pouso, no momento em que os índios erguiam na praia um rancho onde passarem a noite, começou a chover.

— Faze cessar a chuva — disseram-lhe os índios — já que a chamaste sobre nós.

— Deus está zangado convosco — respondeu Hans — por terdes comido carne humana.

Os selvagens aborreceram-se e disseram que a carne humana era a sua verdadeira comida.

Perto de Hans ia um menino, a roer uma canela do maracajá. Esse espetáculo horrorizava ao alemão, que mandou o pequeno deitar fora aquilo. O menino não fez caso e continuou a roer o osso. Enquanto isso a chuva ia apertando. Afinal o pequeno lançou fora o osso e como logo em seguida a chuva cessasse, Hans aproveitou-se da coincidência para dizer:

— Vedes? Meu Deus estava zangado porque o menino roía aquele osso.

Os índios, porém, não eram de todo brancos e um deles disse:

— Mas se o menino tivesse comido a canela sem que tu visses, o tempo não se teria arruinado.

De volta a Ubatuba, Alkindar caiu doente dos olhos e andou cego por uns dias. O medo da morte fê-lo procurar Hans e pedir que rogasse ao seu Deus pela volta da vista. Hans o fez, e assim conseguiu também dele a promessa de não consentir que o matassem.

XVI

Aparece outro navio



Já ia no quinto mês a escravidão de Staden. Sua situação melhorara muito; o espantinho do seu sacrifício estava de todo afastado. Os índios, muito supersticiosos que eram, respeitavam-no cada vez mais, com medo de que o Deus de Hans os castigasse.

Por essa época surgiu em Ubatuba outro navio vindo de São Vicente. Embora inimigos, os portugueses e tupinambás não deixavam de entrar em negócios. Esses índios produziam muita farinha de mandioca, gênero de que os portugueses faziam grande consumo nas suas plantações, lavradas por escravos. Quando a farinha escasseava em São Vicente, vinham de lá navios a fim de obtê-la dos índios em troca de machados e anzóis. Esses navios ancoravam no porto e davam o tiro do costume. Os índios saíam da taba a indagar do que era.

— Negócio de farinha! — gritavam os de bordo.

Os índios, então, juntavam-se na praia, de armas em punho, mandando uma canoa com dois parlamentares ao encontro do navio a fim de ajustarem as condições do negócio. Depois de tudo bem combinado, realizava-se a permuta das mercadorias, com as maiores precauções de lado a lado porque um não confiava no outro.

Concluída a transação, recomeçava a guerra. Os índios despediam contra o barco uma nuvem de flechas e o barco por sua vez despejava contra os índios os seus canhões.

— Ora que curioso! — exclamou Pedrinho. — Está aí um costume que nunca imaginei possível.

— Era como se dissessem: inimigos, inimigos, negócios à parte — acrescentou Dona Benta. — No fundo, a necessidade os obrigava a isso. Uns não podiam passar sem anzóis, outros não podiam passar sem farinha. O armistício resolvia o apuro de ambas as partes, como breve parêntese na luta que só teve fim quando os índios foram completamente dominados.

O navio em questão entrou no porto e deu o tiro de aviso. Vieram os índios. Desta vez, não era farinha o que os peros queriam. Apenas desejavam saber notícias de Staden. Disseram mais que estava a bordo um irmão de Hans, com muitas mercadorias a ele destinadas.

Os índios parlamentares voltaram do navio com essa boa nova e Hans pediu que o deixassem conversar com o seu irmão.

— Quero pedir a meu irmão que conte a meu pai a minha história e lhe peça que venha buscar-me com um navio cheio de presentes.

Os selvagens acharam justa a pretensão; impuseram-lhe, todavia, que não falasse português. Andavam a preparar em segredo uma expedição contra a Bertioga e receavam que o prisioneiro os traísse.

— Nada temais — disse-lhes Hans; — os peros não compreendem a minha língua, nem a do meu irmão que está a bordo.

Os índios deixaram-se embaçar e levaram-no à distância de uns cinquenta passos do navio. Dali Hans gritou:

— Deus seja convosco, irmãos. Que venha um só falar comigo e não dêem a perceber aos índios que não sou francês.

— Mas os índios não estavam a ouvir essa fala? — perguntou Pedrinho.

— Sim, estavam, mas esses índios não entendiam a língua dos portugueses, porque viviam em guerra com eles e sempre que apanhavam algum, em vez de o tomarem para professor, preferiam comê-lo assado. Desse modo podia Hans falar livremente sem receio de ser entendido.

Em resposta às suas palavras adiantou-se o biscainho João Sánchez e disse:

— Meu querido irmão, aqui vimos em busca de notícias tuas, visto como o primeiro navio mandado nenhuma nova pôde levar. Quem nos envia é o Capitão Brás Cubas, de Santos, o qual deseja saber se estás vivo, a fim de te resgatar.

Hans retomou a palavra:

— Que Deus vos recompense eternamente, pois vivo em grande aflição, sem saber o que estes selvagens querem de mim. Só sei que já me teriam devorado, se Deus não me houvesse protegido. Eles recusam-se a vender-me, pois esperam que meu pai venha de França buscar-me num navio cheio de presentes. Peço-vos que não os deixeis suspeitar que não sou francês, pois que isso me seria funesto, e peço-vos ainda que me deis facas, machados e anzóis com que eu possa presenteá-los.

Sánchez respondeu:

— Sim, irmão, tudo faremos como desejas. Manda cá uma canoa buscar os presentes.

Neste ponto os índios deram mostras de que já se estava prolongando demais a fala. Hans, então, despediu-se de Sánchez.

— Os índios não me deixam dizer mais. Cuidado com eles! Estão a preparar secretamente uma investida contra a Bertioga. Adeus!

— Adeus, irmão! — disse Sánchez. — Antes que eles ataquem a Bertioga, serão atacados pelos tupiniquins cujas canoas estão prontas. Não desanimes. Deus te há de acudir em melhor momento, já que neste nada podemos fazer pela tua salvação.

E separaram-se. Os índios levaram Hans dali e mandaram uma canoa a bordo em busca dos presentes, que Hans distribuiu entre eles, dizendo:

— Tudo isto me trouxe o meu irmão francês.

— E que foi que disseste a teu irmão? — perguntaram os índios.

— Disse-lhe — inventou Hans — que procurasse fugir das unhas dos peros e voltasse para a nossa terra, e de lá tornasse num navio cheio de presentes para vós, visto que sois bons para comigo e não me maltratais.

Semelhante fala, como é natural, muito agradou os selvagens, que murmuraram entre si:

— Não resta dúvida que é francês, havemos de tratá-lo como irmão.

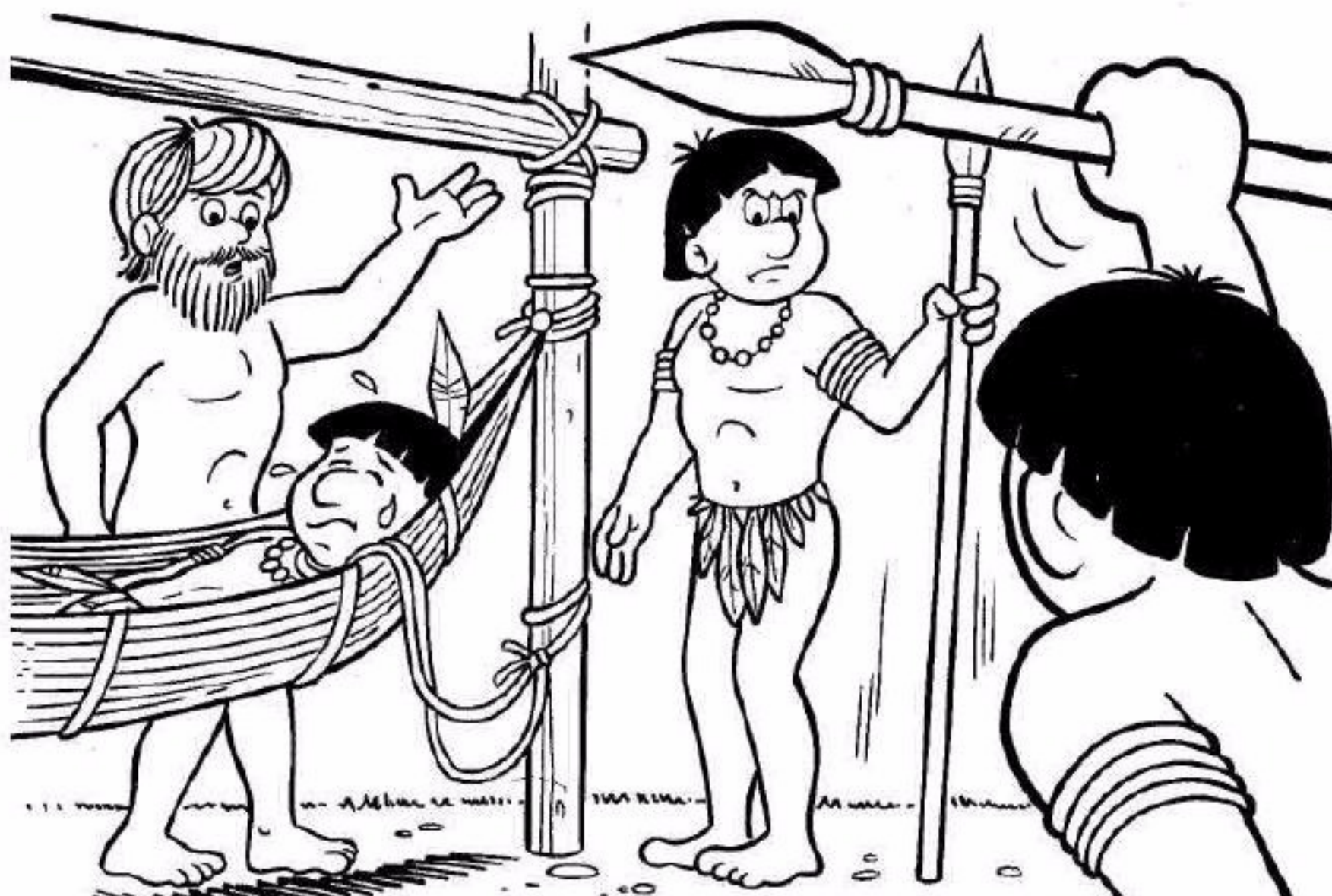
A partir desse momento gozou Hans de mais folga na taba; ia à caça com os índios e ajudava-os nos trabalhos de roça.

— Os selvagens, afinal de contas, não passavam de uns coitados — disse Narizinho. — Hans embaçou-os de uma vez.

— É que possuíam um grau de inteligência muito inferior ao dos brancos. Daí a facilidade com que os peros e os espanhóis, em muito menor número, conseguiram dominá-los. Neste caso de Hans, por exemplo, assistimos à luta da inteligência contra a bruteza. A inteligência, com suas manhas e artimanhas, acabou vencendo a força bronca do número.

XVII

O carijó doente



Havia na taba um prisioneiro carijó que houvera sido escravo dos portugueses e fora apanhado pelos tupinambás numa das expedições contra São Vicente. Esse carijó detestava Hans Staden e vivia dizendo que fora ele quem matara o pai de Nhaepépô com um tiro.

Era falso. O carijó estava ali na taba já de três anos e Hans só tinha um ano de estada no Brasil: não podia o índio, portanto, tê-lo conhecido na Bertioga, como afirmava.

Um dia, em que esse escravo caiu muito doente, Ipiru-guaçu, seu dono, chamou Hans para curá-lo.

Hans examinou-o e disse:

— Está doente e vai morrer porque me quis fazer mal. Não tem cura.

Em vista disso Ipiru resolveu dar o carijó ao seu amigo Abaté¹ para que o matasse e ganhasse um nome.

Vários índios que se achavam à volta do doente foram da mesma opinião.

— Sim, ele “quer” morrer; é melhor matá-lo já. Hans horrorizou-se com a idéia e disse:

— Não! Não o matem, que ele ainda poderá sarar.

De nada valeram as suas palavras; os índios levaram-no dali a braços, porque o doente não dava mais acordo de si.

Abaté recebeu o presente, agradeceu-o e foi para dentro buscar a iverapema. Trouxe-a, ergueu-a no ar e desferiu tamanho golpe no crânio do carijó que os miolos espirraram longe.

Iam comê-lo. Hans interveio para aconselhar que não o fizessem; o carijó estava doente e sua carne poderia envenená-los.

Os índios vacilaram um instante. Estava tão feia a cara do carijó, além do mais

¹ - Homem notável, chefe.

cego de um olho, que se sentiram repugnados.

Nisto surge de uma das cabanas um índio mais desabusado, manda que as mulheres façam fogo ao pé do cadáver e decepa-lhe a cabeça, arrojando-a para longe.

Suprimida a parte do corpo que horrorizava pelo aspecto, desapareceu a repugnância dos índios, os quais tomaram o cadáver, chamuscaram-no ao fogo, esfolaram-no, dividiram-no em postas e distribuíram-nas entre os circunstantes. Logo depois em cada cabana começou a chiar ao espeto um naco de carijó...

— Pare, vovó! — exclamou Narizinho; — pare que estou sentindo uma bola no estômago...

— De fato, minha filha, o quadro é horroroso. No entanto fazemos nós hoje coisa muito parecida com os cadáveres dos bois e dos porcos... Afastado o aspecto moral, não vejo diferença entre o cadáver de um carijó e o cadáver de um boi.

— Basta, vovó — disse Pedrinho. — De hoje em diante não comerei mais carne.

— Nem de galinha? — interpelou Dona Benta.

Pedrinho, que gostava muito de frango assado, vacilou.

— De galinha não digo; mas de boi ou de porco, nunca mais!...

XVIII

O terceiro navio



Os tupinambás haviam marcado para a sua expedição contra a Bertioga o mês de agosto, tempo das tainhas. A abundância do peixe facilitava a operação guerreira, porque não há guerra possível quando não há facilidade de abastecimento.

Hans contava fugir por essa ocasião.

Ficaria na aldeia sozinho com as mulheres e fácil lhe seria escapar.

Oito dias antes da expedição, porém, chegou notícia de um novo barco francês ancorado em Iteron, ou Rio de Janeiro, como diziam os portugueses. Essa notícia viera por um bote pertencente ao navio, o qual chegara até Ubatuba em procura de pimenta, macacos e papagaios. Vinha no bote um tal Jacó que sabia a língua dos tupinambás e o jeito de negociar com eles.

Hans insistiu com os selvagens para que o conduzissem até ao navio, onde devia estar seu irmão com os presentes esperados.

— Não! — responderam os índios. — Esses franceses não são teus amigos. Vieram no bote e nem uma camisa te trouxeram.

Era bem verdade aquilo! Mas Hans insistiu; disse que se ele chegasse até à nau os franceses lhe dariam muita coisa.

— Tem tempo — responderam os selvagens. — O navio demora-se ainda. Depois da expedição cuidaremos disso.

Enquanto o nosso Hans, na praia, aferrado às suas esperanças, debatia com os índios, o bote de Jacó começou a afastar-se.

Na sua ânsia de libertação Hans perdeu a cabeça e atirou-se ao mar, rumo ao bote. Os índios foram-lhe ao encalço; um deles chegou a pôr-lhe a mão. O desespero, porém, redobrou as forças do fugitivo, que repeliu o índio, safou-se e, a violentas braçadas, atingiu o bote.

— Finalmente! — exclamou Narizinho, comovida. — Também já era tempo...

— Engano, minha filha. Não era tempo ainda. Os franceses do bote não o deixaram entrar. Repeliram-no, alegando serem amigos daquela tribo e que se o

deixassem entrar contra a vontade dos índios eles se vingariam. E o pobre Hans teve de voltar para terra...

— Que horror!

— Os índios, que já o supunham perdido, começaram a gritar alegremente: “Ele volta! Ele não fugiu!”

Hans, ao pisar na praia, mostrou-se agastado.

— Julgáveis então que eu pretendia fugir? Fui ao bote unicamente para dizer aos meus patrícios que viessem buscar-me depois da guerra e que trouxessem para vocês muitas coisas bonitas.

— Sim, senhora! — exclamou Pedrinho. — Esse alemão era das arábias! Conseguiu mais uma vez lograr os pobres índios...

— Lográ-los — confirmou Dona Benta — e agradá-los. Os índios ficaram contentíssimos com o seu gesto e passaram a tratá-lo ainda melhor.

XIX

A guerra



Quatro dias depois se reuniram em Ubatuba as canoas destinadas à guerra.

Cunhambebe compareceu com a sua hoste de guerreiros. Conferenciou com Ipiru e determinou que Hans tomaria parte na expedição. Esta decisão vinha transtornar todos os seus planos de fuga. Hans, no entanto, soube esconder a contrariedade e fingir que iria de bom grado, na esperança de que durante o percurso não o guardassem muito de perto e ele pudesse desertar em terra tupiniquim.

A expedição compunha-se de quarenta e três canoas, tripuladas por vinte e três homens cada uma.

— Não era uma brincadeira — exclamou Pedrinho. — Quarenta e três multiplicado por vinte e três dão — esperem um pouco — dão novecentos e oitenta e nove homens. Irra! Quase mil!...

— A intenção de Cunhambebe era dirigir-se à Bertioga pelo ponto onde haviam capturado o artilheiro; ali se ocultaria nas matas, para o ataque no momento oportuno.

Partiram a 14 de agosto de 1.554, mês da piracema das tainhas.

Essa expedição devia encontrar-se com a que os tupiniquins andavam organizando e fora marcada para a mesma ocasião, como Hans soube pela fala de João Sánchez.

Durante a viagem perguntaram-lhe os índios o que pensava da expedição e se seriam felizes.

Hans, está claro, respondeu o que podia responder, mas teve a habilidade de acrescentar:

— Meu parecer é que os tupiniquins vêm vindo ao nosso encontro.

Como era quase certo que assim fosse, queria arriscar uma afirmação que o fizesse passar como profeta.

As canoas iam sem pressa, parando sempre que topavam cardumes de tainhas. Os índios pescavam-nas em grande número, preparavam o piracuí e prosseguiam na marcha.

Quando se viram a um dia de viagem da Bertioga, arrancharam-se na ilha de Maembipe, que os portugueses diziam de São Sebastião. À noite Cunhambebe passou pelo acampamento e fez uma fala aos guerreiros. Disse-lhes que eram chegados às fronteiras do inimigo, e que, portanto, procurassem ter sonhos felizes, por meio dos quais se guiarem.

Concluída a fala, houve dança em torno dos maracás até tarde da noite.

Ao raiar do dia seguinte reuniram-se os chefes em torno duma panela de peixe frito, e enquanto comiam contaram uns aos outros os seus sonhos.

Foi depois resolvido que se entrasse nesse mesmo dia em terra inimiga, por um lugar chamado Boiçucanga, onde aguardariam a noite.

Ao deixarem Maembipe perguntaram novamente a Hans o que pensava da guerra, ao que Hans respondeu, ao acaso, que em Boiçucanga iriam encontrar o inimigo.

Era intenção de Hans fugir nesse ponto, distante apenas seis léguas do sítio onde o haviam capturado.

As canoas puseram-se em movimento, remadas com vigor.

Perto de Boiçucanga avistaram-se entre duas ilhas as primeiras canoas contrárias.

— Lá estão os inimigos tupiniquins! — exclamam os tupinambás. — Bem o disse o nosso francês!

Aquelas canoas, porém, logo que perceberam as dos tupinambás, trataram de fugir. Os tupinambás deram força aos remos e perseguiram-nas durante quatro horas, até alcançá-las.

Eram apenas cinco, todas da Bertioga. Hans reconheceu-as. Numa estavam os seis mamelucos, entre os quais dois irmãos Braga — Domingos e Diogo. Estes homens resistiram heroicamente, um manejando o arco, outro a zarabatana.

— Que é zarabatana, vovó? — indagou Pedrinho.

— É uma arma muito interessante, de uso na caça de animais pequenos. Consiste num tubo dentro do qual se oculta uma seta muito fina, de ponta envenenada. O atirador lança tal seta por meio de um sopro forte. A seta fere de leve e mata pelo veneno.

— Interessante! — exclamou Pedrinho. — Vou fazer uma.

— E onde arranja sopro forte? — objetou a menina. — Para isso é preciso fôlego de índio...

Dona Benta deu-lhe razão e continuou:

— Domingos, Diogo e seus companheiros resistiram com extrema bravura durante duas horas. Resistiram a trinta canoas! Afinal as suas flechas esgotaram-se! Os tupinambás, então, deram-lhes em cima, capturando a uns e matando a outros.

Os irmãos Braga tiveram a sorte de não receber nenhum ferimento.

Finda a luta, os tupinambás cuidaram de regressar a Maembipe, onde os prisioneiros foram levados para as cabanas dos seus respectivos apresadores.

Os feridos receberam morte imediata, sendo espostejados e assados ali mesmo. Entre estes havia dois mamelucos cristãos, um de nome Jerônimo e outro chamado Jorge Ferreira, filho de um capitão português.

O corpo de Jerônimo coube ao índio Paraguá, que era companheiro de cabana de Ipiru-guaçu.

Paraguá assou-lhe a carne perto do ponto em que Hans se deitara para dormir.

Está claro que o nosso Hans não pôde conciliar o sono. O cheiro do assado fê-lo erguer-se e sair. Andou então pelo acampamento em busca dos irmãos Braga, seus conhecidos da Bertioga.

Conseguiu encontrá-los e falar-lhes. A primeira pergunta que os infelizes fizeram foi se iam ser devorados.

Hans respondeu que tivessem fé na providência divina, pois como estavam vendo, ali se achava ele entre os selvagens, vivo, após oito meses de cativeiro.

Isto consolou-os um bocado. Em seguida perguntaram-lhe de Jerônimo.

— Já está assado — respondeu Hans; — e o filho do Capitão Ferreira, esse já está comido...

Aos ouvirem tão tristes novas os dois irmãos não puderam reter as lágrimas. Hans procurou animá-los, contando-lhes toda a sua história e recomendando-lhes paciência.

— O que Deus fez por mim — concluiu ele — também fará por vós. Entregai-vos, pois, à vontade divina, certos de que este mundo é mesmo um vale de lágrimas.

— Nunca o verificamos tanto como agora — responderam os moços — e foram estas as últimas palavras que Hans lhes ouviu.



Dali foi Hans Staden à choça onde estava Cunhambebe, ao qual perguntou o que pretendia fazer dos mamelucos.

— Devorá-los! — foi a resposta do truculento canibal. Em seguida o proibiu de conversar com eles. Cunhambebe estava encolerizado contra os mamelucos; achava que deviam ter ficado em casa, em vez de se meterem com os tupiniquins.

Hans rogou-lhe que os deixasse viver, e os vendesse aos portugueses.

O truculento chefe tupinambá, porém, repetiu-lhe que seriam devorados.

Hans desanimou, mormente presenciando com que prazer de glutão Cunhambebe comia naquele momento uma perna humana assada.

Ia começar a festa. O chefe ordenara que cada qual levasse o seu prisioneiro para um sítio limpo, adequado às danças.

Feito isso, principiaram as cerimônias. Os prisioneiros foram obrigados a cantar e chocalhar os maracás, enquanto os índios lhes dançavam em redor. Em certo momento adiantou-se um dos prisioneiros tupiniquins e falou com arrogância, de cabeça erguida:

— Sim, saímos como costumam fazer os bravos, para matar e comer nossos inimigos. Fomos vencidos e aprisionados, mas pouco importa. Os valentes morrem em terra inimiga. Nossa nação é poderosa e há de vingar-nos!

— Bravo! — exclamou Pedrinho. — Assim é que um homem deve morrer. E os tupinambás?

— Os tupinambás responderam: “Sim, nós também nos vingamos, nós também vamos agora vingar os muitos irmãos que nos matastes”.

Concluídas as danças e as falas heróicas cada qual levou consigo o seu prisioneiro.

Três dias depois a expedição prosseguiu na viagem de volta. Boa que fora a caçada, davam por concluída a guerra. Os ubatubanos haviam capturado oito indígenas e três mamelucos, além dos dois que levavam assados.

Logo que os guerreiros-caçadores chegaram a Ubatuba, Hans lembrou-lhes a promessa feita antes da partida de o levarem a bordo do navio francês, ancorado em Iteron.

Os índios responderam que sim, que iriam levá-lo; mas primeiro queriam descansar e comer o “*moquém*”, isto é, a carne dos mamelucos trazida já assada.

Em frente à cabana de Ipiru, onde residia Hans, ficava a cabana do cacique Tatamiri (foguinho). Este chefe deu uma festa; mandou preparar muito cauim e forneceu o assado: a carne de Jorge Ferreira, o filho do capitão português.

Os convidados beberam, comeram e cantaram numa grande alegria.

No dia seguinte requentaram os restos do *moquém* e repetiram a festança.

A carne do mameluco Jerônimo pertencia a Paraguá, índio morador na cabana de Ipiru. Paraguá tinha saído da taba em procura de mandioca para o preparo do cauim.

— Mas o cauim, vovó, não era feito de milho?

— Sim, de milho ou, na falta do milho, de mandioca, e às vezes de milho e mandioca ao mesmo tempo — respondeu Dona Benta, e prosseguiu:

— Hans impacientou-se. O navio devia estar prestes a sair, de modo que a demora de Paraguá poderia mais uma vez transtornar-lhe os planos.

Afinal o índio voltou, trazendo a mandioca necessária.

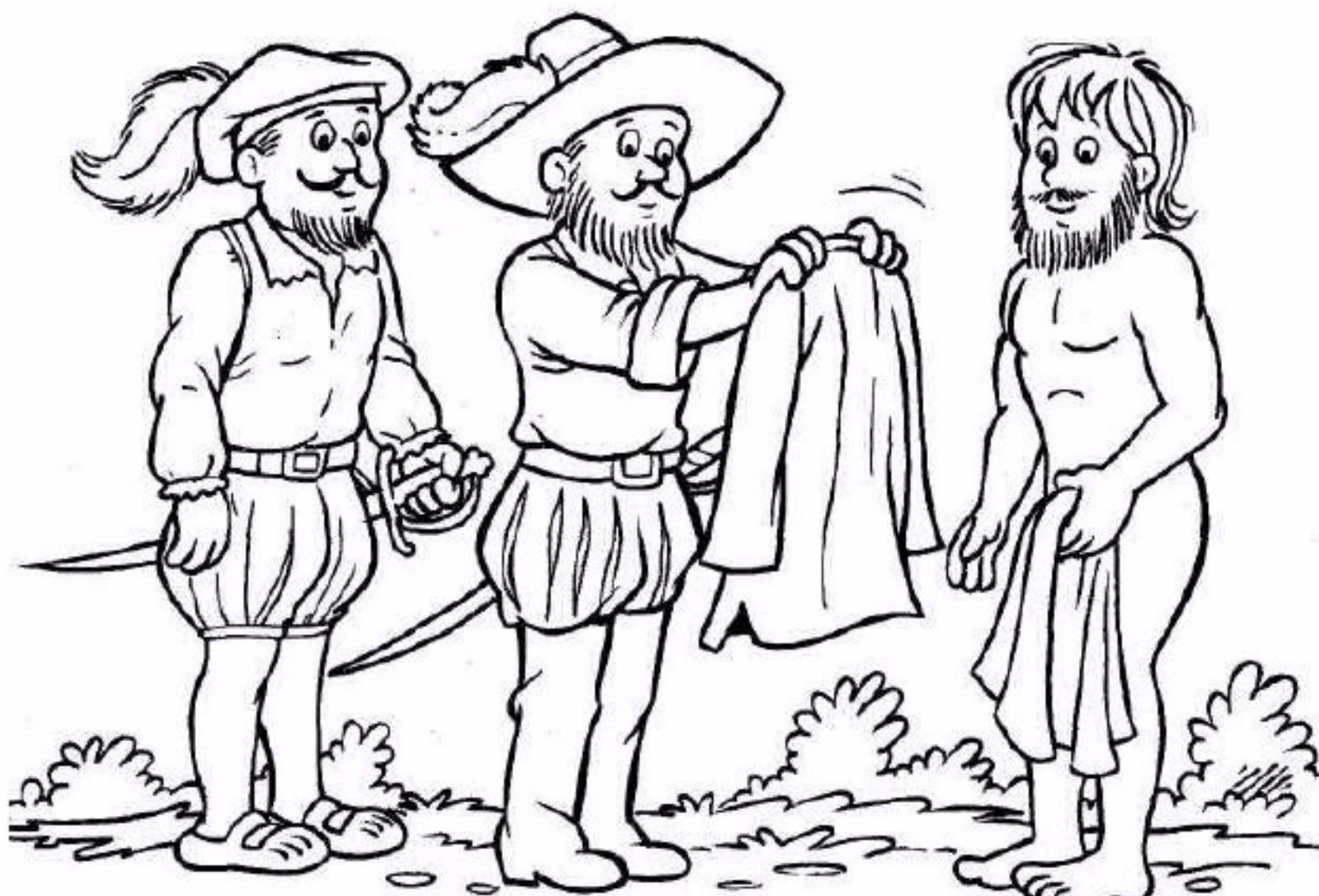
Fez preparar o cauim e reuniu os amigos para um rega-bofe em torno da carne de Jerônimo, que estava dura como pau.

A essa festa foram obrigados a comparecer os irmãos Braga e mais um mameluco de nome Antônio; tiveram de beber com os selvagens e assistir ao *devoramento* do companheiro.

Os índios conversavam com eles muito cordialmente, como se fossem amigos, mas na alma de ambos só havia desespero e dor, tão terrível era o fim que os aguardava.

— E foram comidos esses moços? — perguntou Narizinho.

— Não, minha filha. Puderam escapar. Hans indicou-lhes o melhor meio — e eles tiveram tanta sorte que conseguiram iludir a vigilância dos índios e fugir para a terra dos tupiniquins.



Depois desses acontecimentos, Ipiru-guaçu resolveu entregar Hans ao morubixaba Abati-poçanga (bebida de milho), da taba de Itaquaquecetuba¹. O nosso artilheiro foi conduzido para lá, onde o entregaram a Abati, com recomendação de não lhe fazerem mal, porque o Deus de Hans se mostrava terrível quando o maltratavam.

Hans confirmou tais palavras e disse que brevemente chegariam seu irmão e mais parentes, com um navio cheio de coisas destinadas ao morubixaba.

Abati-poçanga chamou-lhe “seu filho”, tratou-o muito bem e nunca mais saiu à caça sem que o levasse consigo.

Sua situação mudara por completo. Embora prisioneiro, gozava de todas as regalias e já contava como certo o regresso à pátria.

Quatorze dias depois da sua chegada a Itaquaquecetuba uns índios dirigiram-se a ele, dizendo ter ouvido tiros de peça dos lados de Iteron.

Era de fato um navio francês que entrara. Como o caso de Hans já andava muito espalhado, logo souberam dele a bordo, e o comandante mandou à sua procura dois homens.

Esses emissários eram boas almas, em tudo diferentes do Carauatá-uara e do Jacó. Ao se encontrarem com o prisioneiro sentiram-se tomados de piedade e com ele repartiram suas roupas. Depois explicaram que tinham vindo com ordem de conduzi-lo de qualquer maneira.

O coração de Hans palpitou violentamente, de júbilo e esperança. Qualquer coisa lhe dizia que era chegado o termo dos seus sofrimentos.

Conferenciou com os franceses e combinou o meio de enganar os índios. Em seguida puseram em prática o plano.

Um deles, de nome Perot, apresentou-se a Abati-poçanga como o tão esperado irmão de Hans, dono do navio de Iteron, e convidou-o a ir até lá com os seus índios,

¹ - Bambuzal.

para receber os presentes trazidos. Pediu-lhe que levasse consigo o prisioneiro, a fim de ser abraçado por outros parentes que ficaram a bordo. Quando o navio partisse, Hans regressaria à taba, entregando-se ao cultivo da pimenta, mercadoria que esse barco tinha de vir buscar no ano seguinte.

Os indígenas concordaram com a proposta e Abati-poçanga partiu para Iteron, levando Hans em sua companhia.

Lá chegando, subiram todos ao barco, sendo recebidos com toda a cordialidade pelos franceses.

Hans contou-lhes a sua história e todos se enterneceram profundamente com tão longa tragédia.

Cinco dias durou a permanência de Abati a bordo. Ao termo desse prazo perguntou ele pelos presentes. O comandante disse a Hans que o fosse entretendo até o momento de largar ferro, mas de modo que Abati não se zangasse nem desconfiasse.

Hans engambelou o índio; apesar disso Abati desconfiou e insistiu em levá-lo para terra.

Hans fez-lhe ver que quando parentes e bons amigos se encontram, depois de longa ausência, não podem separar-se assim depressa; pediu-lhe um pouco mais de paciência; o navio muito breve iria partir e então regressariam todos à taba.

Abati achou razoável aquilo e cedeu.

Finalmente, completa a carga, embarcaram-se os franceses e o navio aparelhou para zarpar.

O comandante reuniu os índios na coberta e, por meio de um intérprete, disse-lhes que estava muitíssimo contente com todos por terem poupado Hans, apesar de o haverem apanhado entre inimigos. Disse que mandara chamá-los a bordo para os presentear em agradecimento pelo bom trato que dispensaram ao prisioneiro; disse mais que sua intenção era deixá-lo na taba de Abati, entregue ao cultivo da pimenta, já que Hans se dava tão bem por lá e era tão amado.

Nesse momento o comandante foi interrompido por um grupo de dez franceses que se declararam irmãos de Hans e lhe pediram que conseguisse dos índios a restituição do prisioneiro, cujo velho pai ansiava por abraçá-lo de novo.

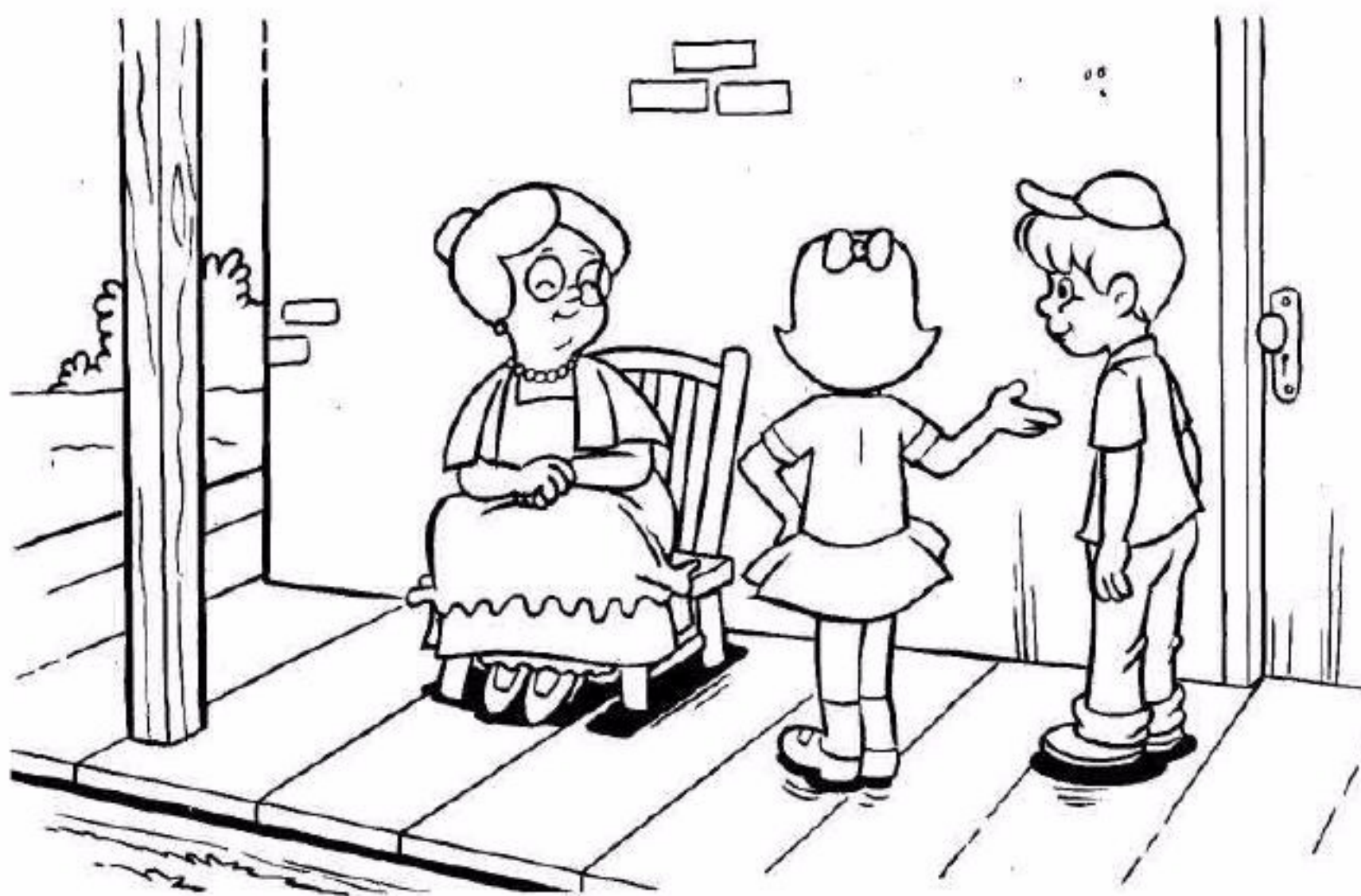
O comandante, depois de ouvida a súplica dos “dez irmãos”, dirigiu de novo a fala aos índios. Disse-lhes que sua intenção sempre fora deixar o prisioneiro com Abati; mas os dez irmãos queriam o contrário e, como ele era um só e os outros dez, não tinha meios de resistir ao número, sendo forçado a ceder diante da força.

Mal o comandante cessou de falar, adiantou-se Hans para dizer que muito desejava ficar na taba de Abati onde fora tão bem tratado, mas que se via impedido disso pela atitude dos seus dez irmãos.

Abati-poçanga declarou então que consentia na sua partida com a condição de voltar no ano seguinte. Era seu amigo, considerava-o seu filho e estava zangado com os de Ubatuba por terem querido devorá-lo.

A comédia acabou bem. O comandante fez vir facas, espelhos, machados e pentes e entregou tudo a Abati.

Terminadas as despedidas, os índios desceram às canoas. Ao vê-los, enfim, deixarem o navio, o nosso Staden soltou o maior *uf!* que a história do Brasil registra. Estava salvo!



— Que navio era esse, vovó?

— Esse navio chamava-se *Catherine de Vataville* e tinha por comandante o Capitão Guilherme de Moner.

No momento de deixar Iteron o Vataville avistou um barco português que também saía, depois de ter negociado com a tribo dos maracajás.

Os franceses lançaram ao mar um escaler com algumas bocas-de-fogo, com o fito de atacá-lo, levando consigo Hans. Como o artilheiro falava português, quiseram que ele fosse para intimar os portugueses à rendição.

O trunfo, porém, saiu às avessas. O naviozinho atacado reagiu valentemente e repeliu o escaler. Morreram vários franceses, além de muitos ficarem feridos, entre os quais o próprio Hans.

— Que azar! — exclamou Pedrinho. — Teria graça se depois de livre dos canibais morresse das balas dos peros...

— E quase foi assim — disse Dona Benta — porque Hans recebeu ferimentos graves; mas sua natureza era rija e por fim escapou.

A partida de Iteron deu-se no último dia de outubro de 1.554. Ferido como se achava, Hans não pôde despedir-se daqueles céus e daquelas montanhas, mas lá do leito em que ardia em febre disse mentalmente um “*até nunca mais*” à terra onde por um triz escapou de ser *moqueado* e comido.

A 20 de fevereiro do ano seguinte o Vataville chegou a Honfleur, na Normandia, depois de quatro meses de viagem sem incidentes.

Parece que a sorte adversa se cansara de perseguir o nosso aventureiro, depois de verificar que coisa nenhuma o vencia. Naufrágios, combates navais, guerra terrestre, sanha de antropófagos — nada pôde com ele.

Hans regressou à sua pátria, onde escreveu o livro em que conta estas histórias, livro precioso para nós porque foi o primeiro publicado a respeito de coisas do nosso país.

— Agora, que terminei a narração da sua vida atormentada, quero que vocês me digam que lição tiram dela — concluiu a vovó.

— Que não devemos desanimar nunca! — exclamou Pedrinho incontinenti.

— Isso mesmo — aprovou a boa senhora. — E você, Narizinho, que lição tira?

— Que são horas de ir para dentro porque a Emília está pendendo de sono — respondeu a travessa menina, abrindo a boca num bocejo de urutau.

**** Fim do Volume III ****